



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E
TERRITORIALIDADES**

GUILHERME MARCELINO DOS SANTOS SILVA

**RODA CULTURAL BATALHA DO TANQUE, O QUE VOCÊS
QUEREM VER? “SANGUE”, ORGULHO E IDENTIDADE**

Niterói
2018

GUILHERME MARCELINO DOS SANTOS SILVA

RODA CULTURAL BATALHA DO TANQUE, O QUE VOCÊS QUEREM VER?
“SANGUE”, ORGULHO E IDENTIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, do Instituto de Arte e Comunicação Social como requisito para a obtenção do título de Mestre em Cultura e Territorialidades. Linha de pesquisa: Mediações, Saberes Locais e Práticas Sociais.

Orientador Prof^ª. Dr^ª. Rôssi Alves Gonçalves

Niterói
2018

GUILHERME MARCELINO DOS SANTOS SILVA

RODA CULTURAL BATALHA DO TANQUE, O QUE VOCÊS QUEREM VER?
“SANGUE”, ORGULHO E IDENTIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, do Instituto de Arte e Comunicação Social como requisito para a obtenção do título de Mestre em Cultura e Territorialidades. Linha de pesquisa: Mediações, Saberes Locais e Práticas Sociais.

BANCA EXAMINADORA

Professor^a Dr^a. Rôssi Alves Gonçalves (orientador) – UFF

Professor Dr. Marildo Nercolini – UFF

Professora Dr^a. Cíntia Sanmartin Fernandes - UERJ

A todos aqueles que tiveram suas vidas ceifadas injustamente devido à cor da sua pele ou pelos seus ideais.

.

AGRADECIMENTOS

"Vem cá, eu vim de muito longe e trouxe alguma coisa pra falar, então me deixem falar". Quero agradecer, em primeiro lugar a Deus e a todas as forças do universo que colaboraram para que esse trabalho fosse concluído e com ele a realização de um sonho. Sou imensamente grato à vida, ao universo e tudo mais por cada passo que dei até chegar aqui, pois tive de tropeçar para ver como se anda. Faria tudo novamente, passaria por tudo novamente, da mesma forma e, se fosse possível, cercado pelas mesmas pessoas que acreditaram e acreditam em mim. Com isso aprendi que "é necessário sempre acreditar que o sonho é possível. Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível!".

O Racionais MCs me ensinou muitas coisas e entre elas foi "que o tempo ruim vai passar, é só uma fase e o sofrimento alimenta mais a sua coragem. Que a sua família precisa de você lado a lado se ganhar, pra te apoiar se perder. Falo do amor entre homem, filho e mulher. A única verdade universal que mantém a fé!" Por isso quero imensamente agradecer aqueles que, independente de qualquer coisa, decisão e ocasião sempre vão estar correndo lado a lado comigo, torcendo por mim, me ensinando e, quando necessário repreendendo, pois, o fato de amarmos alguém não significa que devemos apenas dizer aquilo que desejamos escutar. Todo meu respeito, amor, gratidão e admiração aos meus pais Mariléa dos Santos Silva e Geraldo Marcelino, minha madrinha que pra mim é um dos maiores exemplos de bondade e humildade que carrego, Maria do Carmo e minha irmã por todo suporte desde sempre Lívia dos Santos.

Agradeço profundamente aos meus amigos por todo apoio, fosse através de um "como está o mestrado?" até "não desanima!". Gratidão, pois "essa eu escrevi pros meus amigos, porque quando eu perdi, eles tiveram comigo, quando eu caí, eles tiveram comigo, então quando eu subir, eles vão tá comigo também!". Todo meu amor e respeito por Gabi Sanches, Clayton Souza, Marcelo Alves, Vanessa Figueiredo, Quezia Cunha, Jully Oliveira, Kamilla Mariano, Gabriel Nunes, Filipe Gonçalves, Tatiana Alves, Camilla Wingler, Thais Corrêa, Belisa Santos, Raquel Da Hora, Sidnei Lanes, Tayrine Gomes, Tayla Fernanda, Lucas Rodrigues, Phelipe Merlin e Matheus Cruz.

“Não sei se a escola aliena mais do que informa, te revolta ou te conforma com

as merdas que o mundo tá. Nem todo livro, irmão, foi feito pra livrar. Depende da história contada e também de quem vai contar!". Me sinto muito privilegiado em ter mestres tão incríveis e inspiradores em minha vida. Não existem palavras suficientes para agradecer por todo carinho, amizade, atenção e respeito comigo e meu sonho: Patrícia Cardoso d'Abreu, Rejane Moreira, José Ferrão, Marildo Nercolini e João Domingues, vocês são seres humanos incríveis! Espero, do fundo do meu coração, que eu consiga ser para o mundo ao menos 1% de tudo que vocês representam para mim.

Também "um salve a todos aqueles que escreveram e continuam escrevendo a nossa história com legitimidade" e verdade! Minha gratidão a: Heldinho Moreira, Luã Medeiros (Gordo), Renan Guimarães (NAAN), Romário Régis, Klauder Gonzaga (MC Revolução), Diego Dipro, Jeffinho e todos os MCs que cederam um pouco do seu tempo, paciência e por diversos ensinamentos.

Aqueles que estiveram todo o tempo ao meu lado. MUITÍSSIMO obrigado por serem pessoas tão especiais, fortes e singulares não apenas para mim, mas também para o mundo. Cada um de vocês é um pouco daquilo que o mundo precisa: Rôssi Alves, Hugo Oliveira, Mellyna Reis, Alice Santos, Talita Carvalho, Marília Almeida Gama, Paulo Castiglioni, Wallace Martins, Mau du Carta, Paula Lima e Raquel Guimarães, amo vocês, pois "em um mundo "Black Mirror" nós nos mantemos "Black Power"!

Por último, porém de nenhuma forma menos importante, quero agradecer a todos aqueles que lutam pela cultura de rua e pelo Hip Hop! Agradeço também a todas as pessoas que, lutam incansavelmente por um país que dê condições de vida iguais para todos. Muito obrigado para aqueles que se levantam contra a chacina do povo preto, contra o racismo, contra o feminicídio e homofobia. Também quero deixar aqui registrado, além desses agradecimentos, que esse trabalho é por cada pessoa que teve seu dom de viver covardemente retirado por uma "bala perdida" nas favelas do Brasil. Por cada pai e mãe que tiveram que enterrar seus filhos por conta da covardia travestida de "segurança" praticada pelo nosso Estado! Por cada um que tem sua liberdade retirada sem direito a defesa ou julgamento enquanto aqueles que deveriam estar atrás das grades ainda ditam as regras. E também por cada irmão e irmã que não teve o mesmo privilégio de estudar que eu tive: cada linha, frase, página, capítulo também foi feito por cada um deles. Ubuntu! Por todos os que lutam pela justiça e igualdade: "Nossa vitória não será por acidente!"

“Quantos morrem pela justiça feito Marielle
Ou choram pelo preconceito como Balotelli
Se eu gritar foda-se a polícia eu tô errado
Melhor, foda-se o Estado, eu quero ser livre! [...]
Oh, eu me coloco no lugar dos garotos assassinados em Maricá
voltando do show de Rap
Dá até pra imaginar!
Sonhavam com o mesmo que eu e pelo os meus eu tô aqui pra realizar
Não acredite eles não tão com a razão
Acelerei só pra seguir o coração”
Chris

“Começamos nos guetos das grandes capitais
Movimento dos pretos e de seus ideais
Somos filhos de Ketu, somos originais
Hip hop é feito com tempero de paz
Dançamos por aí, grafitamos murais
Lá eles têm Jay-Z, aqui tem Racionais
Pode ser Mc, se não for tanto faz
O importante é sentir
Que o hip hop é foda!”.
Rael da Rima

RESUMO

Essa pesquisa tem como principal objetivo observar e entender pontos que envolvem a Roda Cultural Batalha do Tanque, uma das batalhas de rima mais populares do Brasil, sobretudo o afeto nomeado como “orgulho”; pelos MCs e frequentadores desse movimento cultural urbano. A partir de entrevistas com moradores de São Gonçalo - cidade em que ocorre a batalha -, MCs que já batalharam e ainda batalham na Roda Cultural, produtores culturais, tentamos compreender aspectos importantes para a construção dessa emoção, como a questão histórica de resistência, a construção da identidade, familiaridade, localidade e pertencimento. Além das narrativas durante investidas a campo, também houve uma curadoria etnográfica, haja vista que as batalhas que ocorrem no espaço público são amplamente consumidas no ambiente virtual sendo, assim, um valioso campo de estudos. A Batalha do Tanque é uma grande escola de MCs e uma grande vitrine por conta de sua visibilidade. Nos últimos anos os MCs representantes do Rio de Janeiro no Duelo Nacional de MCs costumam ser frequentadores da Batalha do Tanque; esse fato é um dos que, possivelmente, colaboram para a existência desse sentimento -orgulho- tão presente, seja em músicas, rimas em batalhas ou em seus discursos cotidianos. A soma de outros fatores que serão trabalhados mostrou um cenário favorável para que esse sentimento pudesse ser cultivado, em vista que todos aqueles que se envolvem minimamente criam laços com o movimento cultural.

Palavras-chave: batalha de rima; resistência; orgulho; São Gonçalo

ABSTRACT

The main objective of this research is to observe and understand the points involved in the “Roda Cultural Batalha do Tanque”, one of the most popular rhyme battles in Brazil, especially the affection named as “pride”; by the MCs and the people who are part of this urban cultural movement. Based on interviews with residents of São Gonçalo - city where the battle takes place – , MCs who have already battled and still battle in the “Roda Cultural” and cultural producers, we try to understand the important aspects on the construction of this emotion, such as the historical question of resistance, construction of identity, familiarity, locality and the sense of belonging. In addition to the narratives during the fieldwork, there was also an ethnographic curatorship, since the battles that occur in the public space are widely consumed in the virtual environment and, thus, it is a valuable field of study. The Tank Battle is a great school of MCs and a great showcase due to its visibility. Over the last years, MCs who have been representing Rio de Janeiro in the National Duel of MCs are usually Tank Battle goers; this is one of the facts that possibly collaborate for the expressive existence of this feeling – the pride - in songs, in rhymes in the battles or in their daily speeches. The sum of other factors that will be studied showed a favorable scenario so that this feeling could be cultivated, since all those who get involved minimally create a bond with the cultural movement.

Keywords: rap battle; resistance; pride; São Gonçalo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa de São Gonçalo dividido por distritos e Bairros _____	34
Figura 2: Brasão do município de São Gonçalo _____	34
Figura 3: Aparelhos de ginástica da Praça dos Ex-Combatentes _____	42
Figura 4: Tanque exposto no centro da Praça dos Ex-Combatentes _____	43
Figura 5: Entrada da UERJ - FFP _____	45
Figura 6: Fachada do CE Walter Orlandini em frente à praça _____	45
Figura 7: Praça dos Ex-Combatentes durante dia de Roda Cultura _____	48
Figura 8: Meme referente a Batalha do Tanque _____	112
Figura 9: Meme referente a Batalha do Tanque _____	112

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. RESISTÊNCIA, QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA	19
1.1- Roda Cultural: o início de uma história de batalhas	28
1.2- Terra de Malboro, de Funkero e de Soldados, vim de São Gonçalo	32
1.3- Praça dos Ex-Combatentes: uma praça de guerra	41
2- RODA CULTURAL: UMA CULTURA URBANA E MARGINAL	49
2.1- Batalha de Rima: 45 segundos para ser @ “mais brab@”	53
2.2- A história da “maior” batalha de rima do Brasil	67
2.3- O que é a Batalha do Tanque? “O Tanque é a tropa, mano! Sempre foi assim, sangue pra nós é combustível!”	73
3- TANKFAMILY, OS CRIA, CRIADO E RELÍQUIA	82
3.1- Os “donos” da rua	93
3.2- Rede Social: um local de construção, afirmação e divulgação	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS: “O ÚLTIMO PAPO RETO”	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
LINKS UTILIZADOS	127

INTRODUÇÃO

A primeira vez em que tive contato com o rep¹ foi na década de 90, porém, não o rep da cultura hip hop, mas o rep que hoje é conhecido como funk. Sou nascido no Recanto das Acácias, uma favela que faz parte do Complexo do Salgueiro, dentro de São Gonçalo. Trata-se de uma "comunidade", ou melhor, favela, simples, onde todo mundo se conhece, mas que não corresponde ao imaginário social que compreende as comunidades como espaços designados a famílias em extrema pobreza. Uma favela onde as ruas são largas, existem poucos becos e vielas, mas da mesma forma que em outras, o maior e principal representante do Estado é a PM.

Por isso, faço a escolha de adotar o termo favela ao invés de comunidade, também numa tentativa de ressignificar esta expressão, citando-a não para falar sobre um lugar em que faltam saneamento ou a presença do Estado de forma não opressora, mas sim como um local potente, de criação, força e resistência.

É aqui, onde ainda moro, que tive meu primeiro contato com esse estilo musical. Recordo nitidamente de assistir ao programa da Furacão 2000, em que Cidinho e Doca cantavam o "Rap das Armas" e também o hino de muitos moradores das favelas do Rio de Janeiro, "Rap da Felicidade"; Bob Rum mandava o "Rap do Silva", lembro de cantar toda a letra de "Rap do Solitário" do MC Marcinho e de ficar imensamente feliz em ver Claudinho e Buchecha cantando na televisão o "Rap do Salgueiro".

Já o contato com o rep, estilo musical da cultura hip hop, tive por volta do final dos anos 90 e início da primeira década de 2000. Porém, sempre que me indago qual a primeira música rep com que tive contato, a insegurança me faz hesitar em apontar apenas uma música como marco inicial do meu contato com a cultura hip hop. Por esse motivo aponto três músicas que trazem diversas lembranças da minha infância e início da adolescência como meus primeiros contatos com esse estilo musical: "2345meia78" de Gabriel o

¹ Neste texto utilizarei o termo rep ao invés de rap. Uma vez que rap é a abreviação de rythym and poethry, por sua vez, rep é a abreviação de ritmo e poesia; uma forma mais espontânea e livre para se referir ao estilo musical no Brasil.

Pensador², a clássica "Diário de um Detento" dos Racionais MC's³ e "Eu tiro é onda" do Marcelo D2⁴. Apesar disso não tive contato com a cultura hip hop de uma forma mais intensa e complexa, pois isso ainda demorou um pouco para acontecer.

Durante parte da adolescência tive maior contato com o samba, pagode e um pouco de rock and roll. Minha vida esbarrou novamente com o rap e, de fato, lembro as duas músicas que me emocionaram e me motivaram em diversos níveis e momentos da vida: a primeira foi "Espírito Independente" do MC Marechal⁵ e "Acendam as Luzes" de Rashid⁶. Por conta dessas duas músicas, busquei mais sobre a cultura hip hop e a partir daí pude perceber o quanto estive cercado por essa cultura e não havia percebido.

Então o meu interesse pelo hip hop apenas cresceu. A convite de um amigo conheci um evento em praça pública que reunia aproximadamente 100 pessoas em plena quarta-feira à noite: a Batalha do Tanque. Recordo a primeira Batalha de MCs que assisti: foi a 61ª Batalha do Tanque, em janeiro de 2013, batalha entre Big Edy e Renan Guimarães, conhecido como Naan. Fiquei impressionado ao ver duas pessoas se "atacando" para todos ouvirem e que a cada rima o público vibrava. Era nítido o olhar das pessoas ao redor daqueles dois MCs, o sorriso largo de alguns, a vibração da plateia que levantava as mãos e gritava entre uma rima e outra, o gestual dos MCs enquanto o adversário rimava. E eu ali. Estava entendendo tudo, mas não estava entendendo nada! No entanto meu maior choque foi após Naan ganhar a disputa, abraçar e sorrir para Big Edy como se nada tivesse acontecido.

Desde então o rap passou a ser meu estilo de música favorito, o tipo de música que tem sempre algo a me dizer e a me ensinar. Foi com o rap que me descobri negro - junto a diversas outras situações - e também pude entender sobre a autoestima através dos clipes que passavam na televisão, como os do 50 Cent, Ja Rule, Jay Z, R. Kelly e outros. A questão da autoestima foi um dos fatores que me levaram a pensar o tema da primeira pesquisa que arquitetei.

² Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=G6uuawdNRno>> Acesso em 09/05/2018 as 17:47

³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=er-bYI9-3hM&pbjreload=10&has_verified=1> Acesso em 09/05/2018 as 17:50

⁴ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vKmD_UEOD2A> Acesso em 09/05/2018 as 17:51

⁵ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yiKAN1upmKY>> Acesso em 09/05/2018 as 17:53

⁶ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=MpO8aTuIyfg>> Acesso em 09/05/2018 as 18:01

Esta pesquisa surgiu enquanto pensava em outras questões ligadas às Rodas Culturais. Anteriormente minha intenção era observar a construção, afirmação e reconhecimento da identidade dos sujeitos que frequentavam as rodas culturais do Rio de Janeiro a partir das roupas e acessórios ligados a artistas e grupos de rep que eles consumiam. A minha maior curiosidade era a de compreender a forma como se dava essa relação entre identidade e consumo dentro do rep, em vista que existe a possibilidade de que a roupa seja uma forma de externar aquilo que, muitas vezes, fica oculto no subjetivo.

Com isso limitei meu campo de estudos a três Rodas Culturais: Roda Cultural Catete, Glória e Lapa popularmente conhecida como Roda KGL, o Festival de Rap e Cultura de São Gonçalo, conhecida por alguns como Batalha da TDD, e a Roda Cultural de São Gonçalo - Batalha do Tanque. Ia a campo em busca de compreender o que levava os jovens ao consumo e o que aquilo representava para eles.

Pesquisando sobre o consumo, em uma edição da Batalha da TDD, conheci um dos personagens mais importantes para essa pesquisa: Helder Moreira, mais conhecido como MC Eldin ou Heldinho. Quando o conheci e expliquei o que estava fazendo e o que pretendia com aquilo, ele prontamente se ofereceu para me ajudar no que eu necessitasse para a pesquisa. Mesmo tendo trocado o tema da pesquisa, Eldin foi uma pessoa essencial para a compreensão de diversos fatores que eu não compreendia por não ser próximo dos MCs e, também, graças a ele tive uma abertura para um diálogo maior com outros MCs. Além de Eldin outras pessoas envolvidas, direta ou indiretamente, com o Tanque me ajudaram muito em diversas questões como: Luã Medeiros (Gordo), Klauder Gonzaga, Naan, Romário Régis, Alice Santos, MC Dipro, Jhonny MC, Doug, Orochi, Carolina Santiago, Azzy MC, MC Lili, Fael do Catarina e diversas outras que aparecerão nas páginas seguintes.

Porém a troca de tema da pesquisa se deu por conta das questões que o campo me trazia, como a fala feita por Maurício Lourenço, conhecido como Pelé MilFlows, quando participava de uma etapa da Batalha do Real (BdR), que aconteceu em agosto de 2016. Durante a batalha, Pelé sempre citava São Gonçalo, sua cidade natal. Porém, o que mais chamou atenção foi quando o apresentador, MC Marechal, em vista de um possível empate, após pedir para

o público levantar as mãos para a votação perguntou aos MCs: "Por que é importante, para você, ganhar a Batalha do Real?". E Pelé respondeu:

Pô, importante pra mim é como: mostrar que os MCs do Tanque não é aqueles caras que ficam só falando merda na internet. Tá ligado? Que lá tem uma Roda Cultural e mostrar que faz o bagulho de verdade. Tá ligado? Independente se tem quinze, dezesseis ou vinte anos, qualquer um pode chegar, pegar no mic e mostrar que é bom! (PELÉ MILFLOWS, 2016, durante a Batalha do Real)

Passei a perceber que acionar a cidade, sempre que houvesse alguma oportunidade, era recorrente com outros MCs que frequentavam a Batalha do Tanque. Quando faziam música, quando batalhavam em outros lugares, era comum que, em algum momento, falassem sempre na cidade de São Gonçalo e na Batalha do Tanque. Baseado nisso iniciei uma pequena pesquisa para saber o motivo e encontrei um termo que era constantemente repetido por eles: "orgulho". Mas o que é esse orgulho? Em que é baseado? Onde surge? O que o motiva?

Um dos principais pontos da pesquisa, que se desenrolará nas páginas a seguir, é o "orgulho". Esse termo foi repetido inúmeras vezes por MCs, produtores e participantes envolvidos na Batalha do Tanque. Por isso, para entender o que é o "orgulho" que enunciam, performam e carregam em si, escolhi investigar pontos relevantes para que houvesse o nascimento de algo tão grande.

Esses pontos: resistência, família, pertencimento, localidade e identidade podem ser cruciais para entendermos de onde vem o orgulho e como é a sua manutenção.

Para entender o que é "orgulho", tomei o caminho de, inicialmente, entender o que são os afetos, pois é um ponto de partida para compreender como reagimos a determinados estímulos externos. Afeto (*affectus*) é uma transição, uma passagem de um estado de potência para outro que são gerados pelas afecções (*affections*) que nosso corpo e mente recebem. Portanto, o afeto "em duas dimensões: a da mudança, modificações que meu corpo e minha mente retêm na forma de emoções e sentimentos (*affectus*), e a da experiência da afetação (*affection*), isto é, a do poder de ser afetado." (SAWAIA, 2009, p. 367). Logo podemos perceber o que conhecemos como

emoções e sentimentos é o afeto e a experiência desses sentimentos são as afetações.

Entender o afeto sentido pelas pessoas implicadas na batalha é também tentar compreender de onde vem essa afetação e como ela ocorre, apesar de ser algo individual. Cada um tem uma maneira de receber e compreender, pois cada um tem um certo poder de ser afetado. Deleuze (2015, p. 147) dá o exemplo de animais (no caso um cavalo e um peixe) e um ou dois homens comparados um ao outro e afirma que eles não têm o mesmo poder de serem afetados, da mesma forma.

Os sentimentos em si são ideias envolvendo o presente e o passado, dentro de uma duração contínua; os sentimentos são uma ideia que indicam um estado do corpo afetado.

Aqui reside a principal contribuição de Espinosa à Psicologia, a relação positiva entre o poder que tem um corpo de ser afetado, na forma de emoções e sentimentos, e o seu poder de agir, de pensar e desejar. E como mente e corpo são uma mesma e única coisa, as afecções do corpo são afecções da alma, sem hierarquia ou relação causal entre eles. O que aumenta ou diminui a potência de meu corpo para agir aumenta ou diminui a potência de minha alma para pensar. Dessa flutuação depende a minha força vital de resistência, o que equivale à qualidade ética de minha existência. (SAWAIA, 2009, p. 367)

No caso do objeto deste trabalho, o que entendo como "aquilo que irá afetar" é a Batalha em seu sentido amplo - incluindo o passado, presente e a possibilidade de vislumbrar um futuro - como a sua história, como ela corrobora para a criação e formação da identidade e aquilo que se pode alcançar através da mesma. Cada ponto aqui pode ter sido um marco importante para a formação, construção e até manutenção desse sentimento. A batalha é um modo de escape e de inclusão. Ela afeta a cada um de uma determinada forma fazendo com que o sentimento, por vezes, pareça ser um modo de performar parte de uma identidade que é baseada em diversas nuances, principalmente no que gira em torno da Batalha do Tanque. O movimento cultural acaba sendo um catalisador de diversos fatores que colocam o sujeito afetado como o centro e centralizador daquilo que gira em torno da roda.

O sentimento nomeado de "orgulho" pode ser mais amplo do que eu possa descrever, pois pode ter diversas faces, pode ser nomeado de outras formas e se confundir com diversas emoções. Maria da Gloria Bonelli (2004,

p.358) em seu artigo "Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções", afirma, que "Emoção é conceituada como a consciência da cooperação do corpo com uma ideia, um pensamento ou atitude e o rótulo posto nessa consciência. Sentimento é definido como uma emoção amena".

As emoções são teias de sentimentos que surgem através do afeto. O que é nomeado como "orgulho" pode ser um rótulo que define um estado do corpo, alma e mente a partir do momento em que são afetados. Entretanto é curioso o fato de que o rótulo seja o mesmo para muitos MCs. Essa "etiqueta" pode vir de uma construção social daquele grupo de pessoas para definir um outro sentimento ou até uma mistura de diversos deles.

A partir dessa proposta irei iniciar esta pesquisa traçando rapidamente um pouco da história da criação da cultura hip hop, tendo em vista que a cultura hip hop é, de fato, uma cultura negra, que surgiu nos guetos americanos durante uma época onde eram inegavelmente excluídos da sociedade. Porém, para falar de uma cultura negra não é possível não abordar o assunto "resistência", pois o hip hop foi e é até hoje um instrumento de revolução, de denúncia e uma forma de resistência.

A partir do ponto de criação, será possível observar dois fatores importantes que são diretamente ligados à cultura e, conseqüentemente, a maioria das Rodas Culturais espalhadas pelo Rio de Janeiro. Esses elementos são a revolta e a resistência. Haja vista que esses dois pontos estão ligados por algum afeto. Outro item a se discutir é como a questão da resistência também esbarra no modo como a Roda Cultural entra nesse campo de lutas.

Em seguida tratarei sobre a cidade de São Gonçalo. A cidade em si tem uma grande influência cultural por conta de gonçalenses famosos, tanto no hip hop como também em estilos musicais diferentes do rep e no esporte. Sendo assim, irei contar um pouco da história do município e, com essa base, colocar a realidade ao lado de como alguns moradores compreendem a cidade.

E para ilustrar a Batalha do Tanque, utilizarei falas de entrevistas com os MCs que participam da organização e também das batalhas. Esses depoimentos retirados de entrevistas dadas a terceiros ou diretamente a mim são de grande importância para este trabalho e para a cultura urbana, pois são registros interessantes que colaboram com saberes que estão fora da academia.

A memória também é um fator importante para a construção da identidade, orgulho e resistência. Assim sendo, irei – apoiado no que foi contado por pessoas que ajudaram a movimentar a cultura hip hop em São Gonçalo - contar a história da Batalha do Tanque.

Também abordarei a questão da identidade, que é uma formação importante para a Batalha do Tanque. Alguns dos participantes, em sua maioria, performam uma "identidade do Tanque" onde eles "são o Tanque". Levando em conta esse ponto, trabalharei com conceitos de Kathryn Woodward, sobre representação e identidades, e Tomaz Tadeu (2009).

Outro ponto importante é o território. A praça onde acontece a batalha é muito representativa para a cidade e para a Batalha do Tanque. Um espaço público que está entre duas favelas e uma universidade e que contém armas utilizadas na Segunda Guerra. Tendo em vista essa tensão, para pensar a importância e construção desse espaço, sua ocupação, irei refletir sobre o "pedaço" e que leva a pensar também sobre "amabilidade urbana".

A presença desses artistas urbanos na internet também é ligada à identidade já que, em algum nível, eles a constroem diariamente, se expondo para diversas pessoas que acompanham seu trabalho. A rua, por ter grande importância para a Cultura Hip Hop é um tópico necessário, pois é nela que parte da identidade é construída, onde se dão negociações políticas e culturais. A rua também é uma entidade para os apreciadores da cultura urbana.

Os MCs da Batalha do Tanque formam uma família. Porém não é apenas uma família, é também um modelo de negócio que surgiu deles e é desenvolvido como por eles. Assim, baseado nas ideias de família, poderemos compreender o que é a "Tank Family". Porém esse formato de família também pode ser observado como um coletivo. Levando em consideração analisaremos sobre conceitos de "cria", "criado" e "reliquia", que fazem parte de uma questão geracional e também afetiva na cultura urbana e periférica.

A metodologia adotada para a pesquisa foi a etnográfica. Fui a campo constantemente buscando compreender o que era o sentimento e outras questões que serão apontadas a seguir. Durante as visitas observei de diversas maneiras como se dava a interação naquele local; por vezes realizava entrevistas com MCs e participantes da organização e em outras apenas

observava e recolhia dados que eram ditos através de conversas informais que ajudaram a nortear a pesquisa.

Assim, penso ter trazido alguma contribuição para entender esse sentimento tão presente na arte de rua, "orgulho", bem como as questões como identidade e família.

Entendendo que frequentadores, produtores e MCs da Batalha do Tanque podem discorrer de uma maneira mais intensa sobre alguns debates aqui, tentarei traçar um paralelo entre os dois tipos de conhecimentos: o acadêmico e o conhecimento da rua, sem sobrepor um ao outro.

1 - RESISTÊNCIA, QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA.

*Nas rodas eu vi o que nós por nós faz!
(Ramonzin)*

Falar de hip hop também é falar de resistência, quase não há como separar um do outro. O hip hop é um movimento cultural que nasceu no gueto e hoje é um movimento cultural global que movimenta artistas e multidões de todas as partes do planeta, que atravessa as fronteiras geográficas e físicas, conquistando cada dia mais amantes. Abordar o hip hop e não articular a história da cultura urbana com resistência pode ser deixar passar despercebido uma parte que hoje é importante dentro das Rodas Culturais que existem no Brasil. As Rodas Culturais, por serem uma manifestação artística da cultura hip hop, são um movimento de resistência que consegue unir diversas pessoas através da cultura como ação social e também política.

O hip hop nasceu num cenário onde o sistema político era profundamente racista, onde haviam leis semelhantes às do Apartheid na África do Sul. As leis impostas eram relativas a banheiros, bebedouros, assentos de ônibus separados para brancos e negros. A polícia era uma ferramenta fascista utilizada diretamente contra o povo negro e, correndo ao seu lado, havia a Ku Klux Klan (KKK), que agia com extrema violência contra negros na tentativa de empregar a supremacia branca⁷.

As agressões contra os negros não eram maquiadas ou feitas às escondidas, ao contrário, a violência praticada pelos brancos às pessoas negras acontecia em plena luz do dia e na frente de outras pessoas que eram a favor ou não daquela violência. O ódio contra o povo preto era tão inflamado que diversas pessoas negras eram impedidas de viver suas vidas e realizar tarefas do cotidiano normalmente, como ir ao mercado, trabalho, banheiro público...E algumas morreram por conta desse ódio gratuito e desenfreado.

Nesse contexto existiram muitas pessoas que hoje são sinônimos de luta e resistência, que brigaram por seus direitos e se tornaram ícones de luta e

⁷ Disponível em <<https://www.encyclopedia.com/history/united-states-and-canada/us-history/ku-klux-klan>> Acesso em 25/04/2018 as 13:11 e Disponível em <<https://www.historytoday.com/richard-cavendish/ku-klux-klan-founded>> Acesso em 25/04/2018 as 13:25

vida contra o preconceito. Como é visto em sua biografia⁸, Medgar Wiley Evers, em 1954, lutou junto a Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor⁹, quando teve sua candidatura à Faculdade de Direito da Universidade do Mississippi negada em 1954 e após conseguir levar o caso a Suprema Corte dos Estados Unidos, pôs fim a segregação naquela universidade. Medgar se tornou secretário da NAACP e realizou investigações públicas sobre o assassinato de Emmett Louis Till em 1955. Evers foi morto em 1963 com um tiro nas costas enquanto carregava camisetas escritas "As Leis de Jim Crow devem acabar"¹⁰. Seu assassino Byron De La Beckwith, supremacista branco e membro da KKK, foi preso em 1964, julgado por um júri totalmente composto por brancos e, conseqüentemente, libertado.

Na página da Livraria of Congress¹¹ diz que em 1955, Emmett foi torturado e assassinado por Roy Bryant e seu meio-irmão, JW Milam, após o menino de apenas 14 anos supostamente assobiar para uma mulher branca de 21 anos chamada Carolyn Bryant. Os assassinos de Emmett Till foram julgados inocentes e isso aumentou de maneira significativa o Movimento pelos Direitos Civis. No mesmo ano, Rosa Louise McCauley, conhecida como Rosa Parks, entrou em um ônibus - onde assentos para brancos e negros eram separados - e se recusou a ceder o lugar para uma pessoa branca. Por isso, Parks foi presa, acusada de violar a lei de segregação da cidade de Montgomery. Por conta do ocorrido, houve um boicote aos ônibus de Montgomery.

Já em 1957, Dorothy Counts, menina negra de 15 anos, sofreu ataques racistas ao ingressar na Harry Harding High School. Counts foi a primeira negra a ser matriculada naquela instituição de ensino. Ao caminhar para a escola, Dorothy foi xingada e cuspidada a pedidos da esposa de John Z. Warlick, líder do Conselho dos Cidadãos Brancos de Charlotte, Carolina do Norte. A foto de Dorothy caminhando em direção ao colégio seguida por uma multidão de pessoas pode ser encontrada facilmente na internet assim como sua história.

⁸ Disponível em < <https://www.biography.com/people/medgar-evers-9542324> > Acesso em 27/02/2018 as 22:36

⁹ National Association for the Advancement of Colored People NAACP

¹⁰ Disponível em < https://pt.wikipedia.org/wiki/Leis_de_Jim_Crow > Acesso em 16/11/2017 as 19:43

¹¹ Disponível em < <https://www.loc.gov/collections/civil-rights-history-project/articles-and-essays/murder-of-emmett-till/> > Acesso em 25/04/2018 as 13:47

Em 2012, Dorothy Counts cedeu uma entrevista à Folha de São Paulo contando um pouco do que aconteceu naquele dia¹².

Para resistir aos ataques fascistas, a comunidade negra passou a se mobilizar em defesa de seus direitos. Outros dois nomes muito importantes na luta pelos direitos civis naquela época – e até hoje - foram os de Martin Luther King e Malcolm X. Luther King e X foram dois dos mais emblemáticos líderes negros, sendo que com metodologias e pensamentos diferentes. King era pastor, estudou teologia na Universidade de Boston e se inspirava em ações que não fizessem uso de violência, pois era influenciado por Mahatma Gandhi. Martin foi um dos líderes ao boicote aos ônibus de Montgomery.

Aos seis anos de idade, Malcolm X teve seu pai brutalmente assassinado pela KKK e foi separado de sua mãe anos após. Malcolm foi preso aos vinte anos e na prisão se converteu ao Islã. X tinha uma visão socialista e, ao contrário de Luther King, defendia utilizar a violência como uma maneira de se defender dos ataques racistas. Ambos os líderes foram assassinados, Malcolm em 1965 e King em 1968.

E por último, porém longe de ser o menos importante ícone de luta dos negros por seus direitos, existem os Panteras Negras. Conforme aponta a história através de diversos meios, entre eles o site Geledés¹³ e o documentário *The Black Panthers: Vanguard of the Revolution*, de 2015, dirigido por Stanley Nelson, o Partido foi fundado por Huey Newton e Bobby Seale, em 1967, após a morte de Malcolm X. O Partido Panteras Negras para Auto-defesa, que mudaria seu nome algum tempo depois para Partido dos Panteras Negras como é conhecido até hoje. O Partido tinha forte influência de Malcolm X e Mao Tsé-tung; mais tarde se tornou um grupo guerrilheiro e tinha o objetivo de fazer patrulhamentos nos guetos negros visando defender os residentes. Esse patrulhamento servia para que os moradores não sofressem com a violência policial que era algo frequente. Os Panteras Negras seguiam um programa de dez pontos que, entre os tópicos, defendiam o uso de armas para proteção do povo preto e a isenção de impostos para os mesmos. Por conta de diversos conflitos e prisões, o grupo foi dissolvido e o movimento

¹² Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/65310-orgulho-e-preconceito.shtml>> Acesso em 27/02/2018 as 23:06

¹³ Disponível em < <https://www.geledes.org.br/historia-dos-panteras-negras-em-27-fatos-importantes/> > Acesso em 27/02/2018 as 23:27

perdeu a simpatia da comunidade negra. Com isso, o Partido adotou outra postura e passou a utilizar estratégias políticas convencionais e prática de serviços sociais para a população negra.

Essas condições políticas adotadas pelo Sul dos Estados Unidos foram as maiores responsáveis pelo grande número de migrações de aproximadamente 6 milhões de negros para o Norte do país na década de 70. Isso originou a criação de subúrbios enormes onde não havia estrutura.

No Norte existia a promessa do Sonho Americano, no Sul o chicote ainda estalava, e em ambos o retrato era caracterizado pela degradação urbana, elevadas taxas de pobreza e desemprego. As regiões normalmente eram associadas a altos índices de criminalidade, toxicodependência, alcoolismo, elevadas taxas de doenças mentais e suicídio. Geralmente existiam elevadas taxas de doenças devido as péssimas condições de saneamento, desnutrição e falta de cuidados básicos de saúde. Havia a ausência de redes formais de ruas, ruas numeradas, rede de esgotos, eletricidade, telefone e também careciam da falta de serviços básicos, como os serviços médicos e de combate a incêndios, havendo somente o policiamento, que no caso era feito para reprimi-los. (KURTIS, 2014, online)¹⁴

Um meio de ilustrar o que foi dito acima é o filme-documentário “Eu não sou seu negro”, de 2017, do produtor Raoul Peck. Trata-se de uma película baseada no livro inacabado do escritor James Baldwin, o documentário compara as propostas dos líderes ativistas Medgar Evers, Malcolm X e Martin Luther King com questões raciais contemporâneas.

Então, foi dentro desse panorama, onde os negros eram totalmente oprimidos e marginalizados, onde o sistema agia com violência física, política e econômica que surgiu a cultura hip hop.

Na década de 1970, nos subúrbios negros e latinos de Nova Iorque, mais especificamente no Bronx, surgiu a cultura hip hop. Os guetos¹⁵ enfrentavam grandes problemas sociais como violência, pobreza, tráfico de drogas, racismo e grandes problemas de educação e estrutura básica. Com isso, era nas ruas que os jovens encontravam um espaço de lazer e muitas

¹⁴ Disponível em: <<http://www.vaiserrimando.com.br/2014/02/21/origem-hip-hop-e-o-seu-compromisso/>> Acesso em: 28 de julho de 2016.

¹⁵ O termo "gueto" designa uma ala delimitada urbano, uma teia de instituições específicas de grupo e uma constelação cultural e cognitiva (valores, mentalidade) que implicam o isolamento sociomoral de uma categoria estigmatizada, bem como o truncamento sistemático do espaço de vida e oportunidades de vida de seus membros. (tradução nossa)

vezes entravam em gangues. As gangues agiam de forma violenta e até de forma opressora dentro do próprio gueto. Um fator de grande importância para a criação do Hip Hop são as Sound System's Jamaicanas: um sistema de som que consiste em grandes caixas de som, diversos discos e um deejay. Os deejays falavam ao microfone os nomes das músicas entre um disco e outro e faziam algumas improvisações. Durante a década de 60, com a grande imigração de jamaicanos para diversos países, entre eles os Estados Unidos, foi que a família de Clive Campbell se mudou da Jamaica para os EUA se alojando no Bronx em Nova York. No cenário caótico, Clive Campbell - hoje mundialmente conhecido como DJ Kool Herc -, decidiu realizar uma festa de aniversário de sua irmã, Cindy Campbell, na Avenida Sedgwick - 1520. Kool Herc escolheu esse apelido por conta da sua crew de graffiti que era chamada de Ex-Vandals onde assinava esse nome. Ele, com o seu sistema de som que consistia em dois toca-discos e um amplificador de guitarras, realizou a festa e, simbolicamente neste dia, nasceu o Hip Hop. Esse fato também traz em si outro fator que inspirou Herc a fazer aquele tipo de música: o disco "Sexy Machine" de James Brown. Durante as festas ele tocava "Give It Up or Turnit a Loose" de James Brown, Jimmy Castor's "It's Just Begun" e Booker T. & the MG's "Melting Pot". Essa festa animou e deu outra vida ao gueto.

Tanto a periferia brasileira quanto os guetos americanos são resultados da exclusão política e social que é praticada pelo governo e as forças que se interpõem entre aqueles sujeitos e o estado. Lóic Wacquant (2004, p.1) expõe que as paredes invisíveis do gueto negro foram erguidas pela sociedade branca, por aqueles que têm o poder¹⁶.

De fato, o gueto americano era um local segregado, território onde o Estado não chegava e não se importava em chegar; era separado, logo, tinha de se proteger ou ser protegido de alguma forma. Marcelo Lopes (2013, p. 127) destaca que no significado da palavra segregação a "sua primeira acepção é a "de ato ou efeito de segregar(-se); afastamento, separação, segregamento. Etimologicamente, "segregação" vem do latim *segregatio*, *segragations*¹⁷, que significa "separação". Partindo dessa separação, que consequentemente

¹⁶ The dark ghetto's invisible walls have been erected by the white society, by those who have power. (tradução nossa)

¹⁷ Grifos do autor

envolve falta de cuidados, os guetos se fortaleceram e se tornaram espaços férteis para artistas que viam na cultura hip hop um modo de vida, uma maneira de resistir a essa escassez de recursos.

Estar separado nesse contexto não é apenas estar segregado fisicamente (já que o gueto é afastado dos grandes centros), é também estar longe socialmente. Esse isolamento carrega em si um modo de afetar a autoestima do povo que é destacado, pois faz com que não se sinta parte de uma sociedade, logo "não tem direitos" e o único local que se é possível viver e sobreviver são as margens da sociedade. É nesse contexto de separação que nasciam as gangues, lutando por territórios onde era possível a venda de drogas.

Em uma dessas gangues estava Kevin Donovan, hoje mundialmente conhecido como Afrika Bambaataa, criador do termo hip hop e da ONG Universal Zulu Nation. Keith Negus (2011, p. 63) destaca que “na luta contra o racismo e a marginalização cultural, e em uma tentativa de “viver o sonho americano”, o rap surgiu também como tímida atividade comercial, além de variante e prática cultural”, assim havendo enorme potencial para ser uma prática cultural mundialmente conhecida.

O movimento não nasceu para se capitalizar e gerar um rio de dinheiro a grandes indústrias e a empresários que não se importam o mínimo com a periferia. Não nasceu para fazer superstars que bombassem no topo das paradas e ficassem milionários através de músicas desprovidas de conteúdo lírico. Não nasceu para deflagrar a misoginia, muito menos desvirtuar o caminho de jovens já precários através de letras prejudiciais, nem nasceu para plantar a violência. Ao contrário disso tudo, o Hip Hop nasceu para salvar vidas, e carregava nas costas a vida de passados que antes dele se foram através da mesma luta. A forma era diferente, mas a luta era a mesma. (KURTIS, 2014, sn)

Todos os elementos da cultura hip hop são um modo de resistência. A estética dos grafites que quebram os padrões das cidades, os MCs que através da música gritam a necessidade da autoestima do povo oprimido, a ação e protesto político através do corpo no break e o DJ que realiza montagens artísticas, misturando batidas, ritmos e melodias através de suas *pick ups*.

O surgimento do hip-hop está diretamente vinculado à história da música negra norte-americana e à luta por espaço e visibilidade por parte desse segmento. Os guetos de Nova York – habitados majoritariamente por uma população negra e pobre - foram o local de

onde surgiram as primeiras experiências dessa cultura. De lá, o hip-hop se disseminou para outras áreas, obtendo força principalmente nos centros urbanos que apresentam uma deficiente infra-estrutura sóciourbana. Através das letras das músicas, os grupos denunciam ou relatam tais condições adversas e, ao mesmo tempo, concedem o "direito à narrativa" aos setores socialmente marginalizados. (SOUZA apud FOCHI, 2007, p. 62)

Mas não apenas resistência, também a revolta é um ponto importante, já que a revolta e resistência caminham juntos. A revolta nasce a partir de um "não", da necessidade de se colocar um ponto final em algo. A revolta nos movimentos sociais negros e na cultura hip hop nasceram em uma forma de luta contra as perversidades que o povo negro vinha sofrendo. A arte, logo o hip hop, se transformou em uma das vozes desse povo. Protestar através de músicas, danças e muros foram e são vozes que não se deixam calar, pois "calar-se é deixar que acreditem que não se julga nem se deseja nada, e em certos casos é, na realidade, nada desejar" (CAMUS, 2011, p.26).

Os movimentos de luta e o hip hop têm seus personagens que deram sua vida, alguns literalmente, pela liberdade e os direitos civis. Artistas da música negra fizeram da sua arte um modo de luta, uma forma de apontar o que os guetos viviam, como Nina Simone, 2Pac, N.W.A, Rakim, Public Enemy, Notorious BIG e outros. Ativistas como Malcolm X, apontado anteriormente, deram sua vida em favor de uma causa. Os movimentos lutaram pela tomada de consciência daquele povo que se revoltava nas ruas e na arte.

Mas vê-se que ela é consciência, ao mesmo tempo, de um tudo, ainda bastante obscuro, e de um "nada" que anuncia a possibilidade de sacrifício do homem a esse tudo. O revoltado quer ser tudo, identificar-se totalmente com esse bem do qual subitamente tomou consciência, e que deseja ver, em sua pessoa, reconhecido e saudado - ou nada, quer dizer, ver-se definitivamente derrotado pela força que o domina. Em última instância, ele aceitará a derradeira derrota, que é a morte, se tiver que ser privado desta consagração exclusiva a que chamará, por exemplo, de sua liberdade. Antes morrer de pé do que viver de joelhos. (CAMUS, 2011, p.27)

Até hoje a revolta iniciada com os movimentos pelas lutas dos direitos sociais dos negros naquela década são uma referência de luta para a cultura hip hop atualmente. Sejam nas paredes, nos corpos, nas *pick ups* ou nas letras, o hip hop não é apenas um entretenimento; também é informação, também é elevação da autoestima, denúncia, protesto, política, é a retomada da conscientização e também sua ampliação.

Desta observação só se pode deduzir o seguinte: a revolta é o ato do homem informado, que tem consciência de seus direitos. Mas nada nos autoriza a dizer que se trata apenas dos direitos do indivíduo. Pelo contrário, parece efetivamente, pela solidariedade já assinalada, que se trata de uma consciência cada vez mais ampla que a espécie humana toma de si mesma ao longo de sua aventura. (CAMUS, 2011, p.33)

O sentimento de revolta, quando transformado em arte, afeta - de diversas maneiras - os sujeitos que a apreciam: seja o apreço por algum artista de rep, algum dj, alguma b-girl ou algum b-boy ou por algum nome do grafitti. Por conta dessa revolta, a cultura hip hop também é uma cultura de resistência.

O movimento hip hop abre as portas para aqueles que têm o desejo de se expressar e, por algum motivo, não se sentem ouvidos por conta do silenciamento ao qual são submetidos cotidianamente. Desse modo, a arte se torna um grito de denúncia. É possível captar o descontentamento em diversas letras de rep, por exemplo. Muitos artistas utilizam o ritmo e poesia para expor aquilo que acham errado e assim, através das músicas, conseguem dar voz e ser voz. Um exemplo é a música dos Racionais MCs "Negro Drama", integrante do disco "Nada como um Dia após o Outro Dia" de 2002 onde Edy Rock canta

Periferias, vielas e cortiços.
 Você deve tá pensando o que você tem a ver com isso?
 Desde o início por ouro e prata.
 Olha quem morre, então veja você quem mata!
 Recebe o mérito, a farda que pratica o mal.
 Me ver pobre, preso ou morto já é cultural.
 Histórias, registros, escritos não é conto, nem fábula, lenda ou mito.
 Não foi sempre dito que preto não tem vez?
 Então olha o castelo irmão, foi você quem fez cuzão? (EDY ROCK, 2002, Nego Drama)

Narrativas dentro do rep são comuns e muitas delas descrevem a enorme dificuldade em viver entre uma verdadeira guerra que atinge os moradores das favelas. Guerras entre facções rivais e entre a facção "dona" da favela e a polícia, infelizmente, ocupam parte da rotina daqueles que moram em comunidade. Um modo de denunciar esse tipo de mazela é através da arte. Kmillla CDD na música "Guerra" mostra uma parte de como se dá essa batalha entre o poder paralelo e o Estado.

A chapa tá quente, o bagulho tá doido.
 Eu tô na guerra.
 Quando o blindado entra a chapa sempre esquenta.
 Se envolveu de embalo quando viu tomou na venta.
 762 cantou, fogo com pimenta, disputa de potência pra vê quem se arrebenta.
 Eu tô na guerra, guerra de polícia com bandido [...]
 A bala canta vizinhança se espanta com a idade do garoto com um tiro na garganta.
 É feio!
 Quem sofre a consequência é o morador que se joga no chão com medo do terror.
 Filma tudo com o celular joga na rede social pra compartilhar.
 (KAMILLA CDD, 2017, Guerra)

Existe uma infinidade de artistas no rep que usam o espaço em suas músicas para ecoar o "grito sem voz" daqueles que anseiam por serem ouvidos como: Sabotage, RZO, 509-E, MV Bill, Thaíde, XIS, Rappin' Hood, Emicida, Criolo, Rashid, BK, Djonga, Antiéticos e diversos outros artistas.

Se o hip hop é revolta, ele também é um meio de resistência; o rep é resistência. Assim como a revolta existe de acordo contra um determinado poder, o rep é resistência, pois é contemporânea ao poder e para resistir "é preciso que a resistência seja como o poder", "tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele", e "que, como ele, venha de 'baixo' e se distribua estrategicamente" (GRABOIS, 2011, p. 12).

Resistência também é combate. É possível perceber que, desde a sua criação, o hip hop é um meio de combate. Um bom exemplo é o rapper, Griot, pedagogo e educador popular, Thiago EINIño. Em suas músicas, Thiago mostra as suas influências vindas da Umbanda e utiliza o rep como uma forma de resistência à intolerância religiosa e também quanto às lutas dos negros contra o racismo, como em "Pedagoginga".

Me alimento da sabedoria de entidades de terreiro.
 Sou guerreiro da falange de Ogum, zum zum zum.
 Capoeira mata um, mata mil.
 Pedagoginga na troca de informação.
 Papo de visão, nossa construção.
 Passa por saber quem somos e também quem eles são.
 Não entrar em conflitos que não tragam solução.
 Evitar a fadiga, não dar um passo em vão.
 Quando todo campo de conhecimento é válido.
 Só tem que o homem pálido.
 Nos vende que somente o seu que serve.
 Levanta-se a voz daquele que se atreve. [...]
 Pra mim contaram que o preto não tem vez.
 E o que que o Hip-Hop fez? Veio e me disse o contrário.
 A escola sempre reforçou que eu era feio.

O Hip-Hop veio e disse: "Tu é bonito pra caralho".
 O Hip-Hop me falou de autonomia.
 Autonomia que a escola nunca me deu.
 A escola me ensinou a escolher caminhos.
 Dentro do quadradinho que ela mesmo me prendeu. (ELNIÑO, SANT,
 KMKZ, 2017, Pedagoginga)¹⁸

Quando se fala de resistência, Elniño diz que:

Ficar vivo é importante, já que é bem difícil conseguir isso sendo preto e pobre rs. E que durante esse processo de ficar vivo, lutar com as armas que pode para manter sua dignidade e a dignidade do seu povo. Se tivermos informação você sabe que dignidade passa pelo acesso a mesma, então tu passa a ter a função macro de acessibilizar essa informação aos seus da melhor forma possível, seja se posicionando nas redes, seja criando obras artísticas, seja em conversas cotidianas, seja onde for, e é equilibrar a carga que isso traz para a sua vida, pois quando você tenta tirar o prato da mesa do sistema ele devolve agressivamente, fazendo da sua fome um standart a ser exibido em praça publica como forma de exemplo a não ser seguido! É luta diária! Do micro pro macro! De dentro para fora! (THIAGO EL NIÑO, 2017, Online)¹⁹

Outros artistas combatem todo tipo de intolerância em suas músicas como: Drika Barbosa, Lívia Cruz, Stefanie Roberta, Clara Lima, Tati Botelho, Taz Mureb, BK, Emicida, Racionais MCs, Rincon Sapiência, Djonga, Sant, Mc Marechal, Rashid, Amiri, Kayuá e diversos outros.

1.1 RODA CULTURAL: O INÍCIO DE UMA HISTÓRIA DE BATALHAS

Um dos espaços que absorve e divulga a cultura hip hop é a Roda Cultural, que explicarei de maneira mais ampla à frente, porém vale dizer aqui, de maneira resumida, que as rodas são manifestações que ocorrem em praças públicas e reúnem um grande número de pessoas, em sua maioria jovens, por diversos motivos e aspirações. Hoje existem aproximadamente 169 Rodas Culturais espalhadas por todo o estado do Rio de Janeiro²⁰.

¹⁸ Disponível em <<https://genius.com/Thiago-elnino-pedagoginga-lyrics>> Acesso em 05/11/2017 as 00:14.

¹⁹ Disponível em <<http://www.noticiario-periferico.com/2017/10/intolerancia-religiosa-e-o-que-o-rap.html?m=1#.Wf5uBYhrxPZ>> Acesso em 04/11/2017 as 23:56

²⁰ Dados disponíveis em <<http://www.artederaeresistencia.com.br>> Acesso em 15/07/2016 as 22:03

Vemos nas Rodas Culturais diversas formas de resistência: através das rimas, das poesias, dos corpos dispostos num determinado espaço, quando reunidos pela arte são modos de combater as políticas que não favorecem a quem realmente necessita, a falta de apoio a juventude e a outras questões coletivas que afetam, de alguma forma, a singularidade de cada um. As Rodas Culturais ainda sofrem uma perseguição por parte da Polícia. As rodas lutaram por muito tempo contra a opressão da PMERJ e, em algumas regiões, contra a milícia.

Esta é a dialética da luta cultural. Na atualidade, essa luta é contínua e ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtém vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas. (HALL, 2003, p. 255)

É dentro desse "campo de batalha permanente" que a cultura hip hop tem de se reinventar. A maioria das Rodas Culturais espalhadas pelo Rio de Janeiro já sofreram repressão da Polícia Militar. Muitas dessas abordagens não são realizadas de maneira pacífica por parte daqueles que representam a ordem e devem proteger os cidadãos. Por ser um evento que reúne muitos jovens de diversos bairros, por vezes bairros diferentes dos que ocorrem os eventos, existe claramente um pré-conceito com o movimento cultural urbano e com aqueles jovens. A truculência da PM ainda faz parte da preocupação dos agentes que promovem as rodas semanalmente, pois houveram situações onde organizadores foram conduzidos à delegacia, aparelhos desligados à força e até danificados, revistas nos frequentadores presentes e, em casos mais graves, o uso de spray de pimenta; ou seja, violência.

Por conta da perseguição, os produtores das Rodas Culturais tiveram de tomar uma postura mais profissional para que as Rodas sofram menos ataques opressores. Em 2017 o Deputado Estadual Marcelo Freixo lançou o Projeto de Lei 2.799/2017²¹, sancionada em janeiro de 2018, que declara como Patrimônio Cultural de natureza imaterial do Estado do Rio de Janeiro a cultura

²¹ Disponível em <

<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1519.nsf/0c5bf5cde95601f903256caa0023131b/92d9b55a14efb63a8325811c00674c4e?OpenDocument&Highlight=0,hip-hop>> Acesso em 22/02/2018 as 23:42

Hip Hop e todas as suas manifestações artísticas, como breaking, grafite, rap, MC e DJ.

Dentro dessa lei, uma das vitórias que vale aqui destacar é o segundo parágrafo do Art. 3º onde diz que "As Rodas Culturais estão dispensadas da prévia autorização da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro – PMERJ, da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro – PCERJ e do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro – CBMERJ, desde que não haja montagem de palcos, arquibancadas e camarotes.", sendo assim não é mais necessário o "Nada a Opor" em vista que a maioria das Rodas Culturais não utilizam palcos.

Por isso é preciso dizer que as resistências são sempre mutáveis. Estão sempre se refazendo segundo os poderes que se atualizam na atualidade. Nesta inflexão, resistir é criar, para além das estratégias de poder, um tempo novo. Isso implica que as resistências devem ser avaliadas sempre a partir dos jogos que se efetuam na atualidade. (MACIEL JR., 2014, p. 2)

E todo esse movimento de resistência anda de mãos dadas com as Rodas Culturais. Uma Roda Cultural, seja onde for, é um movimento também de resistência. Muitas rodas sofreram ou ainda sofrem repressão policial, falta de amparo do poder público, preconceito daqueles que veem uma roda como uma reunião de "vagabundos e bandidos"; não enxergando assim toda a potencialidade de um movimento cultural urbano. A falta de incentivo a essas rodas faz com que resistir se aproxime do "existir" e do "sobreviver". Muitas vezes - senão a maioria delas - os equipamentos utilizados nas rodas são doados ou comprados com o dinheiro dos próprios organizadores, que não recebem nenhuma remuneração por aquela manifestação.

A resistência também não é apenas do movimento cultural em si, mas também dos frequentadores que atravessam a cidade para poder fruir de um momento de lazer. Para moradores de favelas que têm uma roda cultural perto de suas casas, aquele movimento semanal se torna um ponto de resistência, onde o sujeito pode entender melhor quanto o seu direito à cidade, o direito de ir e vir e ressignificar os espaços que ele ocupa. A Batalha do Tanque, hoje uma das batalhas de MCs mais populares do país, assim como outras batalhas do Brasil, também teve seu momento de luta em que foi preciso resistir para continuar a existir.

Isso tem que ser levado em conta. Aquela porra ali é uma praça feita em 1970, poxa, não é uma porra feita pra tipo exaltar os heróis da Segunda Guerra, exaltou o regime militar, caralho... Tem um Tanque no meio! Muito louco que você pega uma parada de exaltação ao regime militar e você ressignifica a parada, tá ligado? E aí é a linguagem dos jovens, os moleques pretos que descem do morro e ficam lá e, porra meu irmão, e acham seu espaço na internet, seu lugar de fala na sociedade no espaço público. Olha que loucura! (REVOLUÇÃO, 2017, entrevista pessoal)²²

A Roda Cultural Batalha do Tanque, logo em seu início, também passou por um processo difícil frente ao poder público. Segundo Klauder Gonzaga, também conhecido como MC Revolução ou Logri, primeiro ganhador da Batalha do Tanque, a Batalha teve, antes das eleições de 2012, um diálogo amistoso com alguns políticos que desejavam chegar ao poder em São Gonçalo. No ano da eleição os políticos que iniciaram uma conversa com os organizadores da roda não conseguiram vitória e algumas das pessoas "mudaram de lado" como disse Klauder, com isso abandonaram a roda.

A partir daí houveram intervenções policiais por pressão de algumas pessoas que tinham ligação com a praça por serem militares e de alguns integrantes do poder público. Havia uma pressão por essa parte - que era contra a roda - que os organizadores não levassem à frente, pois "iria dar merda", como me apontou MC Revolução, mas o projeto seguiu. Assim em 2012 e 2013 houveram diversas edições da Roda Cultural realizadas sem o auxílio de som e, por isso, alguns frequentadores levavam violão e até faziam beat box para que as batalhas acontecessem.

A truculência da polícia era tão grande – tamanha a ânsia para que aquela manifestação não ocorresse - que uma vez chegaram a quebrar o som que era utilizado nas batalhas. O modo de resistir e lutar contra a repressão e o jogo de interesses políticos que a Batalha do Tanque se viu no meio foi a de continuar a realizar os eventos e paralelamente se aproximar de questões burocráticas para que a roda continuasse a existir. Houveram diversas edições da "Roda da Resistência" (que ocorreram por conta de impedimento da polícia) e logo teve também uma Roda da Pré-Bienal da UNE (Edição 147 da Batalha do Tanque) onde, além de batalhas e outras expressões artísticas, houve

²² Comunicação pessoal verbal com o autor em 18 ago. 2017

também um debate sobre questões pertinentes ao movimento cultural e estudantil.

Foi com muita persistência que em 23 de fevereiro de 2015, a Roda Cultural Batalha do Tanque conseguiu chegar à secretaria de cultura e obteve um alvará para que continuasse existindo sem interrupções da força policial.

Galera tenho orgulho em dizer que a Sec. de Cultura é Hip-Hop, acabo de sair de uma reunião muito produtiva do qual nosso Secretário de Cultura Michel Portugal se mostrou como sempre a nosso favor mantendo o compromisso de regularizar a roda e nos dando o seu apoio, assim nos respaldando contra iniciativas que tentam criminalizar nosso movimento, esse documento em minhas mãos nos dá independência para continuar nosso movimento dentro da lei, obrigado a todos que acreditam na gente, nossa vitória não será por acidente. (GORDO, 2015, postagem no facebook)²³

1.2 TERRA DE MALBORO, DE FUNKERO E DE SOLDADOS. VIM DE SÃO GONÇALO

Mas tente compreender. Morando em São Gonçalo você sabe como é! Hoje a tarde a ponte engarrafou e eu fiquei a pé."²⁴ (Seu Jorge)

Muitas pessoas conhecem o nome "São Gonçalo" por conta da música "São Gonça" do grupo Farofa Carioca ou pela voz de Seu Jorge em sua carreira solo após sair do grupo. Quem mora na cidade a conhece também por apelidos como: São Gonça, SG, Terra de Malboro e Sai Gon.

"São Gonçalo" é uma das inúmeras cidades do Brasil com nome de santo, é o segundo município mais populoso do estado do Rio de Janeiro. Antes era habitado por índios tamoios que foram surpreendidos pelos colonizadores. Em 6 de abril de 1579, a cidade foi fundada por Gonçalo Gonsalves. A igreja católica tem influência na fundação da cidade.

Inicialmente o desmembramento da cidade, que começou no final do século XVI, foi iniciado pelos jesuítas. A cidade também era um terreno fértil

²³ Disponível em <

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1624078581140973&set=t.100006165394113&type=3&theater> > Acesso em 16/11/2017 as 19:32

²⁴ Disponível em <

https://play.google.com/music/preview/Tbrgdsjiitsobe6ze3vb6eakasi?lyrics=1&utm_source=google&utm_medium=search&utm_campaign=lyrics&pcampaignid=kp-lyrics > Acesso em 05/10/2017 as 17:24

para plantações que, junto com as grandes fazendas, eram responsáveis pelo crescimento econômico da cidade no século XVIII. Eram incontáveis os engenhos de açúcar e aguardente, da mesma forma que prosperavam as lavouras de mandioca, feijão, milho e arroz²⁵.

São Gonçalo, até hoje, tem uma relação forte com a cidade vizinha, Niterói: seja para os gonçalenses que trabalham na cidade vizinha ou que, algumas vezes, visitam-na em busca de entretenimento.

Em 22 de setembro de 1890, o Distrito de São Gonçalo é emancipado politicamente e desmembrado de Niterói, através do decreto estadual nº 124. Em 1892, o decreto nº 1, de 8 de maio, suprime o município de São Gonçalo, reincorporando-o a Niterói pelo breve período de sete meses, sendo restaurado pelo decreto nº 34, de 7 de dezembro do mesmo ano. Em 1922, o decreto 1797 concede-lhe novamente foros de cidade, revogada no em 1923, fazendo a cidade baixar à categoria de vila. Finalmente, em 1929, a Lei nº 2335, de 27 de dezembro, concede a categoria de cidade a todos as sedes do município. (BRAGA, 2017, Online)²⁶

Hoje "SG" é conhecida como uma grande cidade, sendo que já foi tratada e posta como paróquia, freguesia, vila, município, voltou à condição de vila até que em 27 de dezembro de 1929, por fim, retornou à condição atual de cidade. São Gonçalo é uma cidade que poucos habitantes conhecem a história e curiosidades, como, por exemplo, o fato de que Itaipu, hoje bairro da região Oceânica de Niterói, já foi distrito de São Gonçalo e que nas décadas de 40 e 50 a cidade tinha o parque industrial mais importante do Estado e isso lhe rendeu o apelido de "Manchester Fluminense".

A cidade possui atualmente 92 bairros e inúmeros sub-bairros que, em sua maioria, surgiram a partir do loteamento de terras que já foram grandes fazendas, sítios ou chácaras. Dentre tantos bairros e sub-bairros, acredito que seja interessante destacar a história do nascimento de um deles: o Patronato. Antes, a localidade era conhecida pelo nome da fazenda que havia ali chamada de "Fazenda do Jacaré", que era propriedade do Barão de São Gonçalo. Posteriormente foi denominada Vila Éden e, após a construção do Patronato de Menores, foi denominada Patronato, como é conhecido até hoje.

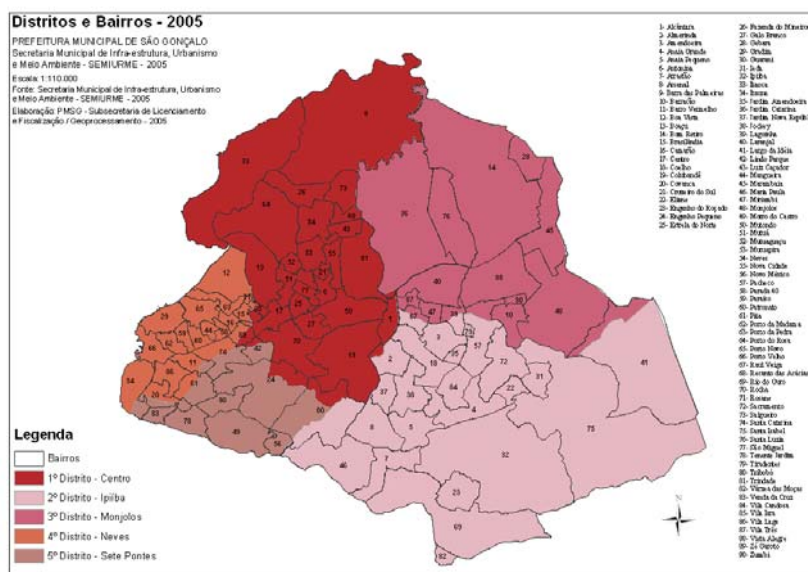
²⁵ Disponível em: < <http://www.saogoncalo.rj.gov.br/historia.php> > Acesso em 05/10/2017 as 17:37

²⁶ Disponível em < <http://www.saogoncalo.rj.gov.br/historia.php> > Acesso em 31/07/2017 as 20:45

É neste local que estão localizadas a FFP-UERJ e a Praça dos Ex-Combatentes de que irei falar mais a frente.

Segundo o censo de 2016, "São Gonça" tem uma população de 1 044.058²⁷ habitantes, sendo assim, o segundo município mais populoso do estado, o 16º mais populoso do país e a terceira maior cidade não-capital do Brasil.

Figura 1 – Mapa de São Gonçalo dividido por distritos e Bairros



Fonte: <http://www.saogoncalo.rj.gov.br/> (2017)

Figura 2 – Brasão do município de São Gonçalo



²⁷ Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=330490>> acesso em 31/07/2017 as 23:29>

Saber como São Gonçalo é vista a partir do mapa geográfico, do olhar histórico oficial é interessante para fazermos uma ligação com o "não oficial". Quando me refiro ao não oficial, falo da visão da cidade pelo morador, daquela pessoa que conhece bem a cidade, que vive a cidade de uma forma ímpar, apenas dela. As pessoas que hoje residem na cidade têm diferentes tipos de experiências: seja com a saúde, educação, locomoção, política ou com a violência.

Sou nascido em São Gonçalo e, como sempre ouvi de pessoas mais velhas e principalmente do meu pai: "São Gonçalo é muito grande. Você pode andar "tudo", mas não vai conhecer tudo!". Então, como eu posso interpretar uma cidade tão grande assim? Massimo Canevacci (2004, p. 17) considera que o olhar desenraizado, sem vícios de um estrangeiro tem possibilidade de perceber as *diferenças*²⁸ que um olhar já acostumado não percebe por conta do excesso de familiaridade. Concordo que o olhar de uma pessoa de fora, de que um "estranho no ninho" pode apontar diversas coisas que um olhar acostumado não consegue mais alcançar. Apesar disso, creio que nesse caso para explicar o que é São Gonçalo, optarei pelo olhar de quem conhece e reconhece a cidade. O diálogo que pretendo gerar aqui se põe melhor através das observações contínuas, do sentimento do pertencimento e da voz com propriedade para se falar de onde vive.

Tentar entender a cidade, a esperança depositada, o distanciamento e todas as outras inúmeras questões que colocam o sujeito e a cidade frente a frente faz com que – para quem não conhece a cidade – seja possível ao menos entender o mínimo dela. E é a partir desse olhar, de quem conhece a cidade, que vou me basear. Como ressalta Nicola Leskov (1962:236), mencionado por Canevacci (2004, p. 103) “Quem viaja tem muito para contar” reza o ditado popular e concebe o narrador como aquele que vem de longe, mas também quem “ficou na própria terra e conhece suas histórias e tradições” é um outro tipo de grande narrador”. E são essas narrativas que acrescentam ao modo como São Gonçalo pode ser percebida.

São Gonçalo é um município que abriga tantas pessoas que, com certeza, não consegue agradar a todos os habitantes. Há quem goste bastante

²⁸ Grifo do autor

e que se identifique com tudo que acontece por São Gonça e lamente pela "falta de reconhecimento" da sua cidade natal:

São Gonçalo, pra mim, representa domicílio, raiz, vontade de ser, sonho e ilusão. É meu lugar desde sempre, meu domicílio, minha identidade e referência. São onde se encontram as minhas raízes, o que tornou quem eu sou. É um lugar onde há alegria, simpatia, as pessoas são felizes, mas também onde falta muito e o sonho se confunde muito com a vontade de ser. É um município grande e com potencial. Que já tá cansado de revelar artistas, de abrir espaços pra diversão e arte, que empreende com grandes empresas, gera emprego, gera grandes fundos econômicos, mas... tudo fica na ilusão, nenhum reconhecimento é dado ao nosso município e a quem faz parte dele. São Gonçalo é um sonho lindo, mas até hoje só um sonho. (THAIS CORRÊA, 2017, entrevista pessoal)²⁹

Porém, há também quem não goste por diversos motivos que não deixam de ser legítimos, pois, como dizem "nem tudo é perfeito":

Morando em São Gonçalo você sabe como é! São Gonçalo era um bom lugar. Vivia bem tranquila aqui. Digo de forma sincera que o problema de "São Gonça" não é ele em si e sim quem administra. Hoje em dia viver aqui é bem complicado. A saúde se encontra em péssimo estado (isso quando se encontra!), a educação vai de mau a pior, o que faz com que a gente perca pra "vida" uma galera muito boa. Saneamento? Quando eles estão a fim, o que faz com que a gente adoença ainda mais. Transporte? Valores altíssimos e estruturas baixíssimas. segurança? Não existe. Estamos cada vez mais abandonados e reféns de um medo e a mercê de todo tipo de maldade, que já virou rotina do dia a dia de nós que vivemos aqui. O que é São Gonçalo pra mim? É um lugar que tinha tudo pra dar certo e deu tudo errado. (TAYRINE GOMES, 2017, entrevista por whatsapp)³⁰

Em algumas entrevistas que fiz percebi alguns discursos bastante interessantes onde a ligação e reconhecimento que um morador do município tem com o mesmo é a questão cultural. A cidade é reconhecida por alguns marcos culturais, como por exemplo: ser a cidade de um dos palhaços mais importantes do Brasil, o Palhaço Carequinha, e também por conta de confeccionar o maior tapete de sal da América Latina³¹

²⁹ Comunicação pessoal com o autor em 02 ago. 2017

³⁰ Comunicação pessoal com o autor em 02 ago. 2017

³¹ Disponível em <<https://tvuol.uol.com.br/video/tapete-de-sal-em-sao-goncalo-e-o-maior-da-america-latina-04020C9B3968D0916326>> Acesso em 02/08/2017 as 16:10

Nossa cidade tem importância cultural e religiosa muito forte, principalmente religiosa, né? O fato da Umbanda ter nascido aqui. E a falta da representatividade que isso tem, cara. As pessoas deveriam valorizar mais esse fato. Coisa que não é tão valorizada, é mais marginalizado. Representa muita coisa. A cidade deveria ser um foco de cultura muito maior. Ela tende a isso. Ela deveria atender a isso. (PABBLO CAZÚ, 2017, entrevista pessoal)³²

Em conversas informais, muitas pessoas afirmaram que a cidade tem um grande potencial para diversas atividades políticas, econômicas e principalmente culturais que contemplem a cidade. Por conta de muitos artistas de diversas áreas culturais terem nascido, morado ou trabalhado na cidade e de alguma forma terem criado sua arte em SG, é acrescentado – no imaginário comum – uma potência maior do que a realidade. Assim reconhece a fotógrafa e produtora Karolina Coube³³ que

São Gonçalo para mim é muito importante na força de acreditar na cultura, né? Lá é um celeiro, tem muito artista, muita gente foda, muita gente incrível, mas a gente não consegue... A gente não tem grandes oportunidades como a gente tem aqui no Rio." (KAROLINA COUBE, 2017, entrevista pessoal pelo facebook)

E quando se observa São Gonçalo pela perspectiva de um MC local, a cidade é de fato uma potência cultural, pois a sua fala, em algum momento, se conecta a Batalha do Tanque:

São Gonçalo, hoje em dia, é considerado um dos maiores polos de rap nacional, mano. Os maiores mcs de batalha tão saindo daqui e futuramente os maiores mcs do brasil, de música, de tudo, pá, sairão daqui. A gente tem vários mcs com visibilidade nacional, com grande número em música, em redes sociais e não só isso; com respeito na cena. Então São Gonçalo é um dos principais polos de música de rap do Brasil sem dúvida. (NAAN, 2017, entrevista pessoal)

Também existem falas que apontam para a Batalha do Tanque como a batalha mais difícil do estado do Rio de Janeiro; a batalha onde apenas os MCs mais bem preparados e "sanguinários" conseguem sobreviver a uma batalha de sangue. Esse tipo de afirmação coloca São Gonçalo como uma cidade que sempre preparou seus MCs para as batalhas mais difíceis dentro do circuito de *freestyle*.

³² Comunicação pessoal com o autor em 03 ago. 2017

³³ Comunicação pessoal com o autor em 02 ago. 2017

Minha cidade chegou a tal ponto, de reconhecimento nacional através da Batalhas. Através de mim, Nego Drama, Choice, Fael, Dois B, Jhony, Orochi, Knust, Naan, MZ, Doug, Pelé, Eldin, Ousalima, Jefinho, Big Eddy, LT, Dante e diversos outros MC's daqui de São Gonçalo elevaram essa cena de batalha de mc's. A minha cidade é referência pela Batalha do Tanque, Festival de Rap e Cultura e várias outras batalhas, e posso confessar a vocês que aqui, foram produzidos os MC's mais sanguinários da cidade do Rio de Janeiro, eu falo isso sem ter medo. (...) MC's preparados, bons de rima, em ataques, em respostas, estão prontos para arrancar a cabeça de qualquer um que venha de qualquer outro lugar, HAHHAHA (SAMURAI MC, 2016, postagem no facebook)³⁴

Tanto a cidade como a Batalha se tornam trecho de música, onde se coloca como afirmação de uma territorialidade e pertencimento, assim que os MCs iniciam uma ascensão profissional. Se em algum momento viver na cidade era algo ruim ou até motivo de vergonha, hoje, habitar aqui se torna um motivo de orgulho. Acionar a cidade onde nasceu é a confirmação de pertencer ao local onde se tem uma das batalhas mais importantes do Brasil. Isso é exposto tanto nas batalhas de MCs onde os artistas gonçalenses participam e em suas músicas. Um exemplo é a música "5AM"³⁵ de Llyncoln e Flávio Castro, respectivamente Liink & Orochi com produção de Kizzy, onde o MC Orochi diz

Vários Mc's de batalha morrem na batalha.
 Eu carrego dentro do peito a Batalha do Tanque.
 Faz Snap fumando Skunk e sua música é palha
 E a melhor parte da sua música é quando ela acaba (TremOf) [...]
 Hoje minha caneta virou minha AK-47.
 Taco bomba na pista e falo que foi só um teste.
 Tipo Estados Unidos mas é São Gonçalo Rap
 Faço milhões, foda-se a Jbs e a Odebrecht.(OROCHI, 2017, Música 5AM)

Ouvir essas pessoas, sua vivência com a cidade, suas experiências e opiniões me fez retornar anos atrás e pensar minha relação com o município onde nasci e fui criado. São Gonçalo é um município enorme e confesso que não conheço toda sua extensão. Com isso consegui perceber que a cidade "é constituída no dia a dia por essas tramas que ganham contornos e formas a partir de suas sociabilidades, de existência cotidianas, nas quais circulam os imaginários enunciados por aqueles que vivem e compartilham a experiência"

³⁴ Disponível em <

<https://www.facebook.com/oficialmcsamurai/photos/a.185641725147675.1073741828.184333225278525/328181657560347/?type=3&theater> > Acesso em 25/10/2016 as 16:23

³⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hnhmN0wAIzM&feature=youtu.be> Acesso em 28/08/2017 as 20:26

(FERNANDES, 2012, p.92). Por vezes, ao ter de mudar meu trajeto convencional, me vi em um bairro que não sabia da existência, uma rua que não tinha conhecimento, que havia ligação com aquela a que eu sou acostumado a passar. Poucas vezes caminhei por outros bairros diferentes do meu. Como João do Rio, em sua conhecida crônica "A Rua", caminha pelo Rio de Janeiro antigo, me vejo caminhando pelo meu bairro e por algumas outras partes da cidade, principalmente pelo centro: onde temos parte do comércio que ajuda a aquecer a economia, a prefeitura, a praça, o hospital e outros pontos importantes. João do Rio diz que "flanar é a distinção de perambular com inteligência".

Minha relação com São Gonça começou tarde e, sim, esbarra em quando conheci a Roda Cultural. Antes, habitualmente fazia um caminho bem cartesiano e sempre que tinha pretensão de passar por outras ruas que não fossem as de costume, tinha uma sensação de que algo podia estar errado. O conhecido medo do desconhecido. Quando fui estudar no centro da cidade, isso não mudou muito: pegava o mesmo ônibus, descia no mesmo ponto, atravessava a mesma rua, passava pela praça pelo mesmo caminho. Era um ritual.

Considero que isso tenha sido o reflexo do medo do bairro onde cresci. Não era bom passar por outra rua que não fosse a rua que eu morava já que era "mais perigosa", pois era onde os *meninos*³⁶ ficavam. Não valia a pena passar pela rua do campo (que carinhosamente chamamos até hoje de Mangueirinha), porque "vai dar uma volta enorme". A rua do lado era a rua em que a elevação do morro era maior, ou seja, ia se cansar mais ainda. Carrego essa relação com o modo de locomover: evitando determinadas ruas e não se arriscando em conhecer novos trajetos.

Carrego muitos trejeitos comuns a outros cidadãos: o modo de se localizar e se orientar. Estou falando daquele "modo pessoalizado e até mesmo íntimo" que temos, como exprime DaMatta (1997, p.30). Conheço poucas ruas ou bairros da cidade por nome, identifico esses por seus pontos de referências

³⁶ Os "meninos" são pessoas envolvidas no tráfico dentro de algumas comunidades do Rio de Janeiro; coloco como exemplo prático a comunidade em que fui criado: o Recanto das Acácias. A maioria dos "meninos" eram moradores ou conheciam a maioria dos habitantes do local. Por conhecerem a maioria das pessoas e também por sua baixa faixa etária, eram tratados como "os meninos". Poucas vezes ouvia-se o nome ou vulgo dessas pessoas quando falado por algum morador.

impessoais. Os modos de navegação gonçalenses são parecidos, mas observo um quadro interessante que é o falar as ruas através do transporte público. Não acredito que seja algo unicamente das pessoas que moram em São Gonçalo, mas é comum ouvirmos muitas referências como: "Sabe a rua por onde passa o 408 depois da Ponte Seca? Moro subindo ali!", "A minha casa é perto da rua em que passa o 403. Desce perto do bar", "Moro na principal, pode pegar qualquer ônibus que esteja escrito Paraíso".

Nesse sentido, a rua, tal como é retratada na obra de João do Rio, segue sendo o espaço em que se pode compreender a "alma" da cidade. A cidade imaginária, sentida e compartilhada em que realizamos nossas experiências cotidianas das mais banais às mais complexas e que constrói os sentidos dos diferentes lugares. (FERNANDES, 2012, p. 93)

Pensar na relação Pessoa X Cidade é um modo de compreender como a cidade é vista e o que é feito dela. Acredito que tanto o modo de enxergar a cidade quanto as diversas ações que podem ser realizadas a partir desse território são importantes para essa vivência, mas o modo como ela é vista, para mim, vem na frente. Saber o que é a cidade, tanto pela visão oficial e até cartesiana quanto pelo olhar daqueles que vivem a cidade, experienciam de modos diferentes é importante para observarmos, mais para frente, essa relação de sujeito com espaço. Me apoio aqui no conhecimento de Roberto DaMatta (1997, p.30) quando declara que "o espaço se confunde com a própria ordem social de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido". A compreensão da sociedade e de seus sujeitos, o local de onde vieram e até onde chegaram, é um passo para alcançar os pontos cruciais desse trabalho. A concepção do espaço, como ele é reconhecido e conhecido, através de uma ordem paralela à ordem social tradicional será tão importante, senão mais, quanto o conhecimento tradicional do espaço e do que ocorre nele.

1.3 Praça dos Ex-Combatentes, uma praça de Guerra

A Praça dos Ex-Combatentes está localizada na Rua Doutor Francisco Portela, uma das artérias de São Gonçalo. A praça está localizada em frente à Faculdade de Formação de Professores da UERJ, a FFP. Para saber mais sobre a praça e sua história, recorri aos arquivos do Jornal O São Gonçalo. Encontrei uma nota sobre a data de inauguração, com o título "Praça do Ex-Combatente será inaugurada no próximo dia 24", no jornal do dia 10 de outubro de 1970.

A inauguração da Praça do Ex-Combatente no bairro do Patronato, que estava prevista para hoje, foi adiada para o próximo dia 24, tendo em vista a resposta de algumas autoridades ao convite do prefeito José Alves Barboza, de que aqui não poderiam estar hoje, por terem assumido outros compromissos. A municipalidade manteve a solenidade de inauguração da Praça da Covanca, no bairro do mesmo nome, prevista para as 18 horas, quando estarão várias autoridades participando do ato presidido pelo Chefe do Executivo e que contará com a presença de populares (...) A Praça do Ex-Combatente, que está na fase de arremate no Patronato, também foi iniciada pelo senhor Osmar Leitão Rosa, atendendo a apelo dos ex-pracinhas gonçalenses através da sua associação de classe, visando a prestar a homenagem da cidade aos que, defendendo os ideais democráticos, lutaram nos campos da Itália durante a Segunda Grande Guerra. (O SÃO GONÇALO, 1970, p.1)

A praça foi construída durante a ditadura militar, quando, em 1969, a Junta Militar escolheu o general Emílio Garrastazu Medici como presidente. Dentro desse contexto político, a praça não foi construída apenas para homenagear os gonçalenses que lutaram na guerra, pode ter sido também uma demonstração de controle e força. O prefeito da cidade era Joaquim de Almeida Lavoura, que defendia o militarismo. A praça é composta por um obelisco, um mastro central para quatro bandeiras, mapa do Brasil e Brasões oficiais, um tanque de guerra, uma hélice, munições de guerra e um monumento aos soldados mortos que contém a mensagem, onde por conta do xarpi, passa despercebida: "Aos que em holocausto à Pátria, tiveram como túmulo às águas do atlântico ou a terra fria da Itália. A morredoura gratidão e imperecível saudade dos que ficaram". Três anos depois da inauguração da praça, a FFP foi construída de frente para praça. Uma curiosidade sobre a

localização da faculdade frente à praça é que a maioria das armas expostas estão direcionadas para a universidade.

O chão da praça é coberto por pedras de calçamento nas cores amarelo e vermelho. De frente para a rua principal, está colocada uma fileira de bancos de concreto que estão por toda a extensão da praça. Logo no início da praça existe um pequeno parquinho com o chão coberto de areia. Os brinquedos disponíveis no parque são: gangorra, balanço, escorrega e um trenzinho. Logo após o pequeno parque, há o Obelisco onde há uma placa escrito "Homenagem a FEB 2ª Guerra Mundial" e em sequência a "Academia ao Ar livre". A academia foi um projeto implantado pela prefeitura em que a maioria das praças da cidade receberam equipamentos onde moradores podem se exercitar gratuitamente.

Figura 3 – Aparelhos de ginástica da Praça dos Ex Combatentes



Fonte: Acervo pessoal do autor

Embaixo das árvores, durante a noite, fica escuro, se tornando um bom lugar para quem deseja "passar despercebido". Alguns grupos preferem esses locais, pois não ficam às vistas de quem passa pela rua principal. Os locais mais escuros da praça se tornam locais de privacidade no espaço público. Logo no primeiro canteiro, está a primeira peça de algo que remete diretamente

a guerra: uma hélice que fica em um pedestal. Na sequência de monumentos, vem uma placa onde está escrito "Prefeitura Municipal de São Gonçalo - Estado do Rio de Janeiro. reinauguração da Praça dos Ex-Combatentes. Aparecida Panisset, Prefeita. São Gonçalo, 30 de janeiro de 2010" e um pouco mais a frente um suporte para três bandeiras.

O monumento seguinte é o mais imponente e marcante da praça: o Tanque. Uma parte do armamento do Tanque fica apontado para o início da praça enquanto o canhão principal é direcionado à Faculdade de Formação de Professores (FFP-UERJ)³⁷.

Figura 4 – Tanque exposto no centro da Praça dos Ex-Combatentes



Fonte: Acervo pessoal do autor

E assim, ao lado, se encontra o memorial aos soldados mortos com mastro para quatro bandeiras. Quarta-feira à noite, o memorial se torna também um ponto de encontro onde é possível sentar-se para conversar. O memorial é de mármore branco, porém tem diversas intervenções de xarpi e o espaço cercado por correntes é utilizado como uma pista para andar de skate e as correntes se convertem em obstáculos a serem superados. Os canteiros

³⁷ Já houve um episódio onde o Tanque foi pintado de rosa com o intuito de "deixar o monumento "mais feliz"

também são utilizados por skatistas para fazerem suas manobras. De frente para o memorial é posicionado o único ponto de ônibus em toda a extensão da praça.

Ao lado do memorial está exposto o canhão naval que está apontado para cima. No canteiro seguinte acontecem as batalhas. O pequeno espaço serve de palco e são colocadas as caixas de som. O local é de livre acesso para todos que frequentam aquele espaço público, sendo que as pessoas que costumam ficar mais próximas ao local - em cima do canteiro - são os MCs e as pessoas que têm contato com os mesmos (isso se dá enquanto as batalhas ainda não estão acontecendo, pois logo que começam as batalhas, o público em geral também ocupa aquele espaço). O espaço, que por conta da movimentação tem pouca grama, funciona como um “camarim” para os MCs e seus amigos confraternizarem, aguardarem pela batalha. É o local de maior visibilidade da praça. Vejo como o único local da praça – um ambiente público – que tem capacidade de ser adaptado a um local com comportamento próximo ao de um espaço privado, mesmo que continue sendo público. Os bancos de concreto dispostos em frente a esse local, em dias de maior movimento na batalha, são utilizados como arquibancada. Justamente nesse espaço, entre muitos xarpis que estão expostos naquele local, existe um que, mesmo apagado, me leva a pensar como aquela manifestação pode ser percebida por pessoas que a observam a partir do senso comum. Nesse xarpi está escrito “hospício lotado”. Já no final da praça, ficam dispostos os seis bancos e mesas para jogar xadrez ou damas e os morteiros que estão direcionados para a Favela da Jaqueira. A extensão da praça cobre a extensão da FFP e do Colégio Estadual Walter Orlandine. As duas instituições de ensino têm aulas no período diurno e noturno, logo algumas pessoas que frequentam as instituições, nos intervalos ou ao acabarem suas aulas, as quartas frequentam, possivelmente, a batalha.

Figura 5 – Entrada da UERJ - FFP



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 6 – Fachada do CE Walter Orlandini em frente à praça



Fonte: Acervo pessoal do autor

É nesse espaço público que acontece semanalmente a Batalha do Tanque. Um local onde a participação gonçalense na guerra é exaltada com a

demonstração permanente de armas que foram construídas com o intuito de dizimar o inimigo. Durante as edições da batalha os objetos e o espaço são ressignificados, ganham novas finalidades e funções.

Arte pública pode funcionar como instrumento de cidadania cultural e política por incentivar a crítica social e dotar os espaços urbanos de novos sentidos. Sabendo-se que algumas áreas da cidade possuem maior carga simbólica que outras, teremos espaços públicos com níveis distintos de poder de visibilidade (SOUZA e MARFETAN, 2015, p. 1)

Às quartas, a partir das 19 horas, a batalha que é exaltada e praticada naquele local é outra. Mesmo sendo de “sangue”, todos de alguma forma são vencedores por conseguirem, através da arte, contrariar muitas vezes as estatísticas. Algumas pessoas chegam à praça superando suas dificuldades pessoais, porém no momento em que se inicia a manifestação cultural, as preocupações somem por algumas horas, pois o foco de vida se torna outro: a diversão, o reencontro e a sobrevivência numa “batalha de sangue”. Assim como na guerra essas armas foram utilizadas, as pessoas chegam armadas de diversas formas não bélicas, principalmente os MCs, que acabam carregando seu arsenal de rimas nas rodas de *freestyle* que se distribuem perto da âncora, onde acontecem as batalhas. No final, ninguém morre ao “sangrar” numa batalha, mas sim vivem após cada roda.

A ocupação semanal da praça pela batalha, além de reabitar e dar outra vida para aquele espaço, também acaba tornando-o outro, um outro local que ganha uma nova configuração através da ocupação. A praça deixa de ser formada apenas pelo que é inanimado e passa a respirar através do pulmão de cada um que se põe ali em conjunto.

A praça acaba sendo ponto de referência tão grande quanto a FFP-UERJ, quando é necessária uma referência de direcionamento para se navegar dentro da cidade. Isso se dá tanto pela sua importância histórica quanto por sua serventia como espaço que recebe a ocupação cultural urbana que movimenta aquele território.

Em dias de roda pode se perceber uma familiaridade dos frequentadores. Muitos caminham como se estivessem nas ruas de seus bairros: conhecem o espaço com uma precisão quase que inata. Mesmo não

sendo uma praça larga, mas sim extensa, seus "caminhos" são definidos. Há convivência de diversos grupos que coparticipam e coexistem. Há grupos que se reúnem em dias de ocupação, mas não estão interessados no que acontece nas batalhas. Estão ali por conta de uma visão "instrumental" da praça. As possíveis experiências que podem ocorrer naquele lugar e as experiências que o local é capaz de proporcionar ao indivíduo iniciam um novo significado para o espaço. SOUZA e MARFETAN (2015, p. 6) encaram que "a experiência de lugar também pode ser coletiva e o espaço público, como um espaço de encontro, pode funcionar como um "lugar coletivo".

O espaço público acaba adquirindo outros significados, o mais comum é o de "casa". Posso usar como exemplo as conversas que tive com Jhon e Noventa, dois MCs que não são de São Gonçalo e disseram que ali se sentiam em casa, pois tinham sido bem recebidos:

Segundo Edward Relph, duas das características principais do lugar são o caráter de reunião e o sentido de lar. Ou seja, um lugar deve ser um espaço em que as pessoas se reúnem, se encontram e onde "as raízes são mais profundas e mais fortes, onde se conhece e se é conhecido pelos outros, o onde se pertence. (RELPH,2012:24 apud SOUZA e MARFETAN, 2015, p. 6)

Levando em consideração a se pensar na praça e tudo aquilo que pode ser desenvolvido nela, me apoiando em MAGNANI (2003), uma categoria que ajudará a pensar a relação do espaço com os atores que movimentam a praça é o "pedaço".

Por essa relação de estar, de se sentir em casa dita pelos jovens, a praça acaba se tornando um espaço fluído entre a casa e a rua. É neste lugar que podem encontrar uma ou mais pessoas que façam parte do seu "bonde", do seu círculo de contatos. Mesmo não se conhecendo, todos os jovens se reconhecem ali naquele espaço.

O "pedaço", porém, apontava para um terceiro domínio, intermediário entre a rua e a casa: enquanto esta última é o lugar da família, à qual têm acesso os parentes (ligados por laços já estabelecidos de antemão) e a rua é dos estranhos (onde, em momentos de tensão e ambiguidade, recorre-se à fórmula "você sabe com quem está falando?", para delimitar posições e marcar direitos), o pedaço é o lugar dos colegas, dos chegados. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e do que se pode ou não fazer. (MAGNANI, 2003, p. 12)

E é dentro desse "pedaço" que ocorre a arte pública marginal, como define ANDRADE (2010, p. 51 apud SOUZA e MARFETAN, 2015, p. 8) já que é "ligada a grupos marginalizados, ou seja, uma arte marcada pela exclusão social. Ou seja, a arte também é influenciada pelas contradições de um sistema desigual." A intervenção que ocorre na praça cria conexões e interações entre frequentadores e espaço que vetam a ideia individualista. SANSÃO (2012) aponta a amabilidade urbana como atributo de um espaço amável, espaço que promove ou facilita o convívio. Assim sendo, a questão da amabilidade urbana no pedaço serve como apoio para falar da Praça dos Ex-Combatentes em dia de batalha. A intervenção da batalha, naquele espaço físico, transforma o que foi construído anteriormente, com um determinado propósito, em diversas intenções que não apenas os propósitos iniciais. E assim acabam aproximando as pessoas e sendo ressignificado a cada encontro que reorganiza o cotidiano; não apenas o cotidiano, mas também o uso que é dado para aquele pedaço.

Figura 7– Praça dos Ex-Combatentes durante dia de Roda Cultural



Fonte: Acervo pessoal do autor

2 - RODA CULTURAL: UMA CULTURA URBANA E MARGINALIZADA

Entender o que é uma Roda Cultural e o que é uma Batalha de Rimas será muito importante para o trabalho, mesmo que ambas se confundam em algum momento, há nelas diferenças que ajudam a compreendê-las.

Observo uma Roda Cultural como um movimento urbano de resistência e de reconstrução da cidade. Um movimento de resistência a partir da forma e propensão em modificar perspectivas sociais de alguns sujeitos que participam do movimento e entram em uma batalha contra a marginalidade. Quando me refiro à marginalidade me refiro mais ao sentido sociológico

Já marginal adjetiva aqueles que estão em condição de marginalidade em relação à lei ou à sociedade, possuindo, portanto, sentido ambivalente: assim como se refere, juridicamente, ao indivíduo delinquente, indolente ou perigoso, ligado ao mundo do crime e da violência; aplica-se, sociologicamente, aos sujeitos vitimados por processos de marginalização social, como pobre, desempregados, migrantes ou membros de minorias étnicas e raciais, tendo como sinônimo, neste último caso, o adjetivo marginalizado. (PEÇANHA, 2009, p. 36)

Um movimento de reconstrução a partir da visão de que essas Rodas Culturais reocupam o espaço fisicamente e também simbolicamente, refazendo assim a cidade e os modos de usufruí-la.

Concordo com Robert Park (1967, p. 3 apud HARVEY, 2013, p.47), quando diz que "...se a cidade é o mundo que o homem criou, então é nesse mundo que de agora em diante ele está condenado a viver. Assim, indiretamente, e sem nenhuma ideia clara da natureza de sua tarefa, ao fazer a cidade, o homem refez a si mesmo". E justamente, como uma tentativa dessa quebra da dureza e a troca pela leveza do viver auxiliado pelo prisma da arte que as rodas ganham seu espaço.

As cidades não são pensadas e construídas realmente para todos. Por isso vejo as Rodas Culturais como parte do esforço de inserção e capacitação cultural de sujeitos que não têm acessos – ou creem que não têm – a determinadas partes da cidade e tudo aquilo que o local tem a oferecer. Em síntese, a roda cultural pode ser percebida como um estímulo para a reconstrução da cidade.

O direito à cidade, como comecei a dizer, não é apenas um direito condicional de acesso àquilo que já existe, mas sim um direito ativo de fazer a cidade diferente, de formá-la mais de acordo com nossas necessidades coletivas (por assim dizer), definir uma maneira alternativa de simplesmente ser humano. Se nosso mundo urbano foi imaginado e feito, então ele pode ser reimaginado e refeito. (HARVEY, 2013, p. 58)

Para entender o que é uma Roda Cultural, vale pensar primeiro nos locais onde elas surgem. As Rodas acontecem, na grande maioria das vezes, em praças públicas. As praças que são ocupadas por essa manifestação muitas vezes estão abandonadas, sendo que elas estão localizadas geograficamente perto de comunidades. Uma roda cultural é um evento que acontece, geralmente, semanalmente nessas praças e em outros espaços públicos de diversos bairros no estado do Rio de Janeiro. Existem muitos tipos de Rodas Culturais espalhadas pelo Rio de Janeiro e por todo o Brasil. Esse movimento, que vem crescendo e ganhando cada dia mais visibilidade, é um reflexo de parte de uma demanda vinda da juventude que anseia por novos modos de entretenimento e jeitos não convencionais de acesso à cultura. Essa mesma juventude busca não apenas modos convencionais de aproximação a outros tipos de cultura – que podem lhe ser negados por fatores sociais e econômicos -, também ao direito de usufruir de espaços que lhes são dificultados e igualmente o acesso à informação e política

A cena cultural carioca de rua anda “bombando”. E esta efervescência está sendo promovida por jovens, moradores de diversos bairros da cidade, sem recursos financeiros, reconhecimento, apoio e anuência do poder público. Fomentando muita arte e também aparelhos culturais que dão visibilidade a um tipo de expressão artística sem lugar na cena cultural tradicional da cidade, as Rodas Culturais estão respondendo informalmente aos anseios de uma juventude criativa, plural, que não é acolhida nos equipamentos formais de cultura. (ALVES, 2014, p.442)

Sendo assim, uma Roda Cultural tem em si outras atividades culturais artísticas inseridas, como: batalha de rimas, slam de poesia, roda de freestyle, graffiti, batalha de tags, encontro de xarpi, malabares, dança e outras artes.

Uma Batalha de Rimadas, como aponta Rôssi Alves (2013), pode sustentar-se apenas com a disputa de MCs. Não existe algo que impeça de existirem outras atrações como shows de MCs frequentadores da batalha ou de outros locais. Hoje, em determinadas ocasiões, as rodas acontecem

também em locais privados, onde se é cobrada a entrada daqueles que desejam ver as batalhas e outras manifestações que ocorrem durante as rodas culturais. Alguns eventos privados, para atrair maior público, convidam ou contratam MCs para batalharem durante o evento. Essas batalhas acabam sendo um atrativo a mais e, por vezes, o campeão da noite ganha algum tipo de prêmio em dinheiro ou brindes como tattoos e roupas, como aconteceu no evento "50cents X Batalha do Tanque"³⁸ que ocorreu na Febarj, casa de eventos do Rio de Janeiro. Sabendo que há possibilidade de que uma roda cultural aconteça dentro do espaço privado, e a mistura desses eventos pagos com as manifestações que acontecem em praça pública gratuitamente, para este trabalho irei considerar como Roda Cultural apenas os eventos que ocorrem em praças públicas.

Uma manifestação que pode ser confundida com uma batalha de rimas são as rodas de *freestyle*. Ao contrário das batalhas, como veremos a frente, nas rodas de *freestyle* o MC não tem a intenção de ganhar ou se sobressair ao outro. Muitos MCs utilizam essas rodas como aquecimentos antes das batalhas e os MCs que não entraram na batalha naquele dia, participam dessas rodas com o intuito de socialização e pura diversão. Alguns MCs menos experientes utilizam a oportunidade de uma roda de "free" para praticarem e ganharem um pouco mais de experiência, já que nessas rodas também participam MCs mais antigos.

O freestyle desinteressado é a rima de improviso criada em situação de descontração, cujo objetivo é construir uma poesia da qual emane emoção e mensagem. Há normalmente uma narrativa, pois parte-se, comumente, de um tema "proposto" pelo primeiro a rimar e, numa socialização e respeito à roda de rimadores, mantém-se o tema, desenvolvendo-o. (ALVES, 2014, p.4)

Algo que noto com grande interesse nessas manifestações é a dimensão extra-geográfica que ambas possuem; seja a Batalha de Rimas ou a Roda Cultural. Vejo essas manifestações ultrapassando as fronteiras das praças ou dos locais em que são realizadas. As teias sociais que são trançadas estão para além do dia ou local em que as batalhas ou as rodas ocorrem. As rodas possibilitam transfigurações desde o âmbito político até as

³⁸ Disponível em <<https://www.facebook.com/events/1147199305317099>> Acesso em 08/08/2017 as 16:25

transformações entre casa e rua, entre um desconhecido que acaba se tornando um membro de sua família.

Não há quem fique indiferente a essas manifestações. Os reflexos são internalizados nos corpos dos sujeitos que ali se encontram - tanto o encontro com o outro quanto ao encontro pessoal, com ele mesmo - e são levados além dali. Uma forma de se pensar que a cultura não sai da pessoa mesmo após o fim da manifestação.

É através do corpo e da rede de relações criadas a partir dele que arte e cultura se propagam objetiva e simbolicamente. A cultura encontra no elemento do corpo e em todas as suas formas de exterioridade e transbordamento suas principais ferramentas de difusão. É na inscrição do corpo na arte que surge a performance. E através dela o sujeito compõe diferentes dinâmicas sociais (ALVES e CARVALHO, 2014, p. 1)

E é através dessas relações que essas manifestações são ampliadas e expandidas. Não acredito que elas devam ser pensadas apenas nos limites geográficos, também devem ser pensadas além das calçadas que envolvem as praças. Por conta desses vínculos e conexões, que vão além das praças e dos locais em que ocorrem os eventos, que percebemos um dos motivos das rodas nunca se repetirem, pois, as relações entre as pessoas e o espaço, bem como os relacionamentos interpessoais estão em constante mudança.

Assim, em vez de pensar os lugares como áreas com fronteiras ao redor, pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais, mas onde uma grande proporção dessas relações, experiências e entendimentos sociais se constroem numa escala muito maior do que costumávamos definir para esse momento como o lugar em si, seja uma rua, uma região ou um continente. (MASSEY, 2000, p. 184)

Com isso as fronteiras e limites se dissolvem nos momentos em que as relações sociais se conectam e reconectam e alcançam além dos limites de uma praça, uma calçada ou uma rua.

2.1 - BATALHA DE RIMA: 45 SEGUNDOS PARA SER @ "MAIS BRAB@"

As Rodas de Rima são verdadeiras escolas para os MCs que desejam seguir uma carreira artística. Em uma roda você pode lidar com as diversas reações do público, como silêncio, vaias e os tão esperados gritos que consagram o momento da melhor rima. Num espaço curto de tempo, os MCs podem experimentar essas sensações que, caso sigam a carreira artística, irão acompanhá-los durante a sua trajetória.

Os quatro tipos de batalhas mais conhecidos são: batalha de sangue, de conhecimento, de imagens e de ideias. Todos os estilos de batalhas têm como finalidade testar a capacidade criativa e habilidade dos MCs contra outros MCs. Durante uma batalha outros quesitos são admirados além das rimas bem elaboradas, que são o ponto alto das disputas; pontos como a movimentação no espaço dedicado a batalha ou palco, empolgação e técnicas também são observadas e julgadas. Apesar de existirem quatro tipos de batalhas, exemplificarei apenas duas, a de sangue e a batalha de conhecimento, pois as de imagens e ideias se assemelham bastante à batalha de conhecimento.

Uma batalha de conhecimento visa testar os MCs quanto a sua capacidade de raciocínio frente aos temas propostos. Inicialmente, numa disputa de "par ou ímpar", os MCs escolhem quem começa a batalha. Antes da batalha ser iniciada são dadas palavras aos MCs para que eles montem suas rimas. As palavras ou temas que devem ser utilizados são ditas pelo público ou são escritas em um flipchart³⁹

A batalha é composta por dois rounds de 30 ou 45 segundos. Funciona da seguinte forma: o primeiro MC tem o direito de compor suas rimas durante esse tempo e, após o término, seu adversário tem o mesmo tempo para fazer suas rimas, finalizando assim o primeiro round. O segundo round se inicia com o MC que terminou o round anterior, começando a rimar e seu adversário terminando. Ao final dos dois rounds, o apresentador pergunta ao público qual o melhor MC naquela batalha, falando o nome de cada um por

³⁹ Flipchart é um tipo de quadro - em um cavalete - em que fica preso um bloco de papéis em branco.

vez. O público faz barulho para o MC que acredita ter sido melhor, caso não seja fácil distinguir pelos gritos, o apresentador pode pedir que o público coloque as mãos para cima. Importante ressaltar que a pessoa que levanta a mão para um MC não deve levantar para o outro. Caso mesmo assim persista o empate, é dado mais um round e, ao final, o público é quem decide. Dificilmente há um quarto round.

A Batalha de Conhecimento pode ter outros nomes como batalha de tema ou de palavras, porém o princípio de testar a sabedoria dos MCs é o mesmo. Esse tipo de batalha é uma opção para alguns MCs que não gostam da ideia de depreciar outros artistas. ALVES (2013, p.25) aponta que "esta modalidade de batalha que incentiva um debate de ideias é aclamada pelos que veem nas batalhas de sangue apenas eventos que promovem uma disputa vazia de conteúdo e incentivadora de violência verbal".

A batalha de sangue é a preferida de muitos MCs, porém não é unânime. Vejo que uma das maiores influências são as primeiras batalhas com as quais tiveram contato. Não foi incomum ouvir que a primeira batalha que assistiram foi de sangue e muito menos incomum que o primeiro contato tenha sido alguma batalha de um artista que hoje tem relevância e prestígio altos na cena, como Emicida, Nissin Oriente, Douglas Din e alguns outros mais recentes como Clara Lima e Orochi. Não descarto a influência de MCs que participam de batalhas de conhecimento. Contudo, mesmo sendo bons em batalhas de conhecimento, esses MCs acabam também batalhando sangue, pois é o que lhes dá maior visibilidade e reconhecimento.

Outro motivo que vejo como preferência pelas batalhas de sangue é o interesse pela diversão, pela possibilidade de "zoar" o adversário. Locais de menos estrutura social tendem a ter a rua como espaço recreativo, de convivência, onde a familiaridade e encontro propiciam um clima extremamente informal, onde o escárnio público é um modo de diversão: colocar apelidos, inventar histórias que serão replicadas e não levar isso em consideração no âmbito pessoal.

Prefiro a batalha de sangue, por que... Po, mano, vamos dizer que eu fui "educado" rimando sangue, tá ligado? Mas na época da Batalha do Real onde o sangue e o conhecimento não tinha tanta diferença assim, tá ligado? Os ataques eram sangue, mas com um conhecimento envolvido. Uma complexidade até maior. Tá ligado? Eu sempre fui educado nas batalhas de sangue. Sou cria das batalhas de sangue. Gosto de rimar conhecimento também, mas se tiver de ter uma predileta é sangue. (JHON, 2017, entrevista pessoal)⁴⁰

Uma Batalha de Sangue funciona basicamente da mesma forma que uma Batalha de Conhecimento, tendo dois rounds de 45 segundos e votação por parte do público. Porém existem outras regras para a Batalha de Sangue.

As batalhas de mcs tem regras Sem pederastia sem agredir o apresentador batalhar contra o mc que ta presente e deixar a família namorada e etc de fora da batalha ... Tem até regra pro publico que a regra do "sem xenofobia" essa regra pede para o publico votar no melhor mc seja da sua localidade seu amigo ou não A batalha pode ser de sangue ou de freestyle quem decide são os dois mcs que estão batalhando... Queria ver mais batalhas como essa ... No respeito e de alto nível... Hoje em dia to vendo muita pederastia nas batalhas e como publico não mereço ouvir essas coisas.. (RICO NEURÓTICO, 2016, postagem no facebook)⁴¹

Além de não poder atacar familiares, namorada e revelar xenofobia, existem também outras regras tradicionais que são: sem pederastia e sem contato físico de maneira intimidadora.

Dentro dessa cultura urbana, é interessante observar e colocar aqui duas análises quanto à "xenofobia" e "pederastia". Segundo os dicionários online Priberam e Dicio⁴², xenofobia é um substantivo feminino que significa "aversão aos estrangeiros, ao que vem do estrangeiro ou ao que é estranho ou mesmo comum". Muitos MCs, em busca de reconhecimento ou apenas diversão, costumam batalhar em outros locais, outras cidades e até estados. Como um dos maiores intuitos das batalhas é a união, se usa o termo xenofobia para apontar que é proibido desmerecer um MC apenas pelo mesmo não ser daquela localidade. Essa regra vale, pois é possível que o público dê preferência na votação ao MC da casa ao invés de julgarem quem foi o melhor independente de ser um MC da local ou não, porém a regra não é apenas para

⁴⁰ Comunicação pessoal com o autor em 09 ago. 2017

⁴¹ Disponível em <<https://www.facebook.com/riconeurotico/posts/1000676336653283>> Acesso em 09/08/2017 as 16:04

⁴² <https://www.priberam.pt/dlpo/xenofobia> e <https://www.dicio.com.br/xenofobia/>

o público, ela também é válida para os MCs, pois ele pode ser xenófobo em suas rimas durante uma batalha. Isso evita as famosas, porém mal vistas, "panelas". Uma panela é um grupo de pessoas que votam apenas em um MC independente da qualidade das suas rimas, assim deixando o adversário em desvantagem. "Panela" ou "Panelinha" tem o sentido de um grupo fechado. O termo parece vir da locução "fazer panelinha com alguém", que tem o sentido de "associar-se a alguém, tramar alguma coisa com alguém"⁴³.

Quanto à "pederastia", vou partir da definição dada pelos dicionários para entender o motivo de ser utilizada. Pederastia⁴⁴, substantivo feminino, vem do grego pederastia, -as, amor às crianças, amor aos rapazes; Relação sexual mantida entre um menor e um adulto, relação sexual entre indivíduos do sexo masculino. Apesar de o termo significar a relação sexual entre indivíduos do sexo masculino, nas batalhas a "pederastia" é relacionada a qualquer ofensa de cunho sexual, seja contra mulher ou homem. Para exemplificar de modo prático usarei a 251ª Batalha do Tanque⁴⁵ onde a disputa de MCs era entre Daniel Knust e RD. A batalha era no modelo 4 x 4 (onde cada MC tem direito de fazer duas rimas por vez até acabar o tempo do round). A rima foi utilizada por Knust após RD esquecer a rima.

Indago, mano.
O bagulho é notório.
Aí, cê tá ligado que agora ele vai entrar pra história.
Ele esqueceu a rima e vai entrar pra história.
É a prova de que dar o cu ta fazendo perder a memória! (KNUST, 2017, durante a 251ª Batalha do Tanque)

Outro exemplo do que é pederastia, pode ser exemplificado com o que aconteceu na 237ª Batalha do Tanque⁴⁶ em uma disputa entre Ysabella Henthzy, Azzy e Thallya Thayz, MC Lya. Durante o terceiro round, Azzy fez a seguinte rima: "Tu quer desafiar, eu não to entendendo. Botei a mão na sua xereca e minha mão saiu fedendo". Uma batalha que segue as regras tradicionais não permite que rimas como essas que utilizei como exemplo sejam ditas por MCs. Há rodas que tem um sistema de penalidades: caso diga

⁴³ Disponível em < <https://portuguese.stackexchange.com/questions/3279/qual-a-origem-do-termo-panelinha-para-um-grupo-fechado-de-pessoas>> Acesso em 05/10/2017 as 21:31

⁴⁴ <https://www.priberam.pt/dlpo/pederastia> e <https://www.dicio.com.br/pederastia/>

⁴⁵ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=n9A9QjeOWNc>> Acesso em 09/08/2017 as 17:31

⁴⁶ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Ih9EYkl9LRQ>> Acesso em 10/08/2017 as 01:24

algum palavrão ou alguma “pederastia” uma vez, o MC toma “cartão amarelo” ou advertência; caso torne a repetir, o MC é desclassificado e automaticamente perde a batalha sem a necessidade de voto.

Uma batalha nunca se repete, seja ela de sangue ou de conhecimento. Mesmo que sejam os mesmos MCs, mesmo que seja a mesma roda, na mesma praça, a batalha será diferente. A habilidade de trabalhar com as palavras em um curto espaço de tempo e a criatividade dos artistas fazem com que raramente uma rima seja repetida. Vale apontar que, também, um dos motivos para que não haja a repetição de rimas é o fato dos MCs terem uma memória muito ativa quanto a outras batalhas que ocorreram naquele mesmo espaço ou em outros.

Ouvi em algumas batalhas, e também não é difícil encontrar no youtube, MCs apontando que o adversário estava utilizando uma rima que já havia sido utilizada por outro MC em outra batalha. O fato de decorar uma rima de outro MC e ter isso apontado em uma batalha é uma ofensa, pois nenhum MC deseja ser conhecido como copiador ou como MC de rima decorada. Em uma batalha, para conquistar o público, é imprescindível ter boas rimas e saber "falar com o corpo". A performance do MC, ou seja, como se movimenta, seu gestual somado a rima consegue prender a atenção do público e assim obter uma resposta.

Para compreender a forma como o gestual complementa as rimas de um MC, utilizarei para exemplificar a metodologia aplicada por ALVES (2014, p. 6) para descrever os gestos enquanto complementos de rimas. O método consiste em dispor em uma tabela de duas colunas tanto as frases quanto o gestual do MC, sendo a primeira coluna das frases e a segunda as reações e os movimentos. Para isso, usei como exemplo a performance do MC Pelé MilFlows durante o segundo round da 210ª Batalha do Tanque⁴⁷ onde batalhou contra Jhonata Ferreira Sales, o Jhony MC.

⁴⁷ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=QIOrR1HJ-Ng> > Acesso em 29/8/2017 as 22:44

Caralho, viado. Solta o beat aí pra eu brincar um pouquinho aqui!	O MC pega o microfone com a mão direita, enrola o fio e olha em direção ao DJ enquanto o apresentador anuncia que é o direito de resposta em 45 segundos.
wow wow wow wow wow	Pelé olha em direção ao público e com a mão esquerda faz um gesto balançando a mão para cima e para baixo. Seu adversário, MC Jhony, faz o mesmo com as duas mãos
MZ tu é muito fraco, seu cuzão!	Olhando para o público
Jhony, tu é escroto	Balançando o corpo de um lado para o outro
To pasmo!	Ainda olhando em direção ao público, Pelé coloca a mão esquerda na direção do coração
Quer dizer que o meu tá apertado e o teu tá largo? Menino escroto!	Rindo ironicamente, coloca a mão na cintura e em seguida direciona suas mãos para o adversário e a plateia grita "woooow"
Qual é, o arrombado! E é por isso que eu te mato	Coloca mão na cabeça e continua olhando em direção a plateia
Eu sou verdadeiro	Com a mão esquerda colocada no peito
De tanto que é invejoso	Olhando para o público e sorrindo, aponta para o Mc Jhony
Achou meu dente primeiro	Aponta para a sua própria boca mostrando para o público o que ele está dizendo. Nesse momento seu adversário "adivinha" a rima e vira de costas para o público em desaprovação. O público mais uma vez grita "woooooow"
é foda!	Ele se abaixa e direciona sua mão ao público
eu fico puto menor	Levantando joga a mão para trás e a coloca novamente na cabeça enquanto Jhony ri e bate palmas
se liga no meu papo que eu não sou o pior	Anda um pouco para frente de Jhony e olha para a câmera que está filmando a batalha
eu tô tranquilão apresento pra vocês	Olhando fixamente para a câmera, encosta no peito do MC Jhony que está olhando para o chão
invejoso nova geração	Faz um gesto como estivesse apresentando um produto.
No proceder	Olhando para a câmera ele se aproxima
Ghetto MC, não vai dar pra você	Faz sinal de positivo e logo após, arregalando os olhos, faz sinal de não com o dedo indicador e por um momento, afasta o microfone da boca e ri. A plateia mais uma vez faz "woooooow"
na vida louca eu sou pouco escroto	Olha para a plateia e logo após olha para o adversário
Verde, não conteste só não tá mais preto do que a tua pele eu curto o clima eu faço a rima	Olhando para o MC adversário, fica gingando para trás e para frente. Nesse momento o beat para, pois acabaram seus 45 segundos de respostas
cabelo de ondinha	Sacudindo a mão, direciona seu olhar para a cabeça do MC adversário
piolho ou Medina?	Aponta para o cabelo do outro MC e, com a mão esquerda, faz um movimento na altura da cabeça de Jhony simulando uma onda e todos gritam "woooooowwww"

A Batalha do Tanque é uma batalha atípica não apenas pela qualidade dos seus MCs, mas também pelo fato das regras tradicionais de uma batalha

de sangue não serem aplicadas, lá os limites impostos pelas regras das tradicionais batalhas de sangue são ultrapassados. Por exemplo, por muitas vezes escutei a frase "Mãe é sagrado!" e acredito que muitas pessoas já ouviram isso em alguma fase ou momento da vida.

Na Batalha do Tanque falar algo que deprecie a mãe do adversário é dito sem nenhuma cerimônia ou pudor e após o término da batalha, os MCs que participaram e o público se comportam como não houvesse sido dito nada de mais agressivo quanto suas respectivas mães.

Outro fato interessante é que vi uma disputa entre dois MCs acabar antes do tempo, pois o público invadiu o espaço destinado ao embate ou, por conta dos gritos da plateia ensandecida, o MC não conseguiu terminar sua fala. Na Batalha do Tanque existe uma pressão além da que existe normalmente que é a de subir no palco e fazer improviso, existe também a pressão do público quanto aos freestyleiros. Mesmo estando num local mais alto, a plateia fecha um pequeno círculo, de mais ou menos dois metros de diâmetro, em torno dos MCs.

A Batalha do Tanque também é um local de contradições: ao mesmo tempo em que é um espaço aberto a todos, onde se tem o intuito de disseminar a cultura de uma forma livre, esse "a todos" acaba - mesmo que possa ser de maneira inconsciente e justificada através da liberdade nas rimas - se tornando a repetição de um espaço opressor e machista.

Como apontei anteriormente, as batalhas de sangue têm suas regras e também que essas mesmas regras não têm efeito na Batalha do Tanque. Com essa falta de limite, ofender o adversário acaba sendo, também, ofender alguma mulher que tenha ligação a ele. Mesmo quando são dois MCs homens, o corpo feminino acaba sendo alvo de ofensas e também reprodução das mesmas.

Em maio de 2016, durante uma observação de campo, estava entrevistando jovens que utilizavam vestuários de grupos de rep e havia necessidade de entrevistar uma mulher que consumisse aquele tipo de moda. Como a maioria esmagadora dos frequentadores é abaixo dos 30 anos, a maioria das pessoas que utilizam esse tipo de roupa são, quase sempre, menores de idade. Naquela ocasião vi apenas duas meninas, que tinham entre 14 e 16 anos, para realizar perguntas básicas sobre o que havia as levado a

consumir aqueles produtos; assim que me aproximei delas, chegou um rapaz, de aproximadamente 18 anos, que se colocou ao lado das mesmas. Após realizar duas perguntas, resolvi perguntar o nome para encerrar a entrevista, quando o rapaz tomou a voz e respondeu "O nome dela é "Gabriela" igual a menina que deu para os trinta!". Ele se referia a uma menina de 16 anos que foi abusada sexualmente por mais de 30 homens na Comunidade do Barão, na Praça Seca, Zona Oeste do Rio de Janeiro⁴⁸. As imagens da menina foram divulgadas e compartilhadas na internet. Nas imagens, a garota aparece nua e desacordada, com homens ao seu redor. Em fevereiro de 2017, dois dos três acusados de participar do estupro foram condenados a 15 anos de prisão em regime fechado.

Não coloco aqui a Batalha do Tanque como total responsável pelo discurso daqueles que a frequentam, entretanto, o espaço que é mediado pela batalha também é aberto para discursos que colocam a mulher como objeto. Quem faz a intermediação entre o espaço e as pessoas que frequentam o movimento cultural são os produtores e MCs que são peças-chave para conter ou disseminar o discurso. Poucas mulheres participaram das batalhas realizadas no Tanque; posso destacar as MCs Azzy, Lya, Aika Cortez, NaBrisa, Lili, Malu e Samantha Zen. Destas pouquíssimas mulheres, se compararmos a quantidade de MCs homens que frequentam a batalha, apenas três delas ganharam "um Tanque"⁴⁹. Segundo Felipe Gaspar, em uma postagem no facebook⁵⁰, as minas que tem um Tanque são: Lya, Azzy e NaBrisa.

Quando uma disputa entre os MCs é entre dois homens, a vítima da ofensa nem sempre é o adversário e sim uma mulher que pode ou não estar presente. Quando o oponente se trata de uma mulher, o corpo e a sexualidade são atacados. Dentre diversas ofensas contra a mulher, destaco aqui a rima mais "famosa" por conta, justamente, desse tipo de atitude que deveria ser repreendida de acordo com as tradicionais regras de uma batalha. Se trata da

⁴⁸ Disponível em < <http://videos.band.uol.com.br/15875174/adolescente-e-vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-de-janeiro.html> > Acesso em 06/03/2018 as 17:41

⁴⁹ Quando um MC ganha uma edição da Batalha do Tanque se diz que ele ou ela "levou o Tanque para casa". Ganhar uma edição dá o direito ao MC de entrar direto na batalha sem precisar entrar no sorteio que escolhem os MCs. O MC que tem mais "Tanques" é Orochi, sendo seguido por Jhony.

⁵⁰ Disponível em <https://www.facebook.com/FelipeGaspar/posts/1581175338608704> Acesso em 19/09/2017 as 20:58

198ª Batalha do Tanque⁵¹ entre Knust e Azzy. A batalha ocorria no modo 4x4 (quatro versos para cada MC por vez). Knust começa atacando sua adversária da seguinte forma:

Eu vou seguir no respeito, eu vou seguir no respeito.
 Pega no freestyle pra fazer isso direito.
 Não vou seguir no respeito, não vou seguir no respeito.
 Só ganha a batalha se tu mostrar o teu peito" (KNUST, 2016, 198 Batalha do Tanque)

Após o final do primeiro round, em um dos seus ataques, o MC Knust pronuncia aquela que seria uma das rimas mais conhecidas das batalhas de 2016:

Azzy fortalece, Azzy fortalece,
 Azzy fortalece na xereca e no boquete!
 (KNUST, 2016, 198 Batalha do Tanque)

Outro exemplo de MC mulher sendo ofendida em uma batalha no Tanque é o da MC Lya em uma disputa contra Jhon na primeira fase da 213ª Batalha do Tanque⁵². Na ocasião, Jhon respondeu a MC da seguinte forma

Você não me conhece, bagulho tá fudido!
 Cachorra pra caralho, dá até pra nego desconhecido! [...]
 Sabe por que eu to queimado?
 Eu te comi dentro da sauna!" (JHON, 2016, 213 Batalha do Tanque)

A mulher também é ofendida quando não se encontra na Batalha. Para ilustrar esse fato, aponto a rima de Rodrigo Pereira da Silva, conhecido como MC Nego Drama contra Jhonathan Cruz, o Jhon, na final da 213ª Batalha do Tanque⁵³ onde Nego Drama fala da irmã de Jhon - independente de Jhon ter uma irmã ou não - da seguinte forma:

Menor, eu chego e me destaco.
 Aí, eu não sou talárico, vou dormir com a cachorra da sua irmã, todo dia ela me da abrigo!
 Sabe por que, minha rima é discreta.
 Taca fogo na sua casa, eu taca fogo na xereca da tua irmãzinha safada (NEGO DRAMA, 2016, 213 Batalha do Tanque)

⁵¹ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=oHoOxXxVLUE>> Acesso em 29/08/2017 as 15:00

⁵² Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=3eSN4-sSQmU>> Acesso em 31/08/2017 as 19:02

⁵³ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=2Nj6KQoIDmM>> Acesso em 31/08/2017 as 19:35

Outra amostra de rima machista aconteceu na 221ª Batalha do Tanque - Seletiva Nacional⁵⁴ em uma disputa entre Pedro Henrique Bendia, o PK, e Pelé MilFlows. Em sua resposta ao primeiro ataque de PK, Pelé disse o seguinte:

Olha só, sem caô.
 Eu não sou goleiro, mas sua ex-mina que na minhas bola agarrou!
 [...] Olha só, sabe qual é?
 É o PK, mas saiba que a mulher dele me quer! (PELÉ MILFLOWS, 2016, 221 Batalha do Tanque)

Ser mulher em uma Batalha de Sangue, não apenas no Tanque, mas em outras batalhas é um ato resistência e de também "ocupar um espaço que também é meu", segundo LILI (2017, entrevista pessoal). Acaba que, mesmo que ouvir rimas machistas e misóginas seja desconfortável, a presença de mulheres nas batalhas e nas Rodas Culturais se torna necessário para a afirmação de pertencimento da mulher naquele espaço.

A partir do momento em que um cara se sente na defensiva a maior defesa dele é o ataque. Então ele vai atacar na roda dos amiguinhos, tá ligado, que começa assim: na roda dos amiguinhos, no boca a boca, aí solta uma rima que ele já falou pra todos os amiguinhos e a galera "wow" e mano, isso constrói na maioria das minas. Por isso que tem pouca mina no rep. Conheço muitas que já foram na batalha, foi uma ou duas vezes e não aguentou a pressão. É muito, é um extremo. (...) Eu to cansada de ver o cara falar assim que "a mina tem cabelo ruim, que a mina deu pra todo mundo e a mana ficar coagida, ficar calada. Alguém tem de ter voz por elas. (LILI, 2017, entrevista pessoal)⁵⁵

Alguns MCs justificam esses tipos de ataques na própria falta de maturidade; outros colocam grande parte da responsabilidade no público. A plateia também tem responsabilidade pelo que os MCs dizem nas batalhas, pois uma parte do aval para que isso aconteça ou continue acontecendo vem deles. Como aponta ZUMTHOR (2010, p. 245) "o ouvinte reage à ação do intérprete como "amador esclarecido", ao mesmo tempo consumidor e juiz, sempre exigente". E a plateia faz parte da performance. Zumthor (2010, p. 243) ainda diz que o papel que o ouvinte ocupa é tão importante quanto o intérprete.

⁵⁴ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=NZoGmtKlIVg>> Acesso em 31/08/2017 as 20:04

⁵⁵ Comunicação pessoal com o autor em 10 mai. 2017 durante a Batalha de Trio.

Sendo que não se pode jogar total responsabilidade para a plateia por existirem esses tipos de rima, mas é também responsável.

As batalhas ganharam um novo público muito grande de uma vez só. Grande parte desse público é de uma galera um pouco mais nova. Que viu o rep como novidade e quando você dropa numa coisa inteiramente nova sem conhecer o contexto todo, você querer abordar os pontos críticos disso pode parecer maçante para uma galera que não está incluída nesse contexto. E o atalho para esses dois MCs cativarem a plateia foi começar a recorrer um pouco mais de humor, a tudo isso e acabou, que eu acho que condicionando um pouco o pensamento da plateia e a expectativa do tipo de rima começou a acontecer dos MCs que iam abordar pontos mais sérios serem suplantados por comentários que são mais brincalhões ou satíricos, as vezes até desrespeitosos. Isso começou a ganhar mais notoriedade. E por pior que seja, quando você tá lá no microfone, mano, e tem mil pessoas em volta de você e você dá vários papos sérios e o cara fala um monte de merda e ele te ganha uma, duas, três, quatro, cinco.... Aquilo é sua vida, você é um moleque de dezessete anos que só faz isso, que se sustenta nisso e tudo que envolve uma cabeça complicada de dezessete anos e você fala: "Já é! Então vou falar merda também!" E infelizmente está acontecendo isso. Está faltando um moleque, que eu acho que vai chegar e falar "foda-se, eu não vou fazer isso" (...) Vocês estão envergonhando o rep, mano. Vocês estão fazendo toda uma geração crescer achando que isso é batalha, achando que isso é rep, não é. Isso é humor. Existe como brincar, existe como fazer, rimas abusadas.... As vezes nego fala: "não pode falar de mãe", eu não sou nem contra não falar... Eu acho que pode falar de tudo porque é Batalha de Sangue! O cara que entra ali, porra, ele sabe que está passível de acontecer isso. Mas tem que ter nível, principalmente quanto pior o teor da rima que for usar. Quanto mais baixo você for na sua rima, melhor o nível que você tem que ter, para poder elevar aí, pelo menos balancear. E isso, eu acho que os próprios MCs estão presos num ciclo que é... Que eles não estão satisfeitos, acredito. Que eles fiquem satisfeitos de chegar lá rimar nada com nada em muitas situações porque já não vê a mesma empolgação nem deles, nem do público. (MOZART MZ, 2017, entrevista no youtube)⁵⁶

Outros MCs concordam com essa posição:

Se a "graça" da batalha do tanque é falar putaria no freestyle, vocês não me veem mais rimando lá, já é? Realmente tá na hora de amadurecer, chega de treta, chega de palhaçada!! Eu não vou ser levado a sério como MC falando putaria, meu objetivo não é fazer ninguém rir pra ganhar a batalha ou pra simplesmente tirar grito da plateia e me sentir melhor que meu adversário. São 3 anos de batalha e 43 títulos, prezando sempre rimas com trocadilho, brincando com as palavras, eu não vou mudar quem eu sou pra me adequar a um público infantil. Eu quero mudar vidas, eu vou mudar

⁵⁶ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=vFxl04FmL4>> Acesso em 28/08/2017 as 16:25

vidas. Do meu jeito. Segue o fluxo...tchuqtchatchaaaaaa (JOÃO MARCELO "CHOICE", 2017, postagem no facebook)⁵⁷

Há consciência por parte dos MCs do que é certo e do que é errado se dizer numa batalha, mostrando que todos são conhecedores das regras tradicionais de uma batalha. Atestei isso durante a 257^o Batalha do Tanque onde, Noventa e Doug se enfrentaram numa ótima batalha onde foram feitas rimas de alta qualidade e também uma batalha de muita técnica. Em um determinado momento da batalha, Noventa se referiu a MC Azzy quanto a episódio conhecido nacionalmente como "Azzy fortalece". Após o final da batalha, com a vitória do MC do Espírito Santo, o mesmo pediu ao apresentador para dizer algumas palavras

Rapaziada, deixa eu dar um papo aqui porque a gente tem de ser humilde, tá ligado? Eu me equivoquei aqui citando a Azzy no bagulho, tá ligado? Para quem não conhece o trampo dela, ela tem muito reconhecimento, muito talento, vamos reconhecer ela muito mais que essa fala, do que essa batalha. Eu queria me desculpar aqui, certo? Esse bagulho que eu fiz não é certo, não é bom citar mulher assim nessas merdas, tá ligado? Desculpa aí, Azzy, de coração. (NOVENTA, 2017, 257^o Batalha do Tanque em 26 de jun)⁵⁸

Observando o Tanque percebi que todos os MCs se conhecem e têm um nível elevado de intimidade, assim sabendo detalhes da vida íntima de uns dos outros. Mesmo as rimas que ultrapassam os limites das regras das batalhas e das "regras da rua", que todos conhecem e aceitam, durante uma batalha podem ser deixadas de lado para arrancar o grito da plateia. As rimas, mesmo que liberadas, não tem total apelo junto a uma parte do público ou até da produção do evento. A pederastia é liberada, porque ali é como uma escola onde eles têm o direito de errar, pois o local onde eles não podem errar é na sua música, como disse Felipe Gaspary em entrevista para Naan em seu canal do YouTube. Isso mostra a visão que tanto a produção quanto os MCs têm com o futuro artístico. Mesmo que essas palavras ditas numa batalha possam ferir, acaba sendo uma questão de visibilidade e sobrevivência no futuro. Como nas grandes lutas de gladiadores no Coliseu onde só havia uma escolha que era "matar para sobreviver", esses MCs acabam lutando da forma e com as

⁵⁷ Disponível em <<https://www.facebook.com/JMuayThai/posts/1211338845643578>> Acesso em 02/10/2017 as 12:34

⁵⁸ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DOpG_iWwg2g> Acesso em 31/08/2017 as 20:31

armas que podem, obedecendo as regras que não existem. Nessa arena, que acaba sendo a Praça dos Ex-Combatentes as "armas" são utilizadas sem medo ou vergonha.

Nem toda rima eu gosto. Tem rima que eu acho uma bosta, tá ligado? Tem rima que eu acho assim... Eu fico preocupado quando um mc na visão de querer ganhar fala coisas que se arrepende logo depois. Mano, a maioria dos MCs falam besteira, mas eles têm um clima de amizade e intimidade entre eles que pode falar. E o que eu fico mais triste também, nego que nunca chegou a acompanhar a batalha do tanque, ver, presenciar ou chegar pra ajudar, quando acontece alguma coisa dessas, fazer críticas muito fortes. Vou até aqui dar um exemplo meio forte e polêmico, mas tipo assim, em relação aos sites de rap. Eu trabalho com rap há anos e tipo assim, as pessoas preferem focar no que odeia do que ama, tá ligado? Por que? Não teve nenhuma matéria em site de rap sobre a batalha do tanque, assim que o Pelé fez aquela rima na batalha de trio, teve um site - juro por Deus, nunca vi um site de rap escrever com tantas linhas, que normalmente eles escrevem três linhas e fecham. Mano, foi um texto gigante, você viu a repercussão. Eu entendo a indignação da galera, só que agora pensa comigo, cara: eu acho que, o que acontece, quando um mc ele tem que tá na batalha de MCs é como uma faculdade, uma escola dele, se ele não puder errar ali então vai ser na música, entendeu? Na música vai ser muito pior, ele não pode errar. Existem muitas coisas ridículas mesmo, por exemplo: eu sou contra rimas que incentivam o estupro, eu sou contra tudo isso e eu sim, nos bastidores, quando alguém fala muita merda eu falo "po mano...", eu tento trocar uma ideia, tudo... Só que eu acredito na outra metodologia de trabalho, por exemplo, o Tanque em si é rodeado por comunidades, pessoas ao redor que mal ou bem isso afeta o dia a dia, o cronograma da batalha de MCs, do Tanque especificamente. Então acredito que nego fala muita merda na intenção de puxar um grito. Pro mc puxar um grito ali, depende da forma que for é muito satisfatório. Nem todos os MCs tem a postura de saber o que é válido pra construção da carreira a longo prazo. Eu sinceramente, eu acho legal o Tanque dar essa liberdade das pessoas falarem o que quiserem e a partir do que elas falarem serem repreendidas ou ovacionadas pelo público. Porque essa é uma forma de liberdade de expressão. Eu acho que, como organizador eu boicotar, prender ou limitar um raciocínio ou uma linha de pensamento só atrapalha. Eu acho que o principal fator que vai mudar isso é o mc junto ao público. Se eu quiser impor pode gerar resultado a curto prazo, mas a longo prazo não vai ter e a realidade é que o brasileiro gosta de um bom reality show, uma boa polêmica. Eu sou contra essa galera que fala que nós somos idiotas, que nós incentivamos essas paradas e não entende a forma que penso e raciocínio. Meu principal foco é tentar progredir e dar um futuro pros MCs que a partir do resultado físico e real que vai mudar tudo e ser exemplo para todo mundo e os amigos próximos. (FELIPE GASPARY, 2017, entrevista no youtube)⁵⁹

Essa metodologia utilizada por Gaspary é compartilhada pelos MCs. Mesmo quando não concordam com esse tipo de rima mais pesada, é visível

⁵⁹ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=2MHseXIU2pI>> Acesso em 10/08/2017 as 02:32

que há uma motivação pelo aprendizado: de entender que aquilo é um tipo de porta que se abre para que não se repita e o próprio MC perceba que aquilo não irá agradar fora da batalha.

Cada lugar, um lugar, cada lugar, uma lei. Eu de maneira nenhuma posso apoiar alguém falando da mãe do outro. Tá ligado? Eu não posso falar que isso é certo. Eu não posso te falar que é certo te zoar por causa da sua cor, tá ligado, mano? Fazer piadas racistas, tá ligado? E piadas de gênero e tudo mais. Porém, eu expliquei isso no canal do Gaspary, mano: não é errado por que, mano, não tem como a gente cobrar o menor que saiu ali da boca e viu o Tanque acontecendo, tá ligado, e falou "Pô, vou sair da função hoje e to querendo botar meu nome!" Nego que, tá ligado, viaja no sonho, tá ligado, não tem como a gente cobrar dele e chegar, por que se não nego nunca vai botar o nome, nós não vai salvar nunca ninguém! É exatamente o que eu to te falando, mano. Não é certo, porém a gente não pode falar que é errado. Tá ligado, mano? A gente tem que abraçar e é aquela fita que eu falei que nem aconteceu comigo. Abraçar e fazer expandir, mano. Tá ligado, fazer melhorar. Que nem acontece com todo mundo, mano. Todo mundo no rep sente mudança, mano. É um bagulho natural, você vai escutar rap e vai mudar, tio. Alguma ideia vai bater na tua mente! zoar a mãe, tal, tal, tal, eu não faço que eu já to quatro anos no hip hop, mas quando alguém vem zoar minha mãe, mano, suave, eu rio. Se pá eu respondo também porque eu entendo a fita, tá ligado. Eu entendo essa parada. Isso tem de ser entendido e não julgado. (Mc NOVENTA, 2017, entrevista pessoal)⁶⁰

Pensar numa disputa entre amigos dentro de uma Batalha de Sangue, principalmente da BDT, me levou a pensar o quanto isso pode ser ofensivo para eles, em vista que todos são amigos. As repostas direcionam para o caminho da familiaridade e brincadeira: onde tudo não passa de algo corriqueiro que não fere a moral dos MCs.

Eu não me sinto ofendido não, tá ligado? Quando eu batalho com amigo meu aí que fica de verdade, porque eu sei os podres dele, ele sabe meus podres, nós rimos pra caralho e fé, que se foda! Batalha é batalha, nós apertamos as mãos, abraçamos e continua a mesma coisa. Não tem essa, tá ligado? Batalha pra mim, batalha não tem essa de levar pro pessoal, ficar puto, querer agredir. Bagulho é esse, levar na esportiva. Se tu levar puto, tu vai levar pro coração. vai te atrapalhar até ali no momento. Acho que batalha não pode levar pro coração não. Tem que ter cabeça, tá ligado? (JHON, 2017, entrevista pessoal)⁶¹

Também há a superficialidade das palavras ditas numa batalha de sangue que não carregam tanto peso para eles, como PK (2016) disse em

⁶⁰ Comunicação pessoal com o autor em 03 ago. de 2017

⁶¹ Comunicação pessoal com o autor em 09 ago. de 2017

entrevista "tudo que é dito por mim numa batalha, é dito apenas da boca pra fora, nada pode ser levado a sério. Sempre busco entender o corre de todo MC, e praticamente viro colega de quase todos aqueles que eu ainda não era, após a batalha."⁶². Ou seja, falar de familiares e exagerar nas rimas é um tipo de performance realizada por esses MCs para aumentar sua popularidade dentro ou fora da batalha.

2.2 - A HISTÓRIA DA “MAIOR” BATALHA DE MCS DO BRASIL

A Batalha Do Tanque não tem uma história oficial escrita ou registrada. Os registros - que contam da batalha - são os vídeos que mostram apenas a disputa dos MCs em cada edição. Desde a fundação da batalha foram mais de 200 edições.

O que é trazido pelas batalhas gravadas é apenas parte de uma enorme história, não apenas da história daquele movimento cultural, mas também do hip hop em São Gonçalo. Para contar a história de algo tão vivo, nada mais honesto do que deixar que as pessoas que fizeram e fazem parte de todo esse movimento a relatem.

Antes de descrever a história da Batalha do Tanque, acredito que primeiramente seja interessante levantar algumas ideias quanto à memória, pois em nenhum momento desenvolvi diálogos com robôs e sim com pessoas que podem falhar na sua retrospectiva. Para isso, revisei o texto de Michael Pollak (1992) buscando entender as flutuações e a seletividade da memória já que "se destacamos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis" (POLLAK, 1992, p.2). A partir daí vale dizer que, por não haver um registro oficial escrito da história da fundação dessa batalha, alguns pontos contados convergiram como outros divergiram.

Não me coloco aqui como narrador, já que as memórias contadas não são de minha propriedade, pois me foram passadas. Em todo momento me

⁶² Entrevista concedida ao autor em 03 mar. 2016 pelo Facebook

coloquei na posição de ouvinte que, com toda atenção e respeito, escuta o *griot*⁶³. As aproximações e afastamentos das versões das histórias sobre a roda me deram um material muito rico.

Pollak (1992, p. 4) ressalta que a memória é seletiva, com isso nem tudo fica gravado ou registrado. Acredito que alguns fatos tenham se perdido ou alguns até inibidos, sendo assim traçarei uma linha temporal construindo um diálogo entre as narrativas que tive acesso. No processo de recontar essa história irei me preocupar mais com os grandes fatos do que com os pequenos detalhes, como eventos pequenos que aconteciam na cidade sem grande expressão para a cena como um todo, pois pouco se falou deles e pouco foi registrado na memória daqueles que me cederam seu tempo.

Algo que percebi durante as entrevistas houve uma disputa de memórias, mas não uma disputa pela verdade da história, mas um conflito entre qual memória conseguia capturar o momento decisivo como ponto de partida para a fundação da Roda Cultural Batalha do Tanque. "A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo" (POLLAK, 1992, p. 4).

Toda história tem um início, meio e fim. A história da Batalha do Tanque não tem um fim. A Batalha ainda acontece semanalmente, logo a história aqui tem um início e meio. Vejo que em tudo há um tipo de preparação antes de ser iniciada. Antes de tomar qualquer decisão, de realizar qualquer tarefa há um tempo de maturação do que vai ser feito: seja planejando os passos, aquecendo o corpo ou combinando em conjunto o que será feito. Toda ação é precedida de uma pré-ação, um aquecimento.

Dessa forma, como um caminho busquei entender qual era o cenário antes do surgimento da Batalha do Tanque. Conversei com Diego Dipro, uma pessoa envolvida com a cultura hip hop de São Gonçalo. Dipro já organizou alguns eventos por São Gonçalo antes do surgimento da BDT, além de ser integrante de um grupo conhecido em São Gonçalo, o Prioridade SG. Hoje

⁶³ Os griots, também conhecidos como jali ou jeli (djeli ou djéli na ortografia francesa), são os indivíduos que tinham o compromisso de preservar e transmitir histórias, fatos históricos e os conhecimentos e as canções de seu povo.

Diego não tem nenhum tipo de vínculo com o Tanque, porém foi um grande influenciador e articulador em épocas anteriores.

Dipro me ajudou a traçar uma linha do tempo até chegar no ano de fundação da Batalha do Tanque: "Vou te falar a história que aconteceu antes de chegar na Batalha do Tanque. Eu estava lá!". (DIPRO, 2017, entrevista pessoal)⁶⁴

Em 1996 foi fundada em São Gonçalo a primeira escola de graffiti e da cultura hip hop de São Gonçalo e do Rio de Janeiro. Fabio Ema, nome mundialmente conhecido do graffiti, fundou a Associação Sobrados de Arte e cultura (ASAC). A ASAC era, basicamente, uma casa onde havia aulas práticas e teóricas de graffiti, além de reunir outras pessoas que trabalhavam em cima dos outros elementos da Cultura Hip Hop. Dentro desse contexto exposto por Dipro, há o reconhecimento de um dos fundadores da Batalha do Tanque, Luã Gordo.

Em São Gonçalo o nosso maior ponto forte pro início da cultura foi o graffiti. A gente não conhecia o rap, a gente não conhecia o hip hop. A gente conhecia o graffiti. (...) O Funkero começou a fazer break antes de fazer rap. A gente aprendeu o que era cultura hip hop através do graffiti com o grande Ema e com grande Eco. (LUÃ GORDO, 2012)⁶⁵

Nessa época, em 1996, se iniciavam as articulações que, mesmo inconscientemente, nutriram o que podemos perceber hoje não apenas na BDT, mas também em todas as outras rodas espalhadas pelo município de São Gonçalo: uma necessidade de fomentar a cultura urbana. As noções quanto a cultura Hip Hop, já por volta de 2001, não eram tão claras como hoje. A ideologia da cultura estava sendo posta em prática e, também, já era percebida como um campo de disputas como continua sendo.

Esta é a dialética da luta cultural. Na atualidade, essa luta é contínua e ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtém vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas. (HALL, 2003, p. 255)

⁶⁴ Contato pessoal com o autor em 08 de ago. de 2017

⁶⁵ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=znZjiaoUViQ> > Acesso em 06/12/2015 as 21:15

A maneira de se pensar na cultura Hip Hop como modo de resistência em São Gonçalo já estava dentro do discurso dos agentes promotores da cultura.

Hoje em dia a gente está vendo que a parada é mais forte do que imaginávamos; aqui na área hoje em dia, tem um grupo de vários moleques que nunca imaginávamos que estariam a fim de desenvolver essa história de GRAFFITI, HIP-HOP, vários moleques não tem identificação com a arte, mas tem com a dança, tem com a música entendeu, a gente está aí para mostrar pra essa molecada que tem quatro portas abertas, é só eles escolherem uma e meter as caras. Só que infelizmente eu não sou playboy entendeu, não tenho cursinho, não tenho revista para vender, o que eu posso fazer é pedir apoio a quem tem para bancar. Tem essa galera que está aprendendo e precisa dessa porra, precisa de tinta, pô, o RAPPER não precisa de nada, ele precisa ter a voz, o B-BOY só precisa mexer as pernas, dançar e ter uma cabeça, agora o GRAFFITI precisa da tinta. Então a gente conta com o apoio de terceiros para botar essa história pra frente. (FÁBIO EMA, 2001, sem paginação)

Na ASAC alguns nomes importantes para a cultura hip hop, de uma forma geral, participavam das atividades propostas naquele local. Exemplos como Pluto, Bolinho, Kléo, D+, Mickey que se reuniam para dançar break, Funkero, Don Negrone, Tigrão, Willian du Contra se reuniam pelo rep e os Djs Arrá e Scoob. A Associação fechou em 2003 e Ema se tornou integrante da banda O Rappa onde, durante os shows, ele realizava intervenções com sua arte.

A partir daí, em 2004, a banda Prioridade SG criou o Projeto Geração na Trilha que tinha oficina dos quatro elementos (na ASAC a única oficina oficial era de graffiti, os outros elementos faziam da associação um ponto de encontro) e com isso também o projeto na Trilha das Praças onde os alunos do projeto se apresentavam e levavam seus trabalhos para as praças do município em um carro de som. O projeto teve seu fim em 2007, abrindo espaço para outro evento importante: o Turbilhão Hip Hop.

Tínhamos um projeto: Geração na Trilhas das Praças. Toda semana cantávamos em uma praça. Teve uma vez que estávamos com Don Negrone, na Praça do Rocha, e ele começou a fazer um show onde eu iria cantar com a Família NSP. Don Negrone era a atração principal. Ele começou a fazer um freestyle, tinham uns PMs do outro lado da rua tipo vigiando a gente. Don Negrone começou a

esculachar os PMs e eles foram lá e puxaram o plug, desligaram o som e cabo com o caô todo. (PERON, 2017, entrevista pessoal)⁶⁶

O Turbilhão Hip Hop aconteceu de 2007 a 2010 e foi uma criação de Dipro, Guetos Crew e Humberto Bulhões. O evento contava com os elementos do hip hop, skate, basket e *le parkour*. Dipro aponta um último evento como antecessor da Batalha do Tanque: "Com o fim do Turbilhão aconteceu o evento Girassol Hip Hop que tinha a batalha da piscina de sangue. Depois do Girassol Hip Hop nós criamos a Roda Cultural de São Gonçalo."

A Batalha do Tanque não foi a primeira concepção de batalha que ocupou a Praça dos Ex-Combatentes. A BDT acabou sendo um movimento inspirado nos eventos que ocuparam pontos da cidade anteriormente com a disposição e desejo continuo dos jovens em ocupar a cidade de modo frequente e que perdurasse.

Antes do Tanque, o evento de hip hop mais expressivo do município era o Turbilhão Hip Hop que acontecia apenas uma vez por mês. Com esse vácuo de tempo, jovens se reuniram para formar a Associação Jovem Gonçalense que tinha o objetivo não apenas de fazer eventos direcionados a juventude, mas também discutir políticas públicas voltadas para os jovens.

O Tanque não foi a primeira concepção. A ideia era montar uma associação de jovens que discutisse políticas públicas e assuntos pertinentes aos jovens que com isso pudessem movimentar a cidade. o nome era Associação de Jovens Gonçalenses. Uma reunião com uma galera da igreja católica, do rep (no caso o Gordo e o Dipro), e começa a ser discutido como seria essa associação. (ROMÁRIO REGIS, 2017, entrevista pessoal)⁶⁷

Romário Regis é um jovem gonçalense, produtor cultural e idealizador da Agência Papa Goiaba. Junto com Luã Gordo, Bruno Carvalho, Daniel Pena, Mayra Mesquita, Evelin Claro, Wesley Martins, Rennan Rebelo, Wanderson Amorin e Tatiana Maia, Romário foi um dos responsáveis pelo evento que finalmente daria vida a uma das batalhas mais conhecidas do Brasil.

Inicialmente a ideia era realizar um evento que interferisse de maneira positiva na agenda da cidade. Assim surgiu a ideia de realizarem um evento cultural no dia do meio ambiente. O evento contou com diversas atrações, pois

⁶⁶ Comunicação pessoal com o autor em 30 jul. de 2017

⁶⁷ Comunicação pessoal com o autor em 24 mai. de 2017

havia uma diversidade de ideias no grupo que convergiam em favor da cultura urbana, por exemplo Bruno Carvalho era ligado ao meio ambiente, segundo Romário ele trabalhava no INEA, por isso a ideia de o evento ser em 23 de setembro de 2011 e contou com a doação de diversas mudas de plantas. Gordo já era uma pessoa com forte ligação ao rap e Romário já era ligado a área de comunicação e assim cada um contribuiu com as ferramentas que tinha para montarem a atividade.

O evento contou com diversas atrações, como dança, exposição de carros antigos, teatro e a batalha de MCs com o tema "meio ambiente".

A Roda do Meio Ambiente não acontecia semanalmente, rolava esporadicamente, por vezes semanas ou meses depois. Com o passar do tempo, se estabeleceu a Roda Cultural de São Gonçalo que tinha dentro da sua programação a Batalha do Tanque.

As batalhas inicialmente aconteciam de maneira despreocupada, sem a intenção de ser uma disputa entre os MCs. O MC Revolução (também conhecido como Grilo), que foi o primeiro campeão da Batalha do Tanque, informou que não havia um campeonato durante a Roda Cultural. Haviam rodas de free onde um desafiava o outro e assim surgiu a ideia de batalharem: tinha batalhas assim, mas não eram torneios. No meio dessas rodas, tinha os desafios, um cutucava o outro e chamava pra batalhar." (MC REVOLUÇÃO, 2017, entrevista pessoal)⁶⁸

A partir da décima reunião, por volta de novembro de 2011, que aconteceu a primeira batalha de sangue onde os participantes eram os MCs Jeffinho, Logri, Laurinho, Cartola, Geraldino e MC.

A Batalha do Tanque começou como uma reunião mesmo, pra gente se encontrar e querer fazer freestyle, se divertir, se encontrar, porque São Gonçalo é muito carente. Então, quando a gente queria ir em um evento de rap a gente meio que tinha que atravessar a ponte, tinha que vir pro Rio. Então a gente queria se encontrar e tentar, a partir daí buscar formas da gente também, na nossa cidade, poder se encontrar e fazer coisas boas daí. Então sem compromisso nenhum, no primeiro encontro deviam ter umas vinte pessoas e aí, ao passar das semanas, 100, 200, hoje em dia a gente tá há 4 anos lá e a gente atraí 200, 300 pessoas toda semana. (LUÃ GORDO, 2017)

⁶⁸ Comunicação pessoal verbal com o autor em 18 ago. 2017

Desde as primeiras batalhas, a potência sempre foi reconhecida, tanto pelos organizadores como pelo público que a cada encontro aumentava. Havia um “boca a boca” que aumentava mais a popularidade da Roda Cultural Batalha do Tanque. O nível técnico dos participantes das batalhas aumentava e surgiu a ideia dos organizadores de realizarem uma edição onde o melhor do ano seria coroado como o “Rei do Tanque”. Não necessariamente o rei seria aquele que ganhasse mais edições durante o ano, mas sim aquele que ganhasse aquela batalha especificamente.

Fomos vendo que as batalhas estavam trazendo mais gente aqui pra “Batalha do Tanque” que depois de oito batalhas que nós fizemos, tivemos coincidentemente oito campeões diferentes. Foi aí que nós fizemos a primeira edição do “Rei do Tanque”. Não foi nem na praça, fui num bar ali em baixo, estava tendo greve de ônibus, estava chovendo e o primeiro Rei do Tanque datado da história foi o MC LT na final contra o MC Dante. (...) Depois de um determinado tempo, lá pra uns quatro anos de batalha, decidimos fazer outra edição do Rei do Tanque reunindo os melhores MCs dessas gerações e fazer um novo Rei do Tanque e acabou que o campeão foi o MC Jhony. (MC JEFFINHO, 2017, entrevista pessoal)⁶⁹

Hoje a Batalha do Tanque tem como “Reis do Tanque” os MCs: Lucas Moura, conhecido como LT, Jhonata Ferreira Sales, o Jhony MC, Rafael Hudson, conhecido como Fael do Catarina ou Kenai e Nicolas Walter.

2.3 – O QUE É A BATALHA DO TANQUE? “O TANQUE É A TROPA, MANO! SEMPRE FOI ASSIM, SANGUE PRA NÓS É COMBUSTÍVEL!”

A Batalha do Tanque nem sempre teve o prestígio e reconhecimento que tem nos dias de hoje. Desde a sua criação houveram diversas mudanças que corroboraram para a transformação do movimento cultural urbano. Hoje mesmo sendo alvo e gerador de polêmicas, o Tanque é um movimento reconhecido por outros movimentos importantes da cultura urbana, como a Família de Rua, grupo responsável pelo Duelo de MCs Nacional, e o Circuito Carioca de Ritmo e Poesia (CCRP).

⁶⁹ Comunicação pessoal com o autor em 02 ago. de 2017

Como apontei anteriormente, seguindo o pensamento de Rôssi Alves (2013), uma Roda Cultural suporta outras atividades, além da Batalha de Rima. Essas atividades não são consideradas menos importantes dentro da manifestação do que a batalha, muitas vezes elas se complementam fazendo com que o espaço seja visto de forma dinâmica pelos que ocupam. As outras atividades acabam ocupando espaços que apenas a batalha não ocuparia e assim aumenta o alcance e interesse das pessoas. Outras manifestações artísticas, além da batalha, podem ser o motivo do comparecimento de algumas pessoas: seja por conta de um Slam de Poesias, por conta das reuniões de Xarpi, o pessoal do skate, etc todos podem ser motivos ou somar como motivo para o comparecimento de alguns sujeitos.

O Tanque, em sua concepção inicial - levando em conta a Roda do Meio Ambiente - tinha diversas atrações que ocupavam o espaço e se mostravam uma alternativa à falta de opções culturais da época. As outras atividades que ocupavam a praça dos Ex-Combatentes em conjunto foram se dissipando; eventualmente – antes das batalhas – é possível ver rodas de freestyle, pessoas andando de skate, moto, bicicleta e também o “caderno do xarpi” passando por diversas mãos, mas esses grupos hoje são mais discretos que em outra época.

Em meus primeiros contatos com o Tanque, por volta de 2013, o movimento ainda era uma legítima roda cultural conforme a rica descrição proposta por Alves. Num determinado ponto da praça, mais especificamente no canhão, que era o espaço reservado para as batalhas - entre uma disputa de MCs e outra - era colocado tapete quadriculado para os dançarinos de break (por algum tempo após a mudança de "palco" das batalhas o tapete sempre era posto em frente) e o varal de poesias. Em outros pontos havia as “reús” de xarpi, o grupo do skate e das bikes. Hoje a Roda Cultural de São Gonçalo apoia sua existência na batalha de MCs. A batalha acontece toda quarta-feira a partir das 20h e reúne até 500 pessoas por edição. A mesma batalha em que há alguns anos atrás os organizadores tinham de pedir para MCs batalharem, hoje reúne até 60 jovens querendo batalhar. Esses jovens vêm de outras cidades e até de outros estados para ter uma oportunidade de rimar em uma das batalhas mais importantes do Brasil e também para rimar contra um MC do Tanque.

Além de uma Batalha de MCs o evento acaba sendo também um modo de divulgação do trabalho, uma mídia para os artistas que pretendem viver de rep e veem numa batalha a porta de entrada para o mercado. Estar na batalha e aparecer nos vídeos também é um status. O Tanque ganha uma importância representativa enorme fora dos limites da praça. Ganhar uma batalha do Tanque também é ser reconhecido como um bom MC. Numa escala de importância, e vejo isso como uma consequência da alta visibilidade que o movimento gonçalense tem, a Batalha do Tanque é posta no mesmo patamar que o Duelo Nacional de MCs, que é a reunião dos melhores MCs do Brasil.

Mano, de real, além de ser divertido o bagulho de rep e tal o Tanque tem uma representatividade periférica enorme pelo Brasil. Tá ligado, mano? Muita gente não flagra rep, não flagra muitas paradas, tá ligado? Eu faço várias ações sociais em comunidades, tá ligado? E as vezes eu vejo que nego nem sabe o que é rep, mas sabe o que é o Orochi, sabe o que é Pelé, sabe o que é Batalha do Tanque tá ligado? Quando eu falo que já ganhei uma Batalha do Tanque, os menor fica "carái, na moral?!", os menor nem sabe que eu fui pro nacional, não sabe o que é nacional, mas sabe que eu ganhei o Tanque, tá ligado? Então eu sinto uma representatividade, eu sinto assim, me sinto representativo pra caráio, tá ligado? Vindo de comunidade e quando eu subo na minha comunidade os menor olha e fala "caráio, você ganhou o Tanque!", "caráio, você tava no Tanque!" e eu fico feliz pra caráio. E o Tanque pra mim é isso, mano, representatividade periférica. (NOVENTA, 2017, entrevista pessoal)⁷⁰

Essa divulgação de trabalho, do reconhecimento enquanto artista do rep, se dá numa forma circular em que a cidade acaba carregando o título de "meca".

O artista, em qualquer lugar do mundo, ele precisa ser conhecido pelo lugar que ele tá. O artista tá num altar né? E mesmo os artistas gonçalenses que são conhecidos nacionalmente as vezes tão passando fome em casa, mas precisam manter uma certa estrutura de vida que pareça que eles estão em outros lugares. (...) E pela segunda vez na história de São Gonçalo, na década de noventa teve com o funk, é interessante pro MC ficar em São Gonçalo, os MC de rep. Então hoje o Noventa vem pra cá, o Thiago vem pra cá, o Froid veio pra cá gravar um clipe, por que São Gonçalo virou uma meca do rep que aqui você ganha visibilidade. Por isso o Noventa tá na rodoviária toda hora vindo pra cá pra Batalhar no Tanque, ganhar seguidos e voltar pro Espírito Santo como um cara que já ganhou o Tanque. (ROMÁRIO REGIS, 2017, entrevista pessoal)⁷¹

A comparação com a Meca – feita por Romário Régis durante a entrevista – me levou a pensar no que ambos podem se aproximar dentro

⁷⁰ Comunicação com o autor em 26 jul. 2017

⁷¹ Comunicação pessoal com o autor em 24 mai. de 2017

dessa analogia. A Meca é uma cidade da Arábia Saudita, considerada como a mais sagrada no mundo para os muçulmanos. Aproximadamente 13 milhões de muçulmanos a visitam, incluindo aqueles que realizam o Haje. O Haje é uma peregrinação e é o último dos "cinco pilares do islamismo", sendo obrigatória ao menos uma vez na vida para todo muçulmano. Para MCs de outras cidades e até estados, por conta da visibilidade que é possível alcançar, acaba sendo uma viagem indispensável para o início da carreira, assim como a Tradicional Batalha do Real foi para grandes nomes como Emicida, Marechal, Funkero e Don Negrone. Assim, semelhante a Meca, a batalha se torna um território com seu lado simbólico e funcional, como aponta Rogério Haesbaert:

Portanto, todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois as relações de poder têm no espaço um componente indissociável tanto na realização de "funções" quanto na produção de "significados". (HAESBAERT, 2007, p. 27)

Sentir-se representado a partir de um movimento cultural é algo marcante na vida dos MCs. A BDT acaba sendo não apenas mais uma batalha, mas um influenciador na identidade de cada um deles. A partir dali que é negociada e reconstruída a identidade dos frequentadores. Essa mudança na identidade acaba indo além de suas ações e criando um mercado também em sua pele, como as tatuagens com o Tanque.

Tatuei o Tanque e não é uma parada que foi, vamos supor, pelo momento que eu to vivendo, se ligou? Foi o que iniciou a eu estar nesse momento. Tipo não é uma parada. É igual você tatuar, vamos supor, o nome da sua namorada ou algo do tipo, tá ligado? É uma parada que você tá num momento, mas daqui a, vamos supor, você termina daqui a um tempo e a tatuagem vai estar lá ainda, sacou? Só que o Tanque não foi essa intenção, foi tipo, não pela parada que eu to vivendo, mas sim pelo momento onde começou. Exemplo disso: o Tanque mudou minha vida! Maior homenagem que eu pude fazer, tá ligado, jogar na minha pele. (DOUG, 2017, entrevista pessoal)⁷²

Mesmo o Tanque carregando uma imagem de que é um local onde se pode sentir representado e um lugar onde oportunidades podem surgir, há

⁷² Comunicação com o autor em 02 ago. 2017

também quem o veja como um local definido a partir das rimas que são feitas durante as batalhas.

Por conta do teor das rimas dos MCs do Tanque, não gostar da batalha em questão pode se tornar um status. Muitos MCs que tinham uma presença assídua na batalha e que faziam rimas machistas, homofóbicas e racistas, já se colocaram num lugar de desaprovação quanto a elas. Acredito que seja reflexo do amadurecimento desses MCs frente às críticas que eles recebem frequentemente. Não gostar das rimas feitas pelos MCs e a falta de limite proposta numa batalha não significa desaproveitar ou deslegitimar o movimento cultural urbano, mas sim significa reconhecer até que ponto aquele movimento é benéfico e onde ele pode ser melhorado, levantando questões pertinentes para o desenvolvimento dos jovens.

Depois do funk carioca, as batalhas de MC são os eventos que mais reúnem juventude no Brasil. A BATALHA DO TANQUE É O EVENTO URBANO QUE MAIS REÚNE JUVENTUDE NUM SÓ LUGAR, e sim, em termos políticos isso tem todo o seu valor e o seu mérito, SIM, porque é uma forma LEGÍTIMA de mobilização da juventude. Então, fica registrado aqui o meu salve à toda rapa da Batalha do Tanque, ao Felipe Gaspary, que faz os registros, à plateia, aos MCs e a todos os envolvidos pra fazer a parada ACONTECER. Eu, pelo meus ideais e valores (muitos deles aprendidos com minha vivência junto ao Hip Hop) tenho inúmeras discordâncias a muito do que é rimado no Tanque, não vejo com bons olhos a chamada "pederastia", onde os MCs falam que "comeram" a mãe do outro, a namorada, a prima, que o outro senta no poste e outras rimas do tipo. Não tenho a necessidade de que você concorde comigo, mas apenas que entenda que eu não acho legal palavrão e pederastia num freestyle, sobretudo quando sabemos que toda a juventude tem acompanhado essa cena. Pode me chamar de careta, de piegas, de ultrapassado, de chato, mas é isso que eu acredito e há 4 anos, são esses princípios que fizeram eu conquistar muito do que consegui até aqui, enquanto Singelo MC. Então, existe vida além dessas rimas, que pra mim, são fracas e pobres liricamente falando. Eu acredito demais no potencial da mente humana, e eu tenho certeza absoluta que não só os MCs do Tanque, mas qualquer um que se meta a rimar, consegue mandar uma rima melhor do que "comer a mãe do outro" ou "mandar tomar no cu". ISSO É O QUE EU PENSO. Mais uma vez, repito, não estou obrigando ninguém a concordar comigo, nem a rimar como eu rimo. (RAFAEL FELIX, 2016, postagem no Facebook)⁷³

A questão da representatividade me chamou à atenção. O movimento cultural urbano influencia e reorganiza a vida e identidade não apenas dos MCs, mas também de todos que de alguma forma cercam a batalha.

⁷³ Disponível em <<https://www.facebook.com/rafaelfelixleite/posts/1171893116182832>> Acesso em 19/08/2017 as 18:09

Quando me refiro à modificação de vida, me refiro a agenda das pessoas que toda quarta-feira, como uma reunião religiosa dominical, se encontram e a partir dali acabam pautando suas vidas e semanas. Em uma entrevista com Jhony em 2016, na edição do "Rei do Tanque", quando perguntei para ele o que era o tanque, a resposta foi "É um bagulho que eu não consigo ficar sem ir, tá ligado? Não consigo ser Jhony sem o tanque." Há aqui duas afirmações interessantes de olharmos.

Inicialmente, observando a questão da representação que se tem a partir dali, vi que há um sistema que produz, reconstrói e influencia identidades. Desde o modo de se vestir ao modo de se portar acaba sendo modificado a partir da vivência. A batalha acaba produzindo um status para a identidade das pessoas; não são apenas MCs que batalham lá, passam a ser MCs do Tanque e a partir daí cria-se uma imagem de que são os melhores MCs do Rio de Janeiro, ou caso não seja um MC a torna-se pessoa frequente a melhor batalha. Algumas vezes quando falei para pessoas que pesquisava a BDT e era de lá, prontamente isso acrescentou um outro significado à minha identidade por conta da representação que a batalha tem. Nem sempre é algo que seja acrescentado por vontade própria: lhe é incluso.

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas as questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? (WOODWARD, 2009, p.17)

Ser um MC da Batalha do Tanque ou até um visitante é "ser do Tanque". Como Doug me declarou:

Foi uma parada que me tirou da vida que eu tinha, nunca me envolvi com nada de errado, mas fez eu levar minha vida pra bem melhor. Hoje em dia eu sou Doug por causa do Tanque, que mudou minha vida, minha opinião. Rimava antes pra 100 views, hoje pra milhões. Conhecido em qualquer roda cultural do Brasil que você pisar vão saber quem é o Tanque. (DOUG, 2017, entrevista pessoal)⁷⁴

⁷⁴ Comunicação com o autor em 02 ago. 2017

Acaba que não é apenas uma questão de "ser do Tanque"; se torna também "não ser de uma batalha X". Tomaz Tadeu salienta que "a identidade e a diferença são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva" (SILVA, 2009, p.81). Nesse momento se evoca uma identidade já estabelecida no imaginário que reflete nas práticas.

Outro ponto que vejo ser interessante para entender o que é aquela manifestação cultural que ocorre continuamente é a questão da liberdade. Não coloco aqui apenas a liberdade dos MCs em dizerem o que querem, mas também a liberdade de todos os presentes; logo, a liberdade como uma regra.

Antes da mudança dos organizadores, havia uma certa conscientização quanto ao não uso de maconha nos dias de batalha. Recordo de que em um dia de roda, em que Gordo não estava apresentando as batalhas, quando ele se colocou ao microfone e disse para às pessoas que quisessem fumar se distanciassem de onde acontecia a batalha. Como a batalha ocorre no final da praça, ele se referia ao início dela, onde poucas pessoas ficam na quarta-feira a noite. O pedido para se afastarem era uma preocupação que Gordo me explicou algum tempo depois. Em uma conversa, sem formalidades, disse que todos sabiam a posição dele quanto ao uso e legalização da maconha, porém ninguém jamais o tinha visto fumando em dia de batalha, pois ele era exemplo para as crianças que frequentavam a roda. Também disse que tinha preocupação caso a polícia fizesse uma batida ali, pois ele era "responsável" pelo espaço, mas não pelas pessoas. Apesar disso, caso houvesse uma intervenção policial, eles responsabilizariam a organização com conviência. A atual organização da roda não se preocupa apenas com o acontecimento da roda em si, pois hoje envolve outras questões, além das batalhas, como por exemplo, eventos que envolvem a roda. Sendo assim, esse tipo de cobrança e discurso acabou sendo deixado de lado.

Uma proximidade entre as duas épocas é o comércio na praça, sendo que em cada momento a venda de refrigerantes, cervejas, cigarros, comida e roupas tem sua proporção. Quando Luã Gordo estava organizando a roda, percebia que havia menos ambulantes do que há hoje. A Batalha do Tanque acaba sendo também um ponto de apoio financeiro para aqueles que vivem do comércio informal. São aproximadamente cinco barracas que vendem lanches

e outras 4 que vendem apenas bebidas. Também os ambulantes que circulam pela praça vendendo cigarros a varejo, balas e outras guloseimas.

Traçando um panorama geral, a roda aparece também como um espaço de liberdade, tendo como principal especificidade a abertura para os MCs fazerem qualquer tipo de rima. Outro ponto que é tocante ao público é a falta de vigilância sobre ele; não há figura do estado durante a manifestação, sendo assim é possível – por exemplo - consumir maconha sem ser repreendido. A Polícia Militar não fica de modo permanente, durante a roda, carros de patrulha passam de vez em quando. Acredito que todas as Rodas Culturais também sejam um espaço onde se pode ser livre de diversas formas, desde que não se coloque como agressor do direito do outro. Uma Roda Cultural também é um espaço de encontros e reencontros, um espaço de fruição com seus iguais, assim como também de discussões. A liberdade naquele lugar, independente da época em que se aponte, está ligada a direção que se deseja seguir.

A liberdade não parece oferecer riscos enquanto as coisas obedientemente seguem o caminho que desejamos. Afinal, a liberdade é a capacidade de fazer com que as coisas sejam realizadas do modo como queremos, sem que ninguém seja capaz de resistir ao resultado, e muito menos desfazê-lo. (BAUMAN, 2003, p. 26).

E essa liberdade leva aquele momento vivido toda quarta-feira - que é contínuo no cotidiano das pessoas que lá frequentam - que pode ser um dos motivos para a batalha ter essa dimensão e ser o que é hoje: um modo de divulgação, uma família, local de encontros, uma batalha, lugar de resistência e re-existência e até um país.

O Tanque não tem agente protelando o que o Tanque vai fazer. No Tanque você pode xingar, você pode matar, você pode dar tiro, você pode fazer o que for e é eles. É eles com eles e as regras são eles que fazem. O Tanque é um outro país. O Tanque é um lugar onde ninguém mete. Não tem cultura hip hop, não tem rep, não tem MV Bill, não tem D2, não tem ninguém, não tem Marechal que vai se meter no Tanque que o Tanque não vai mudar sua característica que é ele por eles e quem se intrometer eles vão ser contra essa pessoa. O Tanque basicamente é um organismo próprio dentro do Brasil que funciona da sua maneira e por isso que talvez chame a atenção desse diferencial do rep. (...). Por isso que falo que o Tanque é um país, porque o Tanque não precisa mais de ninguém pra existir. O Tanque.... De fato todos os MCs podem acabar. Mas o Tanque sempre vai existir no imaginário da praça dos ex-combatentes.

Porque a praça dos ex-combatentes, ela se confunde, né?! Ninguém sabia a função daqueles monumentos ali e hoje o Tanque que tá ali, ele acaba sendo mais representativo pro rep do que pra associação dos ex-combatentes e por acaso, a Roda Cultural de São Gonçalo, que é na praça dos ex-combatentes, se confunde com a história do Tanque. Engraçado que os militares não deixariam o Tanque existir lá. (ROMÁRIO REGIS, 2017, entrevista pessoal)⁷⁵

A Batalha do Tanque também é um espaço de diversas possibilidades, onde uma massa heterogênea de jovens se reúne semanalmente para colocar em prática a liberdade que lhes é, de alguma forma, confinada. Definir o que é a Batalha do Tanque vai além do que conseguimos perceber, pois a ela são dados diversos significados e atribuições, sendo alguns coletivos, enquanto outros são individuais. Um movimento cultural tão grande – em questão de alcance – não pode ser reduzido a apenas um conceito, pois é complexo desde a sua concepção até a sua realização e semanalmente ocorre esse ciclo.

⁷⁵ Comunicação pessoal com o autor em 24 mai. 2017

3 - TANKFAMILY, OS CRIA, CRIADO E RELÍQUIA

Como apontado anteriormente, a rua é um local de um número infinito de possibilidades para aqueles que "a vivem" cotidianamente. Dentro dessas possibilidades criativas existe uma "instituição" que é comum dentro do movimento hip hop, logo dentro das rodas culturais: a família. A família pode ser ilustrada de muitas formas: como grupos de rep, crews de dança, grupos de xarpi e outros.

A convivência entre os frequentadores desses grupos contidos dentro da roda faz que haja uma aproximação mais profunda do que apenas o fato de se verem no dia em que acontece a roda cultural.

Os laços formados dentro desse espaço de horas que constituem o acontecimento do evento acabam se tornando "apenas" mais um dia de encontro, pois, de fato, outros encontros e contatos são realizados em outros dias, em outras temporalidades, locais e também por outros meios além do face a face. Com essa proximidade e a descoberta de uma diversidade de afinidades, acabam formando as famílias.

Porém, esse motivo - o da proximidade - que faz com que as famílias existam não pode ser apontado como único.

Vejo que a #TankFamily, além dos motivos que apontei, também surgiu por conta de uma demanda organizacional e que foi nomeada assim, como uma família. Aqui não pretendo - a partir da bibliografia utilizada - restringir a organização da batalha como sendo, ou não, apenas uma "família" ou um coletivo, pois observei um hibridismo, uma mistura entre as duas definições que irei propor a seguir.

Um estudo sobre família demandaria maior tempo e profundidade no assunto, em vista de que, para isso, também seria necessário um olhar minucioso quanto a #TankFamily, já que a extensão dessa família não se resume apenas aos laços afetivos criados, mas também aos econômicos.

Segundo Philippe Ariès (1981, p. 231), durante a idade média da Inglaterra, "a família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental" e que "nos meios mais ricos, a família se confundia com a prosperidade do patrimônio, a honra do nome.". Pois bem, posso, a partir daqui

voltar meu olhar para essa família urbana. Não se trata de uma família rica economicamente falando, mas - de uma forma - o nome dos MCs é algo que consegue arrecadar capital e também efetivar a manutenção do status da família. Ter o nome de um dos MCs que participam do Tanque dentro de um evento, como um contato profissional ou pessoal, acaba aumentando o "valor" daquilo em que eles estão inclusos. Não se trata apenas de conseguir dinheiro com o trabalho dos MCs, porém há uma elevação do prestígio, seja da pessoa ou do trabalho em que os MCs participam. Essa influência acaba sendo um meio de manutenção do status que a Família do Tanque alcançou. Uma diferença que Ariès aponta, e que pode ser observada na TankFamily é referente ao sentimento, pois a realidade moral e social se funde com a emoção. Essa afecção que permite sentir-se parte da família em questão.

Uma família para ser formada, para existir, não há necessidade de um laço sanguíneo, porém, conforme aponta Claude Lévi-Strauss (1983), para ser uma família, o grupo social deve ter ao menos três características:

Essas propriedades invariantes, ou caracteres distintivos da família, são os seguintes: 1) A família tem a sua origem no casamento; 2) Ela inclui o marido, a mulher, os filhos nascidos da sua união, formando um núcleo em torno do qual outros parentes se podem, eventualmente, agregar; 3) Os membros da família estão unidos entre si por: a) Laços jurídicos; b) Direitos e obrigações de natureza econômica, religiosa, ou outra; c) Uma rede precisa de direitos e proibições sexuais e um conjunto variável e diversificado de sentimentos, como o amor, o afecto, o respeito, o medo, etc. (LÉVI STRAUSS, 1983, pp. 75 - 76)

Dessas características apontadas por Strauss, partirei da observação de campo para conectar os pontos à TankFamily. Em primeiro lugar, o casamento. O casamento é uma união entre dois indivíduos que, a partir dali, têm suas obrigações e deveres um com o outro. Ao contrário da cultura indiana, por exemplo, onde os casamentos são arranjados pelos pais sem um prévio consentimento daqueles que vão se casar, a cultura ocidental permite a escolha daqueles com quem se formará a família. Assim, o casamento, no caso da TankFamily, pode ser apontado como um casamento simbólico, onde os produtores, MCs e todos os envolvidos de alguma forma, realizam suas "obrigações" com a Roda Cultural, como por exemplo realizá-la semanalmente e a partir dali promover a cultura de rua; um compromisso assumido por um

grupo de jovens com a cultura urbana. O segundo ponto indicado é o de ser constituído pelo marido, esposa, filhos ou outros parentes. Aqui, aponto o papel de Felipe Gasparly como o "pai" e "mãe"; aquele que se coloca de frente a sustentar a família. Hoje a Família do Tanque depende de Gasparly - junto com outros MCs -, pois é ele quem toma a frente para que a roda cultural continue resistindo e existindo naquele espaço. Incorporando esse papel, vi diversas vezes Felipe se colocando, de uma maneira discursiva, como "mãe" e "pai" de alguns MCs, com isso dando suporte ao que eles necessitavam. Por último, os membros da família estão unidos por laços legais, direitos e obrigações, proibições e sentimentos psicológicos.

Porém, tal instituição tem um significado social que vai além da questão genética. Uma família, enquanto instituição social, não é limitada à consanguinidade, heterossexualidade ou nível socioeconómico. O que faz de uma família uma família é a união, o respeito e a compreensão. Esses fatores sentimentais acabam sendo relacionados ao "espírito hip hop" que tem, dentro de seus fundamentos, a união e o respeito entre os indivíduos.

Todavia, essa família não é ligada apenas por esses fatores; também há a questão do trabalho que os envolve. A configuração da Família do Tanque esbarra com a configuração de um coletivo, coisa que eles não deixam de ser, pois:

Um ponto básico em se tratando de entender os coletivos brasileiros é sua frequente atuação fora dos meios culturais institucionalizados, isto é, aqueles que na sociedade em geral validam o que pode ser tido como "arte" ou não. (ROSAS, 2006, p.29)

Além de que a família em questão trabalhe com uma cultura marginal e fora dos meios culturais institucionalizados, como Ricardo Rosas, os coletivos partem de outro ponto: os interesses que cada membro tem e, a partir daí o ponto em que esses interesses se conectam ou se esbarram para que se transformem em um bloco.

Tal prática coletiva não significa que um coletivo se crie simplesmente com todos produzindo junto: ele se cria porque pessoas compartilham uma intensidade de trocas maiores entre elas do que com o resto da comunidade, do que com outros sujeitos e práticas e, em um dado momento, encontram-se tensionadas entre si. O coletivo, assim, é uma formação não de certo número de pessoas com ideais comuns,

mas de um bloco de interesses, afetos, diálogos, experiências aos quais certo número de pessoas adere, reafirmando e transformando esse mesmo bloco. (MIGLIORIN, 2012, p. 308)

Alguns membros do coletivo - ou família como este caso - podem ter um ideal em comum com outros membros, assim estes se aproximam e podem formar uma outra frente de produção que continue vinculada de alguma forma àquele coletivo. Essa produção, aqui em shows, apresentações, novidades para e na própria Batalha do Tanque, efetivam em ato o coletivo, pois é a partir do planejamento coletivo que se dá cada ação.

Como os sistemas hidráulicos, os coletivos existem atravessados por fluidez e abertura, disponíveis a novas conexões, mas ao mesmo tempo dependem de pontos fixos de convergência. Caso contrário, a dispersão impede a configuração de um ponto de tensão, de um irradiador de intensidade. (MIGLIORIN, 2012, p. 312)

E toda essa energia, todos esses planos convergem para os mesmos planos: a manutenção e a continuidade da Batalha do Tanque e o desenvolvimento artístico dos MCs que lá batalham.

Essa transmutação do coletivo em família ou de uma família em coletivo, também se deve ao sentimento de pertencimento. Sentimento esse que surge, pois, ao tirar o sujeito da invisibilidade social que lhe é imposta. As condições de vida de cada um dos MCs é algo particular, porém bastante similar: a ausência de uma figura familiar mais próxima, falta de auxílio dos órgãos que têm o dever de apoiar os sujeitos em determinadas situações e a estrutura social que insiste em declarar que o lugar destes artistas é a margem.

Essa família, grupo ou coletivo, acaba sendo um local onde é possível "fugir" de determinadas mazelas e reunir forças. Local onde há apoio mútuo, onde eles encontram suporte, algumas vezes, financeiro e sentimental.

A partir do convívio, surge uma quantidade de sentimentos que são direcionados aquela família. Para haver um grupo, coletivo ou família, onde pode se estar inserido e também se sentir parte integrante, tem de haver a confiança.

Confiança, então, é uma ação que permite àqueles que a possuem, ou põem em prática, uma espécie de segurança íntima de procedimento: o outro passa a ser visto como uma extensão ou

prolongamento do eu. Um lugar de familiaridade, onde os laços afetivos são intensos, onde existe uma crença no valor do grupo que parece sobressair ou sobrepor-se aos diversos membros que dele fazem parte, tornando-os parceiros da vida, ao mesmo tempo em que assegura um espaço de diferenciação de cada membro em relação à sociedade em geral. O indivíduo que pertence ou se sente pertencendo ao grupo, no processo de integração ao coletivo sente-se, também, como que encontrando a sua face no social. Ele se torna membro de um grupo e nessa transubstanciação parece adquirir o caráter de atribuição do sentido de individualidade pessoal, torna-se sujeito de fala e ação frente aos demais. (KOURY, 2002, pp. 152 - 153)

A confiança é uma via de duas mãos, você concebe ou concede confiança a partir do momento em que se está dentro daquele grupo; para isso é necessário que sejam aceitas as regras e códigos da família como, por exemplo, aceitar as rimas que são ditas durante uma batalha e não levar para o lado pessoal.

E por fim, estar nessa família passa a ser o momento em que o sujeito passa a existir para o mundo. Ouvei em algumas conversas com alguns MCs que batalham ou já batalharam no Tanque que se não fosse por aquele movimento cultural eles "seriam ninguém". Assim como uma vez, em um determinado momento em que conversava com Heldinho, durante o intervalo de uma batalha, sobre um desentendimento com um outro MC, ouvi de um terceiro que as pessoas iam para a roda ver o MC, que ali era o espaço onde ele existia para o resto do Brasil. Ou seja, é a partir dali que os sujeitos passam a existir e deixam para trás o anonimato.

Uma espécie de momento simbólico de nascimento para o mundo através do grupo e, simultaneamente, do florescimento de si mesmo como pessoa que possui um lugar no mundo, de onde fala e por onde se move. Uma espécie de lugar de visibilidade, onde, através dele, se tornasse existente ou adquirisse existência para os outros e para si próprio. Um lugar de duplo significado: de um lado, um lugar de semelhança, onde a identificação com os demais membros cria um sentido de familiaridade e uma rede de afetos que tornam o indivíduo pessoa, pela confiança e confiabilidade aferida e doada pelas partes em relação. De outro lado, como um lugar de diferenciação. Lugar de onde pode se tornar visível como individualidade, como marca de uma personalidade que possibilita a fala e a comunicabilidade com outros desiguais. (KOURY, 2002, p. 154)

Afinal de contas, o que vem a ser a #TankFamily, segundo a definição dada pelos membros da família? Felipe Gaspary, em entrevista ao canal do YouTube "Ainda Somos Rap", definiu da seguinte forma

A TankFamily é um projeto que não existia no Brasil até o momento se não me engano e eu, tipo, não sei explicar direito como ela funciona, mas na verdade a Tankfamily é um sentimento como se fosse a "Um só caminho" ao mesmo tempo que assessora, tenta estruturar e dá apoio aos MCs de batalha; tanto na parte musical, quanto em batalha, como em gerenciamento, dicas, conselhos, aprimoramentos e ao mesmo tempo consegue fechar o formato industrial e comercialização. Tanto como formato de show como produção de eventos e vendas de serviços. a TankFamily, na realidade, todos os mcs do Tanque, em si tem uma história, tem uma identificação, que tem aquela energia, todos eles são da TankFamily. (...) TankFamily é uma energia e, tipo assim, cada trabalho é um trabalho, fechou um show tem o orçamento "x", a gente monta o time a partir do orçamento, vai fechando... Lógico que existe um ou outro que sempre tá junto, tipo o Jhony, o Pelé que fez muito show com a gente, o Knust...E mano, como tá a família em si, por exemplo, pra mim é uma família, como diz aquele programa da Globo que tinha: "é uma família muito unida, mas também muito complicada". As vezes acontece problema, às vezes um quer matar o outro, mas no final das contas, mano, não dá uma semaninha e o pessoal pega, respira, senta conversa. (GASPARY, 2017, entrevista no YouTube)⁷⁶

Aqui podemos ver as interseções entre a família e o coletivo, onde - em ambos os casos - deve-se haver confiança, pois não se trata apenas de negócios, mas também de uma base para que todos se sintam integrados.

Pude presenciar algumas ocasiões em que percebi esse sentimento de pertencimento e de confiança que existe entre eles que os colocam em um papel de familiar. Em uma edição da Batalha, estava conversando com um dos MCs quando esse me disse que estava com alguns problemas em casa e corria o risco de que seus pais o expulsarem. Em determinado momento da conversa, o MC disse que tinha de ir embora, pois Gaspary iria ajudá-lo. Outro momento foi quando um dos MCs chegou até Felipe Gaspary, pedindo dinheiro da passagem para fazer uma entrevista de emprego e foi atendido na mesma hora; como uma mãe ou um pai fariam por um filho

Eu tive uma briga com Pelé, a gente tava sem se falar e essa semana ele mandou: "Porra, mano, tu é meu pai, o bagulho é foda. Não dá pra gente ficar assim. Vamos sentar e conversar" e mano, é uma família. A gente se mata, se odeia, existe intriga entre eles, entre alguns, mas como tu vai fazer uma banca que tem quarenta membros, tanto que trabalha musicalmente, quanto pessoas que não são da parte musical, mas são da TankFamily como Alan, como Nolasco, galera que ajuda nos bastidores, como não vai ter briga de

⁷⁶ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=2MHseXIU2pI&t=1285s> >
AindaSomosRap com NAAN - Felipe Gaspary (História da Batalha do Tank) - Ep. 05. Acesso em 26/07/2017 as13:34

ego, problema e estresse? Impossível, mano. Mas graças a Deus conseguem sentar, trabalhar, fazer as coisas acontecerem e, mano, TankFamily só tem a crescer e não tem limite. Ela pode ser o que ela quiser: pode ser uma banca, uma gravadora, não limita as pessoas. Você pode trabalhar na 1kilo, sendo DamassaClan e fazer parte da TankFamily como vários são, tá ligado? (GASPARY, 2017, entrevista no YouTube)⁷⁷

No tempo em que acompanhei a batalha, vi alguns episódios que lembram muito o de uma família: brigas, discussões, reaproximações, aproximações e outros detalhes que fazem deles uma família. Porém, não são todos os MCs que fazem parte da #TankFamily, mas mesmo não fazendo parte dessa organização, fazem parte da família de uma forma geral.

Vou dar um salve pros mcs que chegaram depois da TankFamily, mas não são de São Gonçalo, não são originários: PK é TankFamily, Buddy Poke é TankFamily, o Xan é TankFamily, o Xamã é TankFamily, o Thiago de São Paulo é TankFamily, o Chris é TankFamily, o Noventa é TankFamily e esses são só os de fora. (GASPARY, 2017, entrevista no YouTube)⁷⁸

Os MCs citados não são todos originários do Rio de Janeiro: o MC PK da Ilha do Governador (RJ), Buddy Poke do Jardim Bangu (RJ), Xan é morador da Zona Norte do Rio de Janeiro, Jason Fernandes, o Xamã, é de Sepetiba (RJ), Chris é de Minas Gerais (MG) e Noventa do Espírito Santos (ES).

Dentro desse contexto familiar, quero chamar atenção para alguns termos que ouvi e que me chamaram bastante atenção durante as investidas em campo: "cria", "criado" e "reliquia". Essas três categorias não são originárias da Batalha do Tanque, assim como não são exclusivas do Hip Hop.

Vejo essas categorias como um reflexo das gerações que passaram pela Batalha do Tanque, pois a primeira geração - hoje os mais velhos - é tida como os "reliquias". Existem três tipos de gerações: a do sentido de "genealogia"; a que dá sentido à idade de vida do sujeito pertencente de uma determinada geração; e a terceira que remete a um sentido histórico.

⁷⁷ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=2MHseXIU2pI&t=1285s> > AindaSomosRap com NAAN - Felipe Gaspary (História da Batalha do Tank) - Ep. 05. Acesso em 26/07/2017 as13:34

⁷⁸ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=2MHseXIU2pI&t=1285s> > AindaSomosRap com NAAN - Felipe Gaspary (História da Batalha do Tank) - Ep. 05. Acesso em 26/07/2017 as13:34

O que se entende quando fala de “geração”? Forquin (2003) diferencia três compreensões: Em primeiro lugar, geração pode ser entendida no sentido de “genealogia”, destacando as relações de filiação (primeira geração, segunda geração, ...). Um segundo uso do termo “geração” é voltado à idade de vida, como a “jovem geração”, a “geração dos adultos”, etc. E uma terceira compreensão de “geração” refere-se ao seu sentido sócio-histórico, usado, geralmente, para demarcar uma determinada “geração” histórica, como a geração de “1968” ou a geração das “Diretas já”, desta forma designando “um conjunto de pessoas que nasceram mais ou menos na mesma época e que têm em comum uma experiência histórica idêntica e/ou uma proximidade cultural”. (FORQUIN, 2003 apud DOLL, 2012, p.45)

É possível perceber que no Tanque há possibilidade de enquadrar as gerações por duas das categorias expostas por Forquin: se limitarmos por genealogia, teremos a primeira geração que compreende de 2012 a meados de 2015 e a segunda geração a partir daí; se limitarmos por seu sentido sócio histórico, é viável apontarmos para as gerações de acordo com o modo como os organizadores enxergam a roda: Gordo e Gaspary. Luã Gordo tratava e geria a Roda como um projeto social, essa geração, referente as rimas, não as carregava em palavrões, pederastia, machismos e etc e Felipe percebe como um coletivo que também é um negócio em vista que se criou uma crew para levar o projeto a frente, quanto as rimas, essa segunda geração não mede palavras. As duas gerações demonstram suas diferenças, porém é interessante perceber como uma tem influência sobre a outra, principalmente quando se fala em MCs da roda que os influenciaram.

Dentro dessas gerações, podemos perceber diversas diferenças, como por exemplo o teor e peso das rimas realizadas pelos MCs e a popularidade que a batalha alcançou durante uma organização e outra.

A primeira geração, dos “reliquias”, compreende a geração dos mais antigos dentro do movimento, aqueles que estiveram no momento da fundação da Batalha do Tanque. “Relíquia”, segundo o dicionário⁷⁹ é uma coisa de grande valor por ser rara ou antiga.

Dentro da tradição cristã, a relíquia é aquilo que de alguma forma serviu ou manteve contato com o corpo de algum mártir. Aquele cristão que durante a vida terrena agiu como Cristo, em sua morte “não será considerado como um mero cadáver, mas como uma relíquia e, portanto, como um objeto

⁷⁹ Disponível em < <https://www.priberam.pt/dlpo/rel%C3%ADquia> > Acesso em 25/01/2018 as 22:41

de grande valor, ao qual deve ser tributada a respectiva honra" (NUNES JUNIOR, 2013, p.8).

A relíquia é algo sagrado, uma mostra de uma vida heroica, que seguiu os preceitos evangélicos. A relíquia é um testemunho por si mesmo que não possa falar. Ter uma relíquia, ou no caso ser "relíquia", confere um status de "santidade", que não é possível ser tocado, que deve ser venerado e respeitado por aqueles que seguem determinados preceitos. Nunes Junior (2013), ainda aponta que "além disso, dado o seu próprio caráter sagrado, a presença de uma relíquia tem uma força agregadora, ou seja, funciona como referência para o estabelecimento ou o fortalecimento dos vínculos comunitários" (p.9); sendo assim, o "relíquia" pode ser aquele que fortalece os vínculos, aquele que pode agregar.

Então, se você for parar para pensar dos mais antigos que começaram no tanque, que assim, a gente tem de falar dos que vieram antes: Big Tiger, Prioridade SG, Funkero, Gel, todos vieram antes de nós, irmão e a gente tem de respeitar. (NAAN, 2017, entrevista pessoal com o autor durante a Batalha de Trios)

Na arte de rua, ser relíquia também acaba sendo um posto de prestígio no meio em que se está inserido. Aqui, os "relíquia" são aqueles que inspiram e de alguma forma foram base para os mais novos, os "cria". Vale apontar que um "relíquia" só existe a partir do reconhecimento de terceiros.

Já o "cria" não é apenas cria a partir do reconhecimento de terceiros, mas também depende de sua ligação íntima com o local em que se é um "cria". Partindo do que diz o dicionário⁸⁰, "cria" é um substantivo feminino que pode ser "filho" ou "animal que nasceu há pouco tempo", sendo também uma derivação regressiva do verbo "criar"; por sua vez, "criar" é: dar existência, produzir, gerar, educar e originar.

Assim, é possível percebermos que um "cria" é uma pessoa que foi gerada, produzida naquele local. Os "cria" são pessoas que podem chegar algum dia a ser um "relíquia", porém não existem garantias para isso. Para ser um "cria", deve se ter algum tipo de ligação sentimental ou prática com o local de onde se é um cria. O "cria" tem envolvimento com o movimento que vai além do interesse individual.

⁸⁰ Disponível em < <https://www.priberam.pt/dlpo/cria> > Acesso em 25/01/2018 as 23:43

Pô, ser cria é estar fechando em todas as coisas, não só em batalha, mas ajudar a organizar, ajudar com qualquer coisa, qualquer ajuda é válida. Não é só vir, batalhar e depois ir embora ou vir para a roda beber e meter o pé. (GEDAI MC, 2017, entrevista pessoal com o autor durante a Batalha de Trios)

Ser “cria” também é carregar um título para onde quer que vá, é um status que se carrega, status esse que confere ao indivíduo responsabilidades, como: preservar o nome daquilo ou de onde se é um “representante”, honrar aquele lugar ou movimento.

Pô, mano, pra mim ser cria depende também do ponto de vista. Pode ser que você seja só por ter frequentado ali há muito tempo ou você pode ser cria dali, simplesmente da maneira que eu fui: que é chegar do nada, conquistar, fazer seu nome e passar a representar o que você conquistou, tá ligado? Eu represento o Tanque em qualquer show que eu faço com o ModestiaParte, qualquer lugar que eu to, sou Batalha do Tanque. Eu propago as batalhas de rima, eu sou isso, tá ligado? (OROCHI, 2017, entrevista pessoal com o autor durante a Batalha de Trios)

Assim também como ser cria também é quase um prêmio para aquele que tem a honra de carregar esse título

Ser cria da batalha do tanque hoje é ter orgulho. Quando a gente começou qualquer lugar que tu ia e falava que era de São Gonçalo ninguém tinha referência de nada. Então a gente hoje, por falar que é de São Gonçalo, fala que é da batalha do tanque é um respaldo, sabe qual é? Você chega em qualquer batalha no Brasil inteiro se você falar que veio da batalha do tanque você pode ter certeza que neguinho vai dá uma tremida na base e eu acho que isso é muito importante. Acho que a gente conquistou o respeito não só da nossa cena, mas musicalmente. A gente conseguiu com artistas aí, pó, da caverna do dragão, principalmente os moleques que se destacaram aí: o Modéstia Parte, o Liink, eu sei que também fiz meu corre, tentei levar a parada. Eu acho que a gente conseguiu colocar São Gonçalo na cena musicalmente forte e também na questão do movimento. Então acho que hoje, ser cria da Batalha do Tanque é um motivo de orgulho pra todos esses moleques, entendeu? E a gente é exemplo pra muita gente, irmão. Hoje em dia eu vou pra muitas batalhas aqui na baixada onde eu to morando e molecada toda se espelha na gente e isso é algo muito maneiro. Eu apresentei uma roda aqui na baixada, em Mesquita, e é uma roda que enche tanto quanto a nossa aí e a roda é muito parecida, sabe? Viram o que a gente fazia e acabaram reproduzindo e eu achei muito legal o movimento. Eu fui recebido muito bem, sabe qual é? Os caras me respeitaram muito. Eu me senti na batalha do tanque. Então hoje ser cria da batalha do tanque é ser referência, eu acho que é isso, é ter orgulho e é algo que me deixa muito orgulhoso que quando eu cheguei na cena era bem diferente. Então tem uma molecada mais antiga de SG que me odeia porque o tempo acabou deixando eles mais pra trás ainda do que eles já estavam quando eu cheguei e eu acabei tendo como exemplo certas

peessoas que lutavam pelo movimento em prol de si mesmo, sabe, e comecei a pensar num coletivo em fazer uma cena que fosse bom pra outras pessoas também, sem pensar muito em mim, eu parei de apresentar a batalha justamente pra mostrar que eu não precisava daquilo ali para me auto-promover e que tinha outras maneiras de me promover que era musicalmente. (GORDO, 2017, entrevista pessoal com o autor durante através do whatsapp)

Também há uma terceira classe que seria um modo pejorativo do "cria", porém é uma categoria em que não é citada e passa despercebida. Aparece apenas para se dizer aquilo que não é. Essa categoria é o "criado". O "criado" aparece quando se diz: "quem é cria não é criado". Acredito que se referir ao criado seja contraponto ao "cria". Ninguém é apontado como "criado" e também não é comum se dizer que uma pessoa é criada de algum lugar. Essa classe pode passar despercebida entre as outras quando se refere à identidade e pertencimento dentro do grupo. É como se não existisse, porém quando é necessário reafirmar em algum momento se aciona o "criado" se colocando como antítese do "cria".

Independente da geração - seja relíquia ou cria - para o sujeito se enquadrar em uma delas, o mesmo deve ter uma ligação forte, uma ligação afetiva e prática com a Batalha. Essas categorias não figuram apenas na cultura urbana ligada ao hip hop, também dentro do funk e das favelas cariocas se escuta muito falar dos "cria".

3.1 - A RUA É QUEM OU OS "DONOS" DA RUA

A Rua é um elemento importante para pensar a questão do surgimento/construção de um orgulho e sua manutenção. A rua ganha diversos sentidos e se torna um local de inúmeras possibilidades, deixando de ser apenas um meio de ir de um ponto a outro, um lugar de passagem. A rua ganha diversos significados de acordo com quem a utiliza e como a utiliza:

Na visão dos arquitetos e urbanistas, por exemplo, as ruas ligam os múltiplos pontos de interesse particular ou semipúblico, formando o que Santos chama de uma rede de canais livres e de propriedades coletivas. Se não existissem, não haveria troca de espécie alguma, pois servem de suporte ao deslocamento de pessoas, veículos,

mercadorias, informações (1988:91). O autor nos fala ainda das multiplicidades da rua com suas inúmeras funções e apropriações como suporte não só da arquitetura, que por si só é obra das relações humanas, mas também como local de encontro. (CABRAL, 2005, Online, sn)

Sendo assim, não é exagero dizer que o jornalista e cronista João do Rio conseguiu sintetizar o que une os amantes da cultura urbana: o amor à rua. Também não seria excessivo declarar que um dos principais coletivos urbanos que se sentem exageradamente apaixonados por ela são das Rodas Culturais que estão espalhadas por todo o Brasil, principalmente no Rio de Janeiro. Deve-se ter cuidado em não considerar somente a cidade midiática do Rio de Janeiro, mas em toda a sua extensão, em todo o estado como um território fértil onde, a todo momento, surgem aparelhos culturais por iniciativa popular.

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. (RIO, 1908, p.1)

Para os frequentadores do Tanque não é diferente. Esse amor pela rua é um dos fatores que os une, pois muitas vezes é na rua que eles têm o reconhecimento que em outras instâncias sociais e oficiais não são reconhecidos. É nesse espaço - que deixa de ser apenas um meio de locomoção - que as pessoas se esbarram, se conhecem e reconhecem.

A rua, assim, também é um espaço de afirmação: o de "ser rua". O espaço da rua é disputado de várias formas, sendo que há um imenso respeito por parte dos frequentadores, pois "espaço é como o ar que se respira. Sabemos que sem ar morreremos, mas não vemos nem sentimos a atmosfera que nos nutre de força e vida" como expressa DaMatta (1997, p. 29). Isso leva a crer na emancipação do espaço frente ao tátil; se tornando algo além do palpável, sendo assim o espaço imaterial. O espaço ocupado pela batalha não é apenas o que é limitado pelas calçadas que cercam a praça, mas vão se espalhando, chegando ao outro lado da rua e além. O modo como chega além é através dos vínculos criados na rua então como espaço amável. Aqui retomo a amabilidade urbana de Adriana Sansão, que utilizei anteriormente, para

demonstrar que a rua em si também é um espaço amável, pois a rua é um espaço onde são possíveis a formação e manutenção de diversos vínculos.

A amabilidade é um conceito de dupla formação. Relaciona-se tanto à criação de vínculos entre a pessoa e o espaço [intervenção temporária como intensificadora dos atributos físicos e potencial 'reformatadora' do lugar], como às conexões entre as pessoas, conexões que podem se manifestar através de encontros, intercâmbios, cumplicidades e energias, e que reagem ao individualismo e à hostilidade que caracterizam as formas de convívio coletivo contemporâneas. (SANSÃO, 2012, p. 73)

As pessoas que ali se encontram, que tecem teias de comunicação, acabam se esbarrando e dando continuidade nas relações fora das praças e dentro da "rua". "Rua", pois podem se encontrar em um shopping, em um show, em outra roda, dentro do ônibus e esses espaços levarem - algumas vezes - à alcunha de "rua".

A paixão pela rua – para maior parte dos frequentadores – faz dela uma entidade, uma moradia, uma família. Estar na rua não só é estar fora de casa; por vezes ela é mais segura, por reunir sujeitos que passam a simples sensação de estar entre seus iguais. Assim ela ganha um novo sentido, o de "casa". É normal, em qualquer roda cultural, ouvir que alguém "tá em casa" mesmo estando na rua, ou seja, aquilo que deveria ser a antítese da casa.

A ligação que a juventude tem com a rua é atravessada pela disputa da cidade e faz com que ela pertença a eles.

Se descobrirmos que nossa vida se tornou muito estressante, alienante, simplesmente desconfortável ou sem motivação, então temos o direito de mudar de rumo e buscar refazê-la segundo outra imagem e através da construção de um tipo de cidade qualitativamente diferente. A questão do tipo de cidade que desejamos é inseparável da questão do tipo de pessoa que desejamos nos tornar. A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e a nossas cidades dessa maneira é, sustento, um dos mais preciosos de todos os direitos humanos. (HARVEY, 2013, p. 48)

Há aqui uma relação de amor e respeito entre três elementos da cultura urbana: o jovem frequentador da Batalha do Tanque e de outras rodas que ocupam o espaço público reunindo diversas vertentes artísticas, a rua que - dentro de diversas possibilidades de transformações - abriga a manifestação e seus frequentadores ou apenas aqueles que passam por ela

despretensiosamente e o rep. Há quem diga que "na rua não há, teoricamente, nem amor, nem consideração, nem respeito, nem amizade (...) local onde ninguém nos respeita como "gente" ou "pessoa", como entidade moral dotada de rosto e vontade" (DAMATTA, 1986 p.20). A relação dos jovens com a rua - rua como todo e qualquer espaço/território que abrigue alguma relação com a cultura urbana - é íntima e amorosa. Nela tudo é posto e resolvido: "A rua sabe, a rua vê, rua é nóiz, não vai esquecer"⁸¹ e, por isso, como diz Tony Mariano

Em qualquer lugar, tem que saber chegar
 Na pista, na comunidade pá
 Não pode vacilar
 Pra Deus iluminar
 Tem que fazer o certo pelo certo
 Na verdade nem pode errar
 (MARIANO, 2012, Meu bairro)

Os frequentadores e viventes da dinâmica urbana colocam nela suas esperanças, frustrações, alegria, tristeza e toda a gama sentimental que se pode imaginar. Mas, mesmo quem não vê sentimento na rua, reconhece que pode haver sim alguma negociação, já que popularmente ela é a antítese da casa, como aponta DaMatta (1986, p. 20): "No Brasil, casa e rua são como os dois lados de uma mesma moeda. O que se perde de um lado, ganha-se do outro, o que é negado em casa – como o sexo e o trabalho –, tem-se na rua."

Isso também pode ser considerado uma questão de pertencimento diante do que Magnani chama de "pedaço". Também é possível usar a definição para se referir à rua, pois a juventude que ocupa as praças e outros logradouros fazem com que os "pedaços" se tornem espaços fluídos entre o público e privado. É nesse "pedaço" habitado por eles que se formam as "famílias", "coletivos", "bondes", "crews" ou outras formas de nomear aqueles que o cercam e fazem parte do cotidiano urbano. Fazer parte do grupo, estar inserido no meio, participar das atividades, discussões, garantem a existência dos sujeitos, pois ali estão aglomerados, todos juntos num só "pedaço".

Na rua os jovens têm de sempre "provar" algo para aqueles que estão no mesmo grupo. Dependendo do grupo, há tipos de "provas" em que você só aprende ou consegue realizar com o passar do tempo. Existem modos de fazer

⁸¹ Trecho da música "A Rua Sabe" do Mc Marechal. Disponível em <<https://www.vagalume.com.br/mc-marechal/a-rua-sabe.html>> Acesso em 11/07/2016, as 17:01))))

que são passados de um para o outro, por vezes a pessoa que te apresentou para o grupo age como um “treinador” ou “irmão mais velho”. Percebi esse fato de prova vendo a evolução de alguns MCs que batalham no Tanque - como por exemplo o MC GTA - que já batalhava em outros locais e não na Ex-Combatentes. Até GTA "Ganhar o Tanque", ficava apenas próximo aos seus amigos, conforme foi se apresentando e tendo um bom desempenho nas batalhas, passou a ser conhecido e reconhecido pelos frequentadores e pelos MCs (também fora do espaço da praça como aponte anteriormente). Em outra oportunidade, em uma conversa entre Heldinho, Nego Drama, Doug e eu, Nego Drama disse:

Não vou batalhar hoje, mano. Tem que deixar os menor batalhar! É bom pra eles treinarem. Se a gente rima eles sentem o peso. A gente tem que ver quem é quem. (NEGO DRAMA, 2017)

Os sentimentos deles pela rua se espelham no respeito e no sentimento de igualdade que uns têm pelos outros. Vi como exemplo claro essa relação de respeito entre os MCs e a rua, quando Heldinho batalhou e perdeu para Pelé MilFlows em uma disputa acirradíssima, onde ambos fizeram uma grande batalha. Porém, o resultado não foi favorável para Heldinho que fez uma postagem no facebook onde disse:

Batalha foda. 84 a 82 para Pelé na BDT. Ele é meu irmão me incentivou a começar no tanque onde fui muito bem recebido. Máximo respeito a J, G e MZ. Mas sinto no momento uma puta vontade de parar. Desculpa ITA (30/06) e ao evento do dia 2/7 qual ganhei 2 Vagas no dia 15 e 16. Se eu comparecer será como espectador. Preciso parar e pensar. O que adianta ser visto como vendedor e não passar de fase? O que adianta tentar sustentar o lema: "se eu pude você pode". Se meu alicerce cai desta forma? A primeira foi forte. A segunda não resisti. Vou mudar pra "se eu pude não é impossível só 99% improvável" Grato... (HELDINHO MOREIRA, 2016 – Publicação do Facebook)⁸²

Respeito um pelo outro, por conta da constante convivência e, conseqüentemente, a formação de laços é algo totalmente esperado em vista que eles não escondem a admiração entre eles, porém o que me chamou atenção foi o pedido de desculpas à Batalha da Foice – que acontece em

⁸² Disponível em:

https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=947916058664216&id=932745476847941 Acesso em 30/06/2016, as 01:48

Itaboraí - ou seja, a uma manifestação que tem grande representatividade na rua. Não foi direcionado ao público, mas sim à rua que ali é representada pela Roda Cultural.

O reconhecimento vindo da rua não se prende as relações face-a-face, ele transita também no meio virtual. Se tratando da Batalha do Tanque, o reconhecimento através da internet é algo importante a ser observado, pois tem um grande alcance nas plataformas digitais. É possível apontar, utilizando a Batalha do Tanque de número 200, como exemplo onde tanto as pessoas que estiveram lá como as que não puderam estar lá, por serem de outras cidades ou estados, comentam, opinam e isso gera assuntos e se vê o reconhecimento e respeito vindo da rua. A "rua" aqui é representada pelos internautas e também pela rede que se transforma em outro palco.

Na ocasião, a batalha estava acontecendo na dinâmica quatro por quatro. Ao final, o apresentador pediu aos presentes para se manifestarem a favor da dupla que melhor desenvolveu a rima. Quando foi dada a vitória para a dupla composta por MZ e Orochi, algumas pessoas ficaram insatisfeitas e Orochi as desafiou como explicou Gaspary em um comentário do vídeo da batalha em questão

Sobre a polêmica, primeira e última vez que vou falar. Vamos lá, após a Semi, um grupo não concordou com o resultado e começou a gritar Panela após o resultado... confesso que não vi e não importa, após isso Orochi pegou o Mic da mão de Jeffinho e chamou os caras pra batalha , abriu o mar vermelho e veio 2 mc's, que eu não conheço e deu início a batalha, no meio dela Jhony entrou e foi pro lado da dupla e assim foi a Batalha, após isso Orochi se emocionou e desistiu de Batalha, a organização parou a Batalha pra dá um tempo e ver o que ia fazer, só faltava a Final pra terminar o evento... Buddy e PK foram colocado na final, geral em um clima de luta fizeram a final e a onda foi meio que cortada . Snap do Doug, Sobre não ter tratado o cara com respeito, eu realmente não fiz, o cara não respeito a BDT o Evento e deu origem a toda uma cena desnecessária num dia que era de comemoração e toda organização se dedicou o máximo pra fazer o melhor evento possível, tendo até uma caixa dando problema e fazendo na marra, então de boa, fiquei puto cortou a minha onda e a de muita gente por uma coisa desnecessária, teve votação e contagem de mão... Sobre o Bang que eu falei de mídia e etc, é KO, , eu no intervalo realmente fui conversa com Jhony, eu estava puto pracaalho pela situação só que em nenhum momento falei porra nenhuma de canal e mídia e etc... isso não tem fundamento, fiquei puto pqe na minha opinião ele apoiou dois desconhecidos que gritaram Panela e ele mesmo já sofre com as mesmas coisas. Na quinta era pra ta todo mundo feliz e comemorando, essa cena todo acabou com a onda, a edição 200 representava muito pra todos da Batalha e pouca gente se preocupou com o que realmente

importava... Sobre apoiar ou não e etc, só quem é da cena e acompanha sabe como eu faço o meu melhor e me dedico pra ajudar todos os meninos que tem o sonho de ser mc, estou com a cabeça tranquila . Peço que parem de ser idiotas também, uma parte da culpa vocês também tem, quando perseguem um MC, quando fazem a vida de outro um BBB ou fica levando Batalha de Mcs como uma rivalidade extrema pior as vezes do que até torcidas organizadas... Sobre o Tanque, ele sempre esteve e vai continuar, mesmo com todos os problemas eu amo fazer parte disso e enquanto tiver condição eu vou estar. (GASPARY, 2017, comentário no Youtube)⁸³

O vídeo dessa batalha⁸⁴ tem 1.177.022 de visualizações e 5.111 comentários de diversos tipos: apoiando, xingando, achando engraçado, elogiando e criticando, como:

Vtnc... Orochi não deve se sujeitar a esses bag não. Precisa nem batalhar com pessoas que não estão perto do nível dele Chega me da raiva, nego não consegue brilhar e quer pegar a luz do amigo de correria tmnc !!!? (CANAL DO ESTUDANTE, 2016, Online)⁸⁵

E outros que dizem coisas como

Mancada do Jhony, ficou do lado dos menor que ele nem conhece, devia então ter esperado a batalha deles acabar pra depois se intrometer, desafiar o Orochi então, sei lá (KEIDONN, 2017, comentário no Youtube)

Assim é possível observar que o que é mostrado através da tela se desenvolve em uma discussão e retorna à realidade. Vale dizer que até hoje, ainda é comentado nas redes o que aconteceu nessa batalha. Houve saídas de MCs e crises. Esse evento, de alguma forma polarizou a opinião sobre os MCs que protagonizaram a cena nesse dia. Alguns respeitam mais, outros menos, gostam e desgostam. Aqui a rua - representada pelos internautas - ganha o status de juiz.

Toda essa relação com a rua, além das questões mais marcantes que conseguem configurar a rua como a casa e os "mais chegados", os amigos em uma família, há também a relação de reconhecimento. Acredito que esse seja um dos pontos fortes para sentir-se grato ou orgulhoso por fazer parte daquele

⁸³ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=O080jxn9g&lc=Ugjyzvwyw4mgtXgCoAEC>> Acesso em 30/04/2018 as 16:26

⁸⁴ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=O080jxn9g> > Acesso em 08/10/2017 as 22:57

⁸⁵ Comentário feito em video do Youtube

movimento cultural urbano. A rua sempre chamou a minha atenção, mesmo antes de conhecer a Batalha do Tanque. Ela tomou outro tom, outra roupagem, outra língua, quando comecei a frequentar a batalha e mais ainda quando comecei a perceber como a rua falava com os MCs e como conversava com a Batalha em si.

Aqui irei destacar alguns momentos, dentre tantos que pude perceber, para demonstrar de uma maneira prática o reconhecimento da rua quanto a eles. Vale ressaltar que, por mais que possa parecer clichê e piegas o que direi a seguir, parafraseando Emicida: "A rua é nóiz" e "nóiz" sempre é coletivo; pessoas envolvidas com a rua, com o sentimento que une e faz conhecer e reconhecer aqueles que têm uma ligação com ela.

Tendo isto posto, o primeiro exemplo que acredito ser interessante - que leva ao próximo - foi quando entrevistei a MC Azzy. Quando conversávamos sobre a repercussão do "Azzy fortalece", ela disse:

Estava no aeroporto e o Djonga me viu e falou: "E aí, Azzy fortalece!". Pô, ele me reconheceu por causa daquele verso, mesmo eu não gostando as pessoas me reconhecem por causa daquilo. Por um lado se não fosse por essa batalha ninguém ia me conhecer (AZZY, 2017, entrevista pessoal)⁸⁶

Outra vez que pude presenciar esse tipo de reconhecimento foi no evento "Facção Norte® & HZN Apresentam: Djonga, Sant, Lado A, Kayuá" que aconteceu no dia 8 de setembro de 2017, no Bar do Blues, em São Gonçalo. O Bar do Blues é um ponto de encontro conhecido na cidade. No dia vi alguns MCs que batalham no Tanque e percebi que eles estavam no palco. Duas coisas chamaram minha atenção. A primeira foi que durante a música "Coragem" do MC Sant (MC carioca, mais especificamente da Zona Norte do Rio de Janeiro, que já trabalhou com grandes nomes do rep nacional, entre eles o MC Marechal) falou onde o MC falou: "Fael, meu irmão, essa é pra você!". Ao fim do show do Djonga (MC de Belo Horizonte, que teve o álbum "Heresia" considerado um dos melhores de 2017, o mesmo que reconheceu Azzy no aeroporto) chamou os MCs do Tanque para fazerem um free no palco.

Semanas após o evento encontrei com Fael e perguntei sobre o show e ele disse que sempre se emociona quando ouve a música "Coragem", pois

⁸⁶ Comunicação pessoal com o autor em 03 mai. 2017

ela fala muito para ele e que o Sant sabia disso. Quanto ao free no show do Djonga, ele disse que ficou amarradão. Eles não esperavam ser chamados para cantar.

Assim percebi que aqueles dois artistas, Sant e Djonga, naquele momento em que colocam dois MCS que não são reconhecidos da mesma forma que eles, eram também representantes da rua, pois Sant e Djonga têm o reconhecimento da mesma e continuam sendo parte da rua; com essa dualidade eles – em um determinado nível – legitimam a fama dos MCs de São Gonçalo. Eles reconhecem tanto a BDT quanto a carreira e, em alguns casos, a vida cotidiana de seus MCs. Se não batalhassem em São Gonçalo não teriam, talvez, essa visibilidade e acesso. Os artistas em questão são, indiscutivelmente, formadores de opinião, assim uma palavra, uma atitude deles influencia as de muitas pessoas que passam a partir dali também a conhecer e reconhecer os artistas do Tanque.

Outro exemplo empírico foi em 2016, mais especificamente no dia 21 de dezembro, na edição do "Rei do Tanque" no Espaço São Jorge. Enquanto estava em frente ao local do evento percebi que muitas pessoas se aproximavam dos MCs, pedindo para tirar foto e trocar uma palavra com eles. Me aproximando de Heldinho, vi que chegaram alguns meninos e pediram uma foto. Após baterem uma foto e conversarem um pouco, perguntei para o MC de onde ele conhecia aqueles garotos que o tratavam como uma pessoa já conhecida de outro lugar e a resposta dele foi: "Pô, mano, sei lá... Da rua! Eles devem ser de alguma batalha que já fui.". Esse assédio com os MCs se repetiu diversas vezes durante as edições normais na Praça dos Ex-Combatentes.

Para não me deter em exemplos que ocorreram em São Gonçalo, trago também um episódio que ocorreu na Bahia. Conhecendo a cidade, a noite, recebi um flyer de um evento chamado "Salvador Rap Festival 1º Edição" onde o line up de artistas era: Filipe Ret, ModestiaParte e Cartel MC's. O Cartel MC's, em sua formação atual, é composta por Funkero, Pelé MilFlows, Xamã e Ber, o MOP é composto por MCs que batalhavam no Tanque. Perguntei a pessoa que entregava os flyers se aqueles grupos eram bons e a resposta foi que "Geral curte. Na rua toca direto".

A rua acaba sendo uma junção do que DaMatta aponta como contrário da casa, mas ao mesmo tempo também é casa, ela é o "pedaço" que Magnani

aponta e também o "espaço amável" que Sansão indica. Ser reconhecido na rua e "pela rua" é indicativo de que seu trabalho está surtindo efeito. Em vista que a rua é feita por "nóiz" e composta por "nóiz"; a rua é um coletivo de sonhos que se encontram; nas rodas culturais, especialmente no Tanque que é objeto deste trabalho, acaba servindo como um exemplo para outras rodas e estímulo para outros MCS, pois os MCs do Tanque e os frequentadores também são "a rua", o Tanque é "a rua" também. A rua tem diversas possibilidades, como apontou Marília Almeida, produtora cultural e roteirista do filme "Ritmo e Poesia - A Roda e suas relações":

Na rotina da cidade, a rua é normalmente vista como um lugar de passagem – de fluxo para gentes que almejam chegar de um lugar a outro. Todavia, para quem não se contenta apenas com o que está posto, a rua se mostra mais: é um lugar rico para experimentações e convivência. É nas ruas que o novo, o diverso e o inusitado se apresentam. Por isso, a rua é um teste sem fim. É por testar tanto que ela ensina nas mesmas proporções – é a escola da vida real, sem paredes e sem massagem. A roda cultural se apodera e ressignifica a rua, fazendo-a o espaço para a cultura periférica. Sua importância está na criação de poros por onde a arte, o lazer e a convivência – negados à população pobre – podem (e são) extravasados. (MARÍLIA ALMEIDA GAMA, 2017, entrevista pessoal)⁸⁷

E é na rua que essa esperança que “enche o peito” dos participantes e a cada conquista o seu orgulho, o seu sentimento cresce mais. Espaço esse que dá o reconhecimento e que a cada nova empreitada recebe o mesmo respeito.

3.2 - REDE SOCIAL: UM LOCAL DE CONSTRUÇÃO, AFIRMAÇÃO E DIVULGAÇÃO

O ambiente virtual é uma das “armas” muito utilizadas, se não for a maior, pelos MCs e pela batalha. O Tanque transforma cada um dos participantes em celebridades dentro e fora da internet. Antes do Tanque os MCs – como sujeitos ordinários – não são reconhecidos e nem conhecidos

⁸⁷ Comunicação pessoal com o autor em 07 dez. 2017

dentro e fora das batalhas. A partir da participação constante passam a figurar nas redes sociais de outros sujeitos que admiram as batalhas.

Antes de começar a batalhar no Tanque eu já batalhava fazia um tempo: batalhei na Batalha da Local, na Batalha da Zé Garoto e na Batalha do Campinho, que era a que tinha lá na localidade, tá ligado? No lugar onde eu morava. Mas, mano, eu não tinha muita visibilidade. Lá não tinha como ter mídia: não tinha gravação, não tinha nada. Depois que eu comecei a batalhar aqui no Tanque, mano, várias solicitações! Os menor estão lá apoiando, pá. [...] As vezes o pessoal adiciona pra conversar comigo, tá ligado? Fala até que eu sou bom. Fala comigo, conversa bagulho de som, de gravadora, várias paradas aí, mano. (MC GTA, 2017, entrevista pessoal)⁸⁸

A presença nas redes sociais é tão importante quanto a presença nas batalhas que os MCs frequentam. Estar online é ter contato com os que estão longe e possibilidade de reforçar laços com os que estão perto. Ter um dos MCs do Tanque como amigo na rede social chega a ser um prestígio, pois, seus perfis estão lotados e recebem constantemente solicitações de amizade; não é raro ver uma postagem alertando aos amigos da rede social virtual que “Vou fazer aquela limpeza no Facebook pra adc os ativos deixa seu up nos comentários pra eu não excluir vc q é ativo por engano tmj”. (ALMIRANTE VIEGAS, 2017, postagem no facebook)⁸⁹.

Após entrevistar Jhon para esse trabalho, entendi o “valor” que um MC tem na rede e como se mede. Conheço Jhon há meses e sempre que o encontro na batalha conversamos, porém nunca o tinha adicionado em nenhuma rede social. Perguntei se ele tinha a edição em que aparece no jornal e obtive uma resposta negativa. Quando disse que mandaria a versão digital pelo Facebook, ele me disse “Mano, me adiciona agora, que chegando em casa eu já te adiciono. É muita gente me adicionando todo dia, tá ligado? Gente que nunca vi na vida. Os amigos eu adiciono direto!” Imaginei a quantidade de pessoas que os adicionam todos os dias para terem uma conexão com eles, a confirmação de um capital social alto.

⁸⁸ Comunicação pessoal com o autor em 20 set. 2017

⁸⁹ Disponível em <https://www.facebook.com/lucasactf/posts/929271357228879?pnref=story> Acesso em 1/09/2017 as 17:02.

O que é diferencial nos sites de redes sociais é que eles são capazes de construir e facilitar a emergência de tipos de capital social que não são facilmente acessíveis aos atores sociais no espaço offline. Por exemplo, no Orkut um determinado ator pode ter rapidamente 300 ou 400 amigos. Essa quantidade de conexões, que dificilmente o ator terá na vida off-line influencia várias coisas. Pode, assim, torná-lo mais visível na rede social, pode tornar as informações mais acessíveis a esse ator. Pode, inclusive, auxiliar a construir impressões de popularidade que transpassem o espaço off-line. (RECUERO, 2009, p. 107)

Conversando com Eldinho, antes de uma edição do Tanque, comentei que achava bacana fazer uma página para as pessoas que gostam do trabalho dele poderem segui-lo e ter mais contato. A resposta foi: "não é vantagem ter uma página, tá ligado? Bom é fazer igual Jhony fez. Ele usa a página do perfil dele normal. Aí geral recebe as coisas que ele posta e geral fala com ele, tá ligado?".

Não são todos os MCs que têm páginas oficiais no Facebook. Eles mesmos administram seus perfis e trabalham em cima de postagens diárias na rede. A rede social é organizada por cada um através de seus contatos, isso possibilita trocas interessantes para a carreira e auto divulgação.

A produção de postagem de muitos deles tem um ritmo que pode ser entre três a cinco por dia; a maioria delas são sobre suas carreiras, lançamentos e "shows". Coloco "shows", pois algumas apresentações dos MCs do Tanque se referem a eles batalhando em outras batalhas dentro e fora do Rio de Janeiro.

As redes sociais acabam sendo uma grande ferramenta para esses garotos. Polivanov (2014, p.3) utiliza diversos autores para explicar essa ferramenta. O argumento inicial é que os perfis não devem ser tratados como "representações reais ou "duplos virtuais", sendo assim não deve ser visto como se o sujeito estivesse duplicado naquele ambiente ou seu perfil fosse ele próprio. Os perfis devem ser vistos como lugares no ciberespaço onde os atores podem gerenciar e produzir um ou mais personas que estão vinculadas a uma construção imaginada de si. Trata-se de uma construção performatizada e dirigida para a audiência que permite a interação com outros nesse lugar que é sempre atravessado pelos discursos de outros atores.

Ou seja, essa modulação da identidade nas redes sociais é construída a "partir da relação com o outro, mais especificamente com o 'olhar' do outro."

(BRUNO, 2004, p. 110). O olhar do público perante a eles é importante, pois é o mesmo público que os defendem, que gritam para eles em uma batalha, que vai pedir para tirar uma foto com ele, pedir um "salve!"; são consumidores do trabalho de cada um.

As redes se tornam as melhores divulgações para eles. Sem gastar dinheiro com publicidade, conseguem alcançar números expressivos. Mas eles não estão sozinhos nas divulgações e ações na internet. Páginas dedicadas ao rep divulgam os trabalhos sem cobrar nada, como a página *Rap RJ*⁹⁰ e *Rap24Horas*⁹¹. Colocar o trabalho de um desses MCs na página garante alguns bons likes e comentários fazendo com que a página vire uma referência de "bom conteúdo".

Os MCs abrem espaços em suas redes para a interação com os fãs que acompanham seus trabalhos. O espaço virtual se torna um espaço de fala que é acessível a todos; um espaço onde podem expor suas ideias e também se exporem como artistas que são. A presença deles nesse tipo de espaço acaba se tornando uma prévia do que pode ser visto na roda, mesmo que o espaço virtual seja "censurado" por eles próprios. Eles constroem uma narrativa que é recheada de trabalho e seu lifestyle: lançamentos de músicas, viagens a trabalho, vida pessoal. Meninos e meninas que antes não sabiam a dimensão que seu poder artístico alcança, agora se veem como artistas reconhecidos dentro e fora da internet.

Baym (2010, p. 109) chamam de "self-disclosure", que diz respeito a uma "abertura" dos sujeitos para que possam se engajar em relações significativas nos espaços virtuais onde não podem contar com a materialidade dos seus corpos para se apresentarem e, por isso, lançam mão, mais fortemente, de fotos, vídeos e textos considerados de cunho íntimo para construir suas narrativas de vida. (SÁ e POLIVANOV, 2012, p. 2)

Felipe Gasparly utilizou as plataformas digitais para aumentar a relevância da batalha. As batalhas começam a acontecer às 20h aproximadamente e acabam por volta de 0h; todas são gravadas e postadas em até 48h no canal do produtor no YouTube⁹². Em um determinado período,

⁹⁰ Disponível em < <https://www.facebook.com/RapRJJ> > Acesso em 30/04/2018 ad 16:41

⁹¹ Disponível em < <https://www.facebook.com/Rap24HorasBlog> > Acesso em 30/04/2018 as 16:42

⁹² Disponível em < <https://www.youtube.com/user/FelipeGasparly> > Acesso em 06 de abr. de 2018 as 22:52

logo assim quando Gasparry se tornou responsável pela roda, havia um tipo de *talkshow*. O programa consistia em entrevistas com os MCs, onde eles podiam explicar algumas rimas feitas em batalhas anteriores. Ou seja, tudo o que é dito em batalhas e músicas pode acabar sendo transformado em um programa onde o público pode conhecer um pouco mais dos MCs. Programas com Nego Drama explicando sobre o episódio em que a sua casa pegou fogo, Jhony falando sobre a tentativa de suicídio, Choice falando sobre a agressividade em batalhas e DOT explicando a emblemática rima "Gedai é vacilão".

Existe a necessidade de "apareSer" (BELLO, 2011) para que a fama e interesse quanto à Batalha do Tanque e aos MCs perdurem por mais uma semana e assim sucessivamente. Segundo Bello (2011, p.2), "o termo "apareSer" é depositário da reflexão sobre construção, projeção e promoção de identidades em ambientes ciberculturais de alta visibilidade" em redes sociais virtuais como Facebook, Instagram e Twitter. O termo também se refere ao processo de naturalização de desejo de se expor. É justamente essa exposição não apenas das batalhas e trabalhos, mas também das pessoas que acabam fomentando o interesse e procura pela batalha e seus participantes.

Essa exposição ajuda a tê-los como os primeiros nomes, quando se fala em uma batalha, seja para o bem ou para o mal. Hoje é comum ter uma página no Facebook ou em qualquer outra rede virtual, mas o que faz alguém alcançar a notoriedade dentro da rede é o modo como desenvolve a própria imagem ou daquilo que se quer promover. A possibilidade de convergência de imagem, som, vídeo e texto em apenas um só lugar e também a ligação externa para uma plataforma de vídeos acaba tornando-os populares e relevantes. Em seus perfis ou até mesmo em páginas que não têm ligação direta com eles, mas sim com o rep, acabam colaborando com essa exposição e distribuição da imagem. Comentários como "Orochi é o melhor", "MZ tem o melhor flow", "GTA é o novo Orochi" e "Jhony invejoso!" se fazem presentes em postagens onde o Tanque ou um dos seus MCs se faz presente.

Essa exposição está dentro da definição de uma rede social de acordo com a jornalista e pesquisadora Raquel Recuero: "sites de redes sociais foram definidos por Boyd & Ellison (2007) como aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a

interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator. (RECUERO, 2009, p. 102)

Em uma conversa com o MC Revolução, ele atribuiu um dos motivos para a extensão do sucesso da Batalha do Tanque exatamente a essa rapidez com que as batalhas são colocadas na internet e como as coisas ditas nas batalhas são transformadas em assuntos que se tornam entrevistas com os MCs. Esse tipo de entretenimento na rede acaba traçando uma linha fina entre o público e o que é privado. Os assuntos, antes de caírem nas batalhas, são de conhecimento restrito dos participantes da conversa, logo quando jogados numa batalha e em seguida postados na internet, eles se tornam de domínio público. Por ser algo que todos sabem, acabam “devendo” explicações para o público que consome.

O canal tem cerca de 517.756 inscritos e 1.945 vídeos. Sendo que o mais acessado é o da 176ª Roda de São Gonçalo⁹³ referente à batalha entre Pelé e Orochi, em 2015, que tem 4.231.395 visualizações. Obter 4 milhões de visualizações para uma batalha de rimas é um feito notável. Essa batalha em questão é popular, pois se tratava de dois MCs promissores e da versatilidade no flow e rimas feitas pelos dois durante o terceiro round. O último round aconteceu com os dois MCs fazendo o speed flow ou flipada, que é o flow acelerado, onde o MC fala uma sequência de palavras de forma rápida, quase difícil de compreender.

Na prática, observei como se dá a popularidade e reputação desses MCs no ambiente online, pois acaba sendo um reflexo do que ocorre no ambiente offline. Em uma conversa com Doug, Heldinho e Junior, antes de iniciar uma edição do Tanque, estávamos conversando sobre o lançamento da música "A Turma do Bairro"⁹⁴ em que Doug e Fael do Catarina fazem participação. Comentei que já não aguentava mais todo dia ver página diferente de rep mostrando a parte do Doug. Na música em questão, Doug faz uma referência a música de Nicks Vieira "Poxa crush"⁹⁵ que se tornou um meme, onde o MC gonçalense diz:

⁹³ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=80Q1vu1AJW8>> Acesso em 20/09/2017 as 12:57

⁹⁴ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=zpp2Kxl1Oyw>> Acesso em 22/09/2017 as 13:05

⁹⁵ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=fy5cbFxoS2M>> Acesso em 22/09/2017 as 14:03

Ainda meu rep não me lucra um *royal flush*⁹⁶. Sendo que pra ter meu cash eu não preciso vender kush. Eu vim fazer a cena de Hora do Rush, é que eu cansei desses moleques que tem flow de "poxa crush"! Então poxa cash, porque cê não me nota? Como eu queria o meu bolso cheio de dollar. Poxa, cash, por que não me nota? Como eu queria que você me desse dollar! (MC DOUG, 2017, música "A Turma do Bairro")

Nesse trecho postado por uma página de música do facebook, mostraram o tamanho do alcance e popularidade de um dos MCs do Tanque. Tudo isso contornado por uma reputação como "os melhores MCs" do Brasil. Vale salientar aqui que:

Através dessa percepção poderíamos pensar que a reputação nas redes sociais é relacionada ao mero número de conexões. Mas a reputação em redes sociais na Internet não é simplesmente o número de leitores de um blog, ou o número de seguidores do Twitter. A reputação é relacionada com as impressões que os demais autores têm de outro ator, ou seja, do que as pessoas pensam de um determinado blogueiro, por exemplo. A reputação é uma percepção qualitativa, que é relacionada a outros valores agregados. (RECUERO, 2009 p.110)

É um fato que a Batalha do Tanque e seus MCs são populares dentro e fora da internet. Para exemplificar toda essa exposição e visibilidade, acompanhei o perfil no Facebook de alguns MCs que batalham no Tanque. A página oficial da Batalha do Tanque não foi utilizada, pois as informações pertinentes são postadas na página pessoal de Felipe Gaspary. Acompanhar as postagens dos MCs e tudo o que os envolvia foi algo árduo de se fazer por conta da alta produtividade dos mesmos: divulgações de shows, presenças em batalhas no Rio de Janeiro ou em outros estados, postagens pessoais, vídeos no YouTube, compilações de rimas, memes e outras diversas atividades que envolviam os artistas.

A Batalha do Tanque, em maio de 2017, sediou uma batalha de trios. Tradicionalmente uma batalha é um MC contra outro MC - como expus anteriormente - e é possível que as batalhas sejam em duplas. Esse evento foi o primeiro da BDT onde três MCs batalhavam contra outros três. Os campeões foram Choice e Nego Drama de São Gonçalo e Thiago de São Paulo.

⁹⁶ Royal Flush é a melhor, e a única mão imbatível no poker. Um royal flush consiste numa sequência de dez ao ás com todas as cinco cartas do mesmo naipe.

Após a batalha, um dos maiores portais de rep do país publicou a notícia quanto aos ganhadores do evento com o seguinte título: "Choice, Nego Drama e Thiago vencem Knust, Xamã e Pelé Milflows em batalha histórica de trios no Tanque". O primeiro parágrafo da reportagem confirma a reputação que a batalha tem e também a sua autoridade. Aqui autoridade é a influência de um determinado ator na rede social, "uma medida da efetiva influência de um ator com relação à sua rede, juntamente com a percepção dos demais atores da reputação dele" (RECUERO, 2009, p.113).

A matéria começa da seguinte forma: "Quarta-feira (10) histórica para a notável Batalha do Tanque no Rio de Janeiro. Pela primeira vez, a fervorosa disputa foi em trios e diversos respeitados nomes da cena local formaram times de peso para o evento." (LUCCA, 2017, online)⁹⁷. As colocações das palavras "histórica" e "respeitados nomes da cena local" dentro de um site com visibilidade nacional é a reafirmação do status e do discurso onde tanto os MCs quanto a roda se proclamam: a roda que dita a cena de rep que tem os melhores MCs do Brasil.

No YouTube, o vídeo da Batalha⁹⁸ entre os trios tem 1.119.797 visualizações, 44 mil likes, 351 dislikes e 3.687 comentários. Nos comentários do vídeo, observei muitos sobre uma rima específica realizada por Choice e também elogios ao mesmo. Esses comentários, como o que cito abaixo, que elogiam Choice, mostram o quanto ele e outros MCs que batalhavam na BDT são populares e que muitas pessoas, independentemente da localidade, acompanham a carreira dos MCs do Tanque:

Choice tá conseguindo se destacar cada vez mais, esse mlk ainda vai fazer sucesso... só quem realmente acompanhou o tank desde o início sabe o quanto esse garoto evoluiu... ele ainda vai calar a boca de muita gente, e hoje em dia qm tá menosprezando ele, daqui a pouco vai é pelar o saco. Nível dele tá absurdo e tá amassando todo mundo! Representou total, sem precisar humilhar a imagem de ninguém, muito menos falar de pederastia ou da família dos outros.. muito bom (CATH LEMOS, 2017, online)

⁹⁷ Disponível em < <http://www.portalrap24horas.com.br/2017/05/choice-nego-drama-e-thiago-vencem-knust.html>> Acesso em 21/09/2017 as 20:45

⁹⁸ Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=_TFAbTANNm0> Acesso em 01/10/2017 as 14:06

A popularidade e o reconhecimento do Tanque não é mensurada apenas com elogios. Por ser uma batalha “pesada”, onde tudo é permitido nas rimas, muitas vezes elas passam dos limites. Para um dos integrantes mais conhecidos da Batalha do Tanque, Pelé, a internet serviu como um tribunal onde todos os usuários, também eram juízes. Pelé fez uma rima sobre estupro durante a Batalha de Trios. Milflows disse o seguinte em sua rima durante a batalha: "E tu falou mentira da minha mina, você tá de mancada. Eu estupro a sua irmã e eu não tô falando nada! Porra, vai tomar no cu, seu arrombado. Pela, pela, pela, pela, vai pelar meu saco!".

Usuários do Facebook fizeram postagens para discutir o conteúdo da rima violenta do MC do Tanque e nos comentários houve quem defendeu o MC e também pessoas que não concordaram com a atitude de Pelé. Em uma postagem⁹⁹ no grupo Ol' DARTH Bastarde @¹⁰⁰, Raíza Souza, membro do grupo, repostou um vídeo onde Pelé falava sobre a polêmica rima que fez na batalha de trios em São Gonçalo. A autora apontava de onde havia retirado o vídeo e complementava com a frase: “esse mano calado é um poeta”. A postagem teve 317 comentários.

Algumas pessoas tentaram justificar o que foi dito pelo MC como algo que se diz no calor de uma batalha e que não se deve levar a sério, como fez Vitor Sergio¹⁰¹

Para de mimimi Mano, é a batalha do tanque, é só o momento, vcs querem politizar tudo. Pqp. Da parte dele foi zuado ter falado de estupro mas pensa mano, o cara ta com sangue quente e o cara ainda tinha falado da mina dele. Falou sem pensar mesmo. (VITOR SERGIO, 2017, postagem no facebook)

Dentro da mesma postagem, a usuária do Facebook, Clara Fagundes, argumentou com Vitor Sergio.

Vitor, isso não é desculpa. Velho, quem é da cena tem que dar exemplo e n vexame. Qnd atacam o choice e o pai dele, pq ele n apela? Se ele ta la no calor do momento tb? Pq o cara se dedica

⁹⁹ Disponível em < <https://www.facebook.com/groups/565223123668632/permalink/644201859104091/>> Acesso em 02/10/2017 as 15:24

¹⁰⁰ Disponível em < <https://www.facebook.com/groups/565223123668632>> Acesso em 02/10/2017 as 15:22

¹⁰¹ Após defender o MC, o usuário foi banido do grupo.

mano, a gnt tem que para de dar declpa pra mc (CLARA FAGUNDES, 2017, postagem no facebook)

Outras pessoas também deixaram suas opiniões contra a rima proferida pelo MC:

Desculpa, mas PRECISA de citar a palavra estupro para fazer apologia? Quanto tempo essa batalha do tank alimenta esse tipo de rima, citando fulana e beltrana de forma pejorativa? Essa batalha que alimenta tal postura é a mesma batalha que se tornou uma vitrine no RJ. Não me interpretem mal, não defendo NINGUEM aqui. Pelo contrário, pra mim a rima do Pelé é um crime. Mas a rima do outro que atacou a namorada com inverdades está certa? Quantas mães namoradas, irmãs precisam ser atacadas pra rolar um boicote? E completo: o rap "misógino" deveria ser mais problematizado. Analisar o que tem na letra e simplesmente NÃO OUVIR. Foda-se se tem beat, produção e flow. (LUCAS MOURA, 2017, postagem no facebook)

E também como expôs outra usuária do facebook, Milena Nogueira:

70% de quem apóia esse Pelé são crianças, esses mlk ta precisando crescer um pouco, vão se aprofundar mais sobre o estupro e o q causa na vida das mina seus arrombado, estupro n é zoerinha de batalha q vcs ficam idolatrando, postura de homem primeiramente, quem defende é 10x pior (MILENA NOGUEIRA, 2017, postagem no facebook)

Os comentários, além de servirem como um apontador para a popularidade dos MCs e a sua relevância dentro desse cenário, também se tornam motivadores de alguns deles. Alguns não ignoram os comentários negativos e levam em conta apenas os comentários positivos para a sua carreira. Entretanto, outros MCs já olham para esses comentários como motivadores para melhorarem. O espaço de comentários pode ou não ser censurado por aquele que fez a postagem, fica a critério do usuário deixar ou não um certo comentário bem como responder ou não aos mesmos. Porém percebi, em conversas com alguns MCs, que eles sempre estavam observando o que era postado e o que era dito sobre eles, mas não necessariamente respondiam a esses comentários.

Tipo assim, mano, quando eu não estou fazendo nada, vou ver o que o pessoal está achando de mim. O que eu posso melhorar também. Vejo como aprendizado, tá ligado? Tem gente que fala bem, tem gente que fala mal. Mas eu vejo como aprendizado, tá ligado? Pro pessoal que fala mal, eu tento mostrar pra elas que eu sou capacitado, tá ligado? Pra ela me achar que eu sou um garoto bom, tá ligado? (MC GTA, 2017, entrevista pessoal)¹⁰²

O Tanque e seus MCs, por conta de sua popularidade e relevância no cenário do freestyle nacional, também se tornam memes em muitas páginas do facebook e do Instagram. Segundo Ton Torres (2016), meme é:

No contexto da internet, meme é uma mensagem quase sempre de tom jocoso ou irônico que pode ou não ser acompanhada por uma imagem ou vídeo e que é intensamente compartilhada por usuários nas mídias sociais. O termo foi cunhado pelo zoólogo Richard Dawkins em sua obra *O gene egoísta*, de 1976, para fazer uma comparação com o conceito de gene. Assim, para Dawkins, meme seria "uma unidade de transmissão cultural, ou de imitação", ou seja, tudo aquilo que se transmite através da repetição, como hábitos e costumes dentro de uma determinada cultura. Adaptado para a internet, especialmente para as redes sociais, o conceito de meme passa a ser uma "unidade" propagada ou transmitida através da repetição e imitação, de usuário para usuário ou de grupo para grupo. (TORRES, 2016, p. 60)

Os memes são compartilhados e em sua maioria tem a ver com algum fato ocorrido na batalha. Ter um meme referente a pessoa ou local faz com que a popularidade e alcance da pessoa memetizada cresça tanto presencialmente, pois é algo que reverbera fora da internet, e também dentro da própria internet. Por exemplo, dois memes¹⁰³ retirados da página “Apenas uma página sobre Batalhas de Rima”¹⁰⁴ do Facebook:

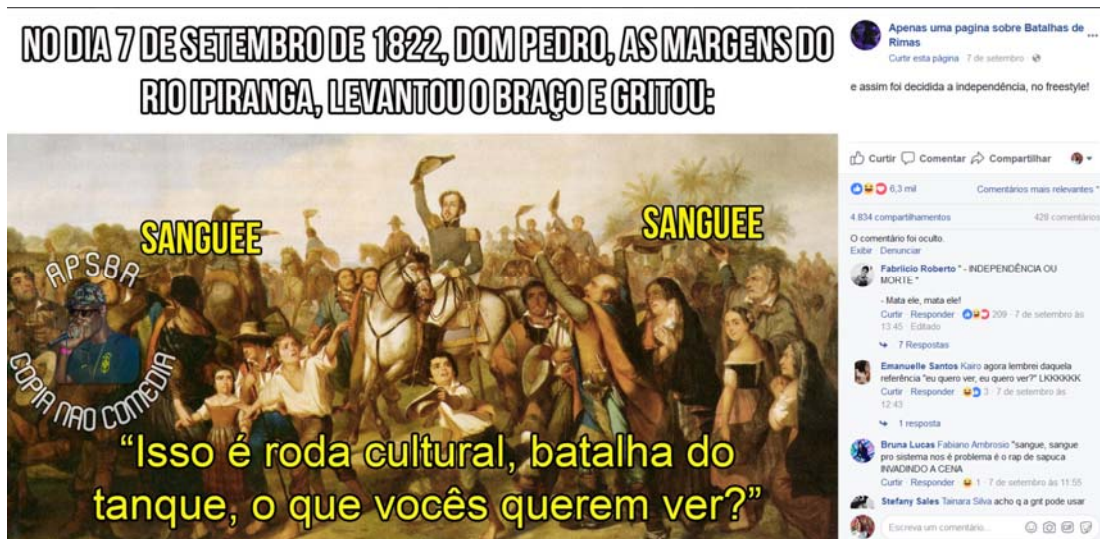
¹⁰² Comunicação pessoal com o autor em 20 set. 2017

¹⁰³ A Figura de número sete é um meme com o bordão mais conhecido da Batalha do Tanque. Os apresentadores o dizem antes de algumas batalhas e o público responde “Sangue!”. Já a figura de número oito é utilizada a imagem do MC Jhony enquanto o mesmo fazia um react de uma música do Youtuber Zetre (Guilherme Treze)

¹⁰⁴ Disponível em <

<https://www.facebook.com/APSBRmilgrau/photos/a.887631984702211.1073741828.873796949419048/1127863194012421/?type=3&theater> > Acesso em 03/10/2017 as 14:05 e Disponível em <
<https://www.facebook.com/APSBRmilgrau/photos/a.887631984702211.1073741828.873796949419048/1098099896988751/?type=3&theater> > Acesso em 03/10/2017 as 15:11

Figura 8: Meme referente a Batalha do Tanque



Fonte: Página “Apenas uma página sobre Batalhas de Rimas” no Facebook

Figura 9: Meme referente a Batalha do Tanque



Fonte: Página “Apenas uma página sobre Batalhas de Rimas” no Facebook

Vi esses memes como uma forma de aproximação com os MCs, já que algumas vezes os mesmos também compartilhavam, comentavam e até utilizavam para “atacarem” uns aos outros

Ser uma figura na internet acaba também podendo representar o reconhecimento que eles conseguiram alcançar dentro da cena de batalhas, em vista que se tornaram nomes importantes do freestyle nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: “O ÚLTIMO PAPO RETO”

A Batalha do Tanque é um fenômeno cultural que não passa despercebido; um movimento ao qual é quase impossível ficar indiferente, pois ela te afeta de alguma forma em algum nível. Esse é um dos motivos pelo qual hoje pode ser considerada uma das quatro maiores Batalhas de MCs do Brasil, logo não seria equivocada dizer que ela pode ser a maior batalha brasileira em atividade hoje sendo seguida pela Batalha do Museu (DF), Batalha da Aldeia (SP) e o Duelo Nacional de MCs (BH). Porém percebo que há uma inconstância neste ponto de acordo com ciclos que ocorrem em todas as batalhas dentro do território nacional. Digo isso, pois há alguns anos a maior batalha de MCs foi a Batalha do Real, que acontecia nos Arcos da Lapa (RJ). Essa instabilidade quando se refere "a maior batalha do país" se dá, principalmente, pela safra de MCs que participam da batalha e quanto a sua distribuição. De maneira prática: a Batalha do Real teve como participantes, em seu auge, grandes nomes do freestyle nacional, como: Douglas Din, Nissin, Emicida, Maomé, Funkero, MC Marechal, Gheto ZN e outros que hoje são grandes “reliquias” dentro do rap, enquanto estilo musical, quanto nas batalhas.

O sentimento de orgulho que todos os envolvidos com o Tanque, principalmente os MCs, têm com a batalha foi algo construído de acordo com diversos fatores. Motivos que, de maneira gradual, se intensificaram nos últimos três anos. No entanto, não apenas orgulho, mas também diversos outros afetos contribuíram para diversas construções: construção de uma resistência urbana, construção de pertencimento, de familiaridade e de existência; sobre alguns deles dissertei anteriormente.

A memória, nesse caso, é um fator muito importante aqui, pois é a partir dela que se conta e reconta uma história, pois se tratam de determinados acontecimentos que foram vividos pessoalmente ou "vividos por tabela", como aponta Pollak (1992, p.2). A fusão dos acontecimentos e a forma como são contados, seja a experiência vivida presencialmente ou por via de terceiros, que se tornam fundamentais para a expansão sentimental.

Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. (POLLAK, 1992, p. 4 - 5)

As histórias que estão no imaginário de todos do Tanque - e que são motivadoras da variedade afetiva - são vitoriosas e se iniciaram com a história do Hip Hop em São Gonçalo. Mesmo não tendo uma ligação direta, ela pode ser considerada como um ponto de continuidade do trabalho iniciado antes da roda em si existir. Por São Gonçalo ser um celeiro de nomes importantes do rap nacional, estando eles ligados ou não com a Batalha do Tanque, faz com que seja instalada uma memória, pois esses nomes saíram da cidade e são grandes representantes na cultura de rua. Um exemplo prático é Carlos Roberto, popularmente conhecido como Don Negrone, que já trabalhou com nomes da música nacional, como Marcelo D2 e B-Negão.

Ter no histórico cultural da cidade nomes de peso, voltados para a cultura hip hop, como Negrone, se faz um ponto dentro da memória coletiva que pode ser ligada ao momento que a cultura urbana de São Gonçalo vive.

Porém vale apontar aqui alguns outros fatos que corroboraram para a manutenção e até o aumento desse orgulho. Uma delas foi a visibilidade dada aos MCs por conta da estratégia utilizada para a divulgação da batalha no ambiente online. As batalhas que eram filmadas como uma maneira de registro “formal” das rodas se tornaram o maior veículo da mesma e, conseqüentemente, uma vitrine onde o talento de cada um pode ser exposto.

Outro ponto são os nomes que cercam a Batalha do Tanque que comumente são lembrados por diversos artistas. Esse fato é uma consequência da visibilidade, porém houve uma construção mútua entre a Batalha do Tanque e os MCs antes que a divulgação constante fosse um dos pontos altos. Um exemplo disso - que é datado antes do Tanque ganhar notoriedade na internet - foi quando Naan, disputando a Batalha do Real em 2013 e, no mesmo ano, indo para o Duelo Nacional de MCs.

Esse momento nos remete a outro fator muito importante para a existência desse orgulho: o Duelo Nacional de MCs. A Batalha do Tanque tem uma ligação muito forte com o Nacional. Digo isso, pois, de fato, a batalha é considerada uma das maiores do Brasil, também por ter MCs locais

representando o Rio de Janeiro no Duelo. Matheus Theobaldo (Buddy Poke), considerado integrante da TankFamily, representou o Rio de Janeiro em 2012, Naan foi o representante em 2013, Flávio Castro (Orochi) foi campeão em 2015, Marcelo Dutra (Samurai MC) em 2016 e João Marcelo (Choice) em 2017. Sendo assim, apenas em 2014 o Rio de Janeiro não teve um representante que batalhasse no Tanque, pois no ano em questão o representante carioca foi o MC Lodk.

O Duelo Nacional acaba sendo o grande referencial para o surgimento e manutenção do orgulho e de outros afetos. Prova disso é que em 2016, durante a seletiva em Brasília (DF), Lucas Luan (MC Sid) durante a eliminatória final para o Duelo Nacional de MCs 2016, contra Alves, disse em sua rima final a seguinte frase:

Agora eu te mostro, bem-vindo a babilônia. Eu vou no teu lugar pro nacional e não vou passar vergonha. Igual você passou, parceiro, tomando no cu pro Rio de Janeiro. Esse é meu bagulho: pau no cu do Tanque! Digo e repito: pau no cu do Tanque! (MC SID, 2016, vídeo do Youtube)¹⁰⁵

A frase "Pau no cu do Tanque" dita por Sid reverberou em toda a cena de batalhas do Brasil e, principalmente entre os MCs do Tanque. Muitos responderam em rimas, como Samurai que disse o seguinte:

Eu vi uma ofensa. Me atingiu, porque eu sou Batalha do Tanque, eu vivo pela Batalha do Tanque. Eu como tantos outros mcs se ofenderam com a parada e eu respondi (...). Atacou o Tanque, irmão, indiretamente você atacou milhões de pessoas, tá ligado? E entre essas milhões de pessoas, você acaba atingindo algumas que realmente amam a parada, que tão vivendo a parada e pela parada. (SAMURAI MC, 2016, vídeo do Youtube)¹⁰⁶

E como o ponto alto do orgulho, da construção da identidade, da existência e resistência - tanto da batalha como dos MCs - é o Duelo Nacional, acredito que o ápice foi atingido quando Orochi foi vencedor do Nacional, pois ouvia-se dos MCs que não havia sido o Rio de Janeiro a ganhar, mas sim o Tanque.

¹⁰⁵ Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=N6VDYum5_TA > Acesso em 31/01/2018 as 21:20

¹⁰⁶ Disponível em <<https://youtu.be/ebMdBvyhdoM>> Acesso em 28/12/2016 as 21:31

Orgulho aqui é uma variedade de sentimentos que são construídos a partir de narrativas vitoriosas e de uma fusão de sentimentos que se atravessam; assim podendo ser paixão, gratidão, felicidade e outros diversos afetos. Para eles, o orgulho e ser orgulhoso por estar lá e fazer parte de um dos movimentos mais expressivos da cultura urbana significa bastante, pois é um sentimento que abre um leque de possibilidades. É o sentimento que faz crer e pronunciar que a batalha de que fazem parte é maior e mais conhecida que a própria cidade. Esse sentimento preenche um local íntimo na vida desses sujeitos.

Esse sentimento acaba sendo expresso de diversas formas, seja em uma batalha ou em suas músicas; de forma que parece algo que, por conta de suas dimensões, não "caiba no peito" tendo que ser externado. O orgulho se transforma em um "órgão vital", forte e importante para a sobrevivência, porém é um órgão exposto que, caso ferido, pode causar sequelas; por isso eles de alguma forma sempre estão exercitando essa parte do seu organismo, pois é importante para a vivência e sobrevivência mantê-lo saudável.

Portanto foi possível verificar que, de fato, há uma afecção que parte dos MCs e frequentadores da Batalha do Tanque. Esse orgulho está ligado a memória e, conseqüentemente, a história e tudo aquilo que envolve a batalha. O principal motivo desse sentimento são os títulos que a batalha carrega por conta de seus integrantes, sendo o título principal o do Duelo Nacional de MCs que acontece anualmente. Não que seja datado, mas sim - em algum nível - renovado a cada ano a partir da disputa em que envolve todos os outros estados do Brasil. Porém, esse orgulho de fato ainda é uma área a ser pesquisada, pois é um afecto que pode também ser: revolta, amor, ódio, paixão, gratidão, cobrança, insatisfação e muitos outros.

Hallmann, Breuer e Kühnreich (2013), com emprego de dados oriundos da Alemanha, analisaram quais fatores influenciam o orgulho nacional e felicidade quando atletas de sucesso participam de competições internacionais. Os resultados mostraram que 66,2% dos entrevistados se sentiram orgulhosos e 65,6% se autotransformaram como felizes quando os atletas alemães alcançaram êxito em competições de elevado prestígio. Segundo os resultados obtidos por esses autores, o orgulho nacional e a felicidade podem ser explicados por meio de participação em esportes de elite e variáveis sócio econômicas. (ONUSIC, 2015, p. 178)

O fator de os MCs alcançarem a vitória em batalhas importantes do Brasil (principalmente o Duelo Nacional) influenciam no orgulho e felicidade daqueles que se sentem representados pelos campeões.

Ir ao campo constantemente me mostrou o quanto a batalha não é apenas um espaço de entretenimento que funciona por 5 horas semanais. Ela funciona além daquele espaço, mas aí já não mais como a Batalha do Tanque, mas de outras formas. Pude perceber que ela é composta, de fato, não apenas pela organização e os MCs; cada pessoa que vai toda quarta-feira também é afetada, os comerciantes que tiram parte de seus sustentos de lá também são afetados. Entender de forma mais ampla os bastidores - me refiro a focar uma pesquisa apenas nos frequentadores anônimos e nos ambulantes que lá estão semanalmente - com certeza seria agregador aos estudos referentes à cultura urbana e as rodas de rima.

O campo mostrou que há muito o que compreender acerca de algumas questões que devem e merecem ser mais aprofundadas. A Roda Cultural de São Gonçalo - Batalha do Tanque é um espaço que proporciona oportunidades ao jovem morador de favelas. Há uma cadeia de acontecimentos a partir da resistência que está subjetivamente em cada nova edição da roda, a partir do momento em que os próprios frequentadores se propõem a ocupar o espaço público. Sendo assim aprofundar a questão do orgulho e família dentro daquele espaço são dois tópicos que merecem maior tempo de imersão, já que se misturam; isto posto, também uma biografia mais aprofundada da história da cultura urbana em São Gonçalo

Para além de todos esses afetos e visões, acima de tudo, pude - de fato - perceber a importância de um movimento cultural urbano que tem a capacidade de modificar a vida de pessoas que poderiam não ter uma perspectiva de vida ou cuja perspectiva fosse aquela que enquadra o sujeito nas estatísticas mais cruéis que existem em nossa sociedade. A Batalha do Tanque tem em si diversos defeitos e pontos que podem melhorar, alguns há algum tempo parecem estar sendo modificados como a questão das rimas machistas e homofóbicas. Da mesma forma que algumas artistas mulheres fizeram seu nome em meio a um ambiente opressor, espero que futuramente o Tanque se abra mais e consiga mais uma vez se reinventar: abandonando

velhas ideias que não podemos permitir que ainda transitem em nossa sociedade.

Outro fator que gostaria de pontuar aqui é: pensar uma batalha de rimas me fez perceber o quanto o movimento é gigante, pois nós amantes e entusiastas da cultura, estamos muito mais ligados do que podemos imaginar. Quantas batalhas com um enorme potencial ainda não têm a visibilidade merecida? Quantos MCs ainda esperam uma chance? Quantos afetos podem existir dentro de cada produtor, DJ, MC, b-boy e b-girl e grafiteiro que ainda não descobrimos? Quantas "Batalhas do Tanque", "Batalhas do Real" e "Duelo de MCs" existem Brasil a fora, modificando vidas e ainda não temos ciência?

As Rodas Culturais espalhadas pelo Brasil são pontos de afeto e esperança, um local especial que todos deviam conhecer.

E para além de conclusões acadêmicas, deixo aqui uma playlist em forma de poema ou, se preferir, um poema em forma de playlist que está disponível em <https://bit.ly/2FO4S4I>

"A vida é desafio" então "Corra"!

Não podemos deixar que a nossa luta simplesmente morra!

"No corre" todo mundo é igual

Mas infelizmente o sistema já decidiu a cor e de onde vem o marginal.

Mas deixa estar, a **"Favela Vive"** e sempre vai lutar.

O combate não para! Eles estão descontrolados e perderam a mão.

Temos o rap! O **"rap é compromisso"** e cria um exército de muleques que estão pelo mundo **"traficando informação" "da favela pro mundo"** conquistando tudo o que merecem e provando daquilo que há de bom!

"É o rap" que cria o **"Griot"**: um **"Soldado do morro"**.

Sai do morro pra representar o morro e nunca esquece o morro.

"Um bom lugar" pra se morar, pra viver, crescer...

Desde que quem sobe atirando não acerte você!

Mas pra viver tem de ter **"coragem"**, um ou outro **"dorflex"** e muita disposição pra trocação.

Porque pra muitos nós **"somos o problema"** só porque a gente não cabe no esquema.

Todo mundo aqui é igual: sonhador, trabalhador, sofredor e guerreiro.

Batalhador que já tá na atividade mesmo antes da "**hora de acordar**".

"**Acendam as luzes**"! Amor, to indo trabalhar!

Peço benção pro santo protetor, pro orixá... Vou na fé que "**só Deus pode me julgar**"

A caminhada é longa e a vida é cheia de altos e baixos, repleta de "**castelos e ruínas**". Torcendo sempre pra conseguir passar da próxima esquina.

Com a mochila cheia de sonhos, muitos acham que são drogas, mas não sabem quem somos! Cada um de nós é um "**milionário do sonho**".

Só que o importante... O importante é "**plantar o bem**" sem perguntar "**e se**"?

Pagar o ódio com amor. Ser bom, mas não ser bombom.

Retribuir o olhar "**Frio**" com o olhar do "**olho do tigre**": certo e sem medo.

Porque não paramos para descansar sem escutar "**levanta e anda**", não descansa, vai! Levanta! Anda! Não desiste!

Depois de tanto querer e sofrer por querer, um dia, será o nosso "**triunfo**" e em volta "**todos os olhos em nóiz**"...

Alguns vão aplaudir, fingir que nem estão ali, mas ninguém indiferente.

Não importa. O que importa é o orgulho da nossa gente!

Nosso orgulho é uma "**ponta de lança**" ancestral! Que é a arma que vai "**passando a limpo**" todo o mal.

A luta não será facilmente conquistada. Mas não adianta sermos reis e rainhas se ainda tem menor se matando pra ser rei na quebrada!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. 2ed. LTC: Rio de Janeiro, 1981.

ALVES, Rôssi. Rio de Rimas. - 1. ed - Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

BAUMAN, Zygmunt, Comunidade: a busca por segurança no mundo atual; tradução Plínio Dentzien. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BELLO, Cíntia. Visibilidade mediática cibercultural: apontamentos sobre a fenomenologia do “apareSer”. V Simpósio da ABCiber, 2011.

BONELLI, Maria da Gloria, Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções. In: Cadernos Pagu no.22. Campinas Jan./June 2004: pp. 357-372 Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a15.pdf> > Acesso em 31 de abr 2018 as 21:18

BRUNO, Fernanda. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação In: Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 24 - julho 2004.

BRAGA, Maria Nelma Carvalho. O município de São Gonçalo e sua história. Niterói: Edição Independente, 2006. In: <<http://www.saogoncalo.rj.gov.br/historia.php>> Acesso em 31/07/2017 as 20:45

CAMUS, Albert. O homem revoltado. Tradução de Valerie Rumjanek - 9ª ed, - Rio de Janeiro: Record, 2011.

CANEVACCI, Massimo. A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. Tradução de Cecilia Prada. – 2ª ed. – São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CABRAL, L. A rua no imaginário social. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 01 de agosto de 2005, vol. IX, núm. 194 (60). Disponível em: [<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-60.htm>]. Acesso em 03/01/2018.

CALHEIRO, Ana. Intolerância religiosa. E o que o Rap tem a ver com isso? Disponível em < <http://www.noticiario-periferico.com/2017/10/intolerancia-religiosa-e-o-que-o-rap.html?m=1#.Wf5uBYhrxPZ> > Acesso em 04/11/2017 as 23:56

DELEUZE, Gilles. Espinosa e o problema da expressão. Online. Disponível em <<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/deleuze-g-espinosa-e-o-problema-da-expressc3a3o.pdf>> Acesso em 02/07/2017 as 20:34

DAMATTA, Roberto, A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5ª ed. Rio de Janeiro, 1997.

DOLL, Johannes. Gerações – um olhar para o “Problema das Gerações” de Karl Mannheim. In: Revista Portal de Divulgação, n 28. Ano III. Dez. 2012. pp. 43-49. Disponível em < <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/indez.php> >

ELNINÕ, Thiago, SANT, KMKZ. Pedagoginga. In.: ELNINÕ, Thiago. A Rotina do Pombo. Volta Redonda, 2017. Faixa 12. 1. Disco de virtual.

EMA, Fábio. Entrevista com Ema no Rio. RAP Brasil Especial Graffiti, São Paulo, ano 1, n. 2.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin. Territorialidades cariocas: cultura de rua, sociabilidade e música nas "ruas-galerias" do Rio de Janeiro. In.: Comunicação e Territorialidades. Rio de Janeiro em cena. Orgs. FERNANDES, Cíntia Sanmartin, MAIA, João, Herschmann, Micael. Guararema, SP: Anadarco, 2012.

FONTES, Adriana Sansão. Amabilidade urbana: marcas das intervenções temporárias na cidade contemporânea IN:URBS. Revista de Estudios Urbanos y Ciencias Sociales. Volumen 2, número 1, 2012, páginas 69-93

FOCHI, Marcos Alexandre Bazeia. Hip hop brasileiro: tribo urbana ou movimento social? In: FACOM - nº 17 - 1º semestre de 2007, pp. 61-69. Disponível em <http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_17/fochi.pdf> Acesso em 10/02/2018 as 12:17

GRABOIS, Pedro Fornaciari. Resistência e revolução no pensamento de Michel Foucault: contracondutas, sublevações e lutas. In: Cadernos de Ética e Filosofia Política 19, 2/2011, pp.07-27

GONÇALVES, Rôssi Alves, CARVALHO, Fernanda. O corpo na rua: a linguagem das performances nas Rodas Culturais In: ARTEFACTUM - Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia, v. 8, n. 1, 2014

GONÇALVES, R. A.. Rodas Culturais- a arte nas praças cariocas. Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, v. 8, p. 441-450, 2014.

HAESBAERT, Rogerio. "Território e territorialidade. Um debate". IN: GEOgraphia - Ano IX - No 17 – 2007.

HARVEY, David. "A liberdade da cidade". In: MARICATO, Ermínia et Al. (orgs.). Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo. Boitempo, 2013.

HALL, Stuart, Da diáspora: Identidade e mediações culturais, Org. Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ...[et al], - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Confiança e Sociabilidade. Uma análise aproximativa da relação entre medo e pertença. RBSE, v.1, n.2, pp.151-181, João Pessoa, GREM, agosto de 2002.

KOURY, Mauro G. P. A Antropologia das emoções no Brasil In: Revista Brasileira de Sociologia da Emoção. Volume 4 · Número 12 - Dezembro de 2005, pp: 314 – 328

KURTIS, Elton, A origem do Hip Hop e o seu compromisso, 2014. Disponível em: <<http://www.vaiserrimando.com.br/2014/02/21/origem-hip-hop-e-o-seu-compromisso/>> Acesso em: 28 de julho de 2016.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O olhar distanciado. Lisboa: Edições 70, 1983.

MACIEL JR., Auterives. Resistência e prática de si em Foucault. In: Trivium vol.6 no.1 Rio de Janeiro jun. 2014

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no pedaço. Cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Editora Hucitec, 2003.

MARIANO, Tony. Meu Bairro. In.: MARIANO, Tony. Missão Impossível. Máfia da Caneta. Rio de Janeiro, 2012. 1. Disco Virtual

MASSEY, Doris. “Um sentido global do lugar”. IN: ARANTES, Antonio (org.). O espaço da diferença. Campinas: Papiurus: 2000.

MIGLIORIN, Cezar. O que é um coletivo. In: BRASIL, André (org.). Teia 2002 - 2012. Belo Horizonte: Teia, 2012. p.307-313.

NEGUS, Keith, O business do rap: entre a rua e os escritórios dos executivos das gravadoras In: HERSCHMANN, Micael, Nas Bordas e fora do mainstream musical. Novas tendências da música independente no início do século XXI. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2011. Página 61 – 86

ONUSIC, Luciana Massaro, MENDES-DA-SILVA, Wesley. Orgulho de Ser Brasileiro Impacta o Nível de Felicidade? IN: RAC, Rio de Janeiro, v. 19, n. 6, art. 3, pp. 712-731, Nov./Dez. 2015 Disponível em <

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac20151488> > Acesso em 27/06/2017 as 18:45

PEÇANHA, Érica. Problematizações em torno da expressão "literatura marginal". In: Vozes marginais na literatura. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2009

PREFEITURA DE SÃO GONÇALO. Cidade - História de São Gonçalo. Disponível em: < <http://www.saogoncalo.rj.gov.br/historia.php> > Acesso em 05/10/2017

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Tradução de Monique Augras. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. Dinâmicas identitárias no Facebook: Estratégias De Publicização E Ocultamento De Conteúdos, Xii Congresso ALAIC 2014.

RIO, João do. A rua. _____. A alma encantadora das ruas. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000039.pdf>> Acesso em 10/02/2018 as 13:35.

ROSAS, Ricardo. Notas sobre o coletivismo artístico no Brasil. In: RUA, v. 12, n. 1, 2006. Disponível em < <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640786/8323> > Acesso em 16/01/2018 as 22:14

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SÁ, Simone Pereira de, POLIVANOV, Beatriz Brandão. Materialidade da Comunicação e presentificação do sujeito em sites de redes sociais. XXI Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

SAWAIA, B. B. "Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social" In: Psicologia & Sociedade: Vol. 21, N° 3 (2009): 364-372, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOUZA, Larissa Lima de.; MARFETAN, T. B. . RAP e espaço público na Lapa (RJ): a contribuição da arte pública marginal para a (re)significação dos espaços públicos e a cidadania. In: XV Encuentro de Geógrafos de América Latina: por una América Latina unida e sustentable, 2015, Habana. Anales del XV Encuentro de Geógrafos de América Latina: por una América Latina unida e sustentable, 2015. Disponível em <https://www.academia.edu/19753112/RAP_E_ESPA%C3%87O_P%C3%9ABLICO_NA_LAPA_RJ_A_CONTRIBUI%C3%87%C3%83O_DA_ARTE_P%C3%9ABLICA_MARGINAL_PARA_A_RE_SIGNIFICA%C3%87%C3%83O_DOS_ESPA%C3%87OS_P%C3%9ABLICOS_E_A_CIDADANIA> Acesso em 23/08/2017 as 03:45

SOUZA, Marcelo Lopes. Disputa simbólica e embates políticos na cidade empresarialista”. IN: VASCONCELOS, Pedro de Almeida, CORREA, Roberto Lobato, PINTAUDI, Silvana Maria (Orgs). A cidade contemporânea: segregação espacial. São Paulo. Editora Contexto, 2013. pp. 127-146.

TORRES, Ton. O fenômeno dos memes In: Cienc. Cult. vol.68 no.3 São Paulo July/Sept. 2016, p. 60-61 Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v68n3/v68n3a18.pdf>

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

WACQUANT, Loic, Ghetto, 2004. Disponível em:<<http://www.loicwacquant.net/assets/Papers/GHETTO-ntlEncySocBehavSciences.pdf>> Acesso em 27 de julho de 2016.

ZUMTHOR, P. Introdução à poesia oral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

LINKS UTILIZADOS

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=330490>>
<https://tvuol.uol.com.br/video/tapete-de-sal-em-sao-goncalo-e-o-maior-da-america-latina-04020C9B3968D0916326>
<https://www.vagalume.com.br/mc-marechal/a-rua-sabe.html>
<https://www.dicio.com.br/xenofobia/>
<https://www.youtube.com/watch?v=O080jxn9g>
https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=947916058664216&id=932745476847941
<https://www.priberam.pt/dlpo/xenofobia>
<https://www.youtube.com/watch?v=hnhmN0wAlzM&feature=youtu.be>
<https://www.youtube.com/watch?v=QIOrR1HJ-Ng>
<https://www.youtube.com/watch?v=NZoGmtKlIVg>
<https://www.youtube.com/watch?v=2Nj6KQoIDmM>
<https://www.youtube.com/watch?v=3eSN4-sSQmU>
https://www.youtube.com/watch?v=DOPG_iWwg2g
<https://www.youtube.com/watch?v=80Q1vu1AJW8>
<https://www.youtube.com/watch?v=zpp2Kxl1Oyw>
<https://www.facebook.com/lucasactf/posts/929271357228879?pnref=story>
<https://www.youtube.com/watch?v=zpp2Kxl1Oyw>
<https://www.youtube.com/watch?v=fy5cbFxoS2M>
<https://www.facebook.com/JMuayThai/posts/1211338845643578>
<https://www.facebook.com/groups/565223123668632>
<https://www.facebook.com/groups/565223123668632/permalink/644201859104091/>
https://www.youtube.com/watch?v=_TFAbTANNm0
<http://www.portalrap24horas.com.br/2017/05/choice-nego-drama-e-thiago-vencem-knust.html>
<https://www.facebook.com/APSBRmilgrau/photos/a.887631984702211.1073741828.873796949419048/1127863194012421/?type=3&theater>

<https://www.facebook.com/APSBmilgrau/photos/a.887631984702211.1073741828.873796949419048/1098099896988751/?type=3&theater>

<http://www.instagram.com/batalhadotank>

https://play.google.com/music/preview/Tbrgdsjiitsobe6ze3vb6eakasi?lyrics=1&utm_source=google&utm_medium=search&utm_campaign=lyrics&pcampaignid=kp-lyrics

<https://portuguese.stackexchange.com/questions/3279/qual-a-origem-do-termo-panelinha-para-um-grupo-fechado-de-pessoas>

<https://vaiserrimando.com.br/2014/02/05/quem-foram-os-panteras-negras/>

<https://www.biografiasyvidas.com/biografia/m/malcolm.htm>

<https://www.biografiasyvidas.com/biografia/k/king.htm>

<https://vaiserrimando.com.br/2015/04/14/triunfo-historia-nelson-triunfo-hip-hop/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Medgar_Evers

https://pt.wikipedia.org/wiki/Emmett_Louis_Till

https://pt.wikipedia.org/wiki/Rosa_Parks

https://en.wikipedia.org/wiki/Dorothy_Counts

https://pt.wikipedia.org/wiki/Martin_Luther_King_Jr.

<https://genius.com/Thiago-elnino-pedagoginga-lyrics>

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1624078581140973&set=t.100006165394113&type=3&theater>

<https://www.priberam.pt/dlpo/cria>

<https://www.priberam.pt/dlpo/rel%C3%ADquia>

<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1519.nsf/18c1dd68f96be3e7832566ec0018d833/92d9b55a14efb63a8325811c00674c4e?OpenDocument>

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/65310-orgulho-e-preconceito.shtml>

<https://www.geledes.org.br/historia-dos-panteras-negras-em-27-fatos-importantes/>

<http://videos.band.uol.com.br/15875174/adolescente-e-vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-de-janeiro.html>

<https://www.facebook.com/RapRJJ>

<https://www.facebook.com/Rap24HorasBlog>

<https://www.youtube.com/watch?v=MpO8aTulyfg>

<https://www.youtube.com/watch?v=yiKAN1upmKY>

https://www.youtube.com/watch?v=vKmD_UEOD2A

https://www.youtube.com/watch?v=er-bYI9-3hM&pbjreload=10&has_verified=1

<https://www.youtube.com/watch?v=G6uuawdNRno>